UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SHEYLA SANTANA MACHADO

O SUJEITO ADOLESCENTE E OS IMPASSES FRENTE À LEI: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

SALVADOR
2015

SHEYLA SANTANA MACHADO

O SUJEITO ADOLESCENTE E OS IMPASSES FRENTE À LEI: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Andéa Hortélio Fernandes.

SALVADOR
2015

M149s Machado, Sheyla Santana
O sujeito adolescente e os impasses frente à lei: uma leitura psicanalítica/ Sheyla Santana Machado. 2015.
Xii, 105 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Hortélio Fernandes
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia , Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2015.

1. Psicologia. 2. Adolescentes – atos ilícitos. 3. Adolescência - Responsabilidade - Direito. 4. Adolescências – psicologia. 5. Responsabilidade – psicanálise. 6. Sujeito (Filosofia). I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II.Fernandes, Andréa Hortélio. III. Título: uma leitura psicanalítica.

CDD: 150.195

SHEYLA SANTANA MACHADO

O SUJEITO ADOLESCENTE E OS IMPASSES FRENTE À LEI: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em tecnologia.
.

Aprovado em 10 de Julho de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Andréa Hortélio Fernandes (orientadora)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

_____
Profª. Drª. Alba Riva Brito de Almeida
Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

_____
Prof.ª Dr.ª Cristiane de Oliveira Santos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dedico esse trabalho a

Meu pai, Max Machado, que me transmitiu a disciplina e determinação necessárias à partida,
Minhas filhas, Camila e Natália, que dia-a-dia me desvelam um horizonte,
Meu marido, Carlos Francisco, para onde todos os meus passos convergem,

E

Meus pacientes, que me ensinam o que é preciso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Prof^{a}. Dr^{a}. Andréa Hortélio Fernandes, minha orientadora, por seu incentivo e acolhimento, por seus valiosos comentários e sugestões, mas, sobretudo, por me ajudar a entender, a cada passo, onde eu mesma queria chegar.

À Prof^{a}. Dr^{a}. Cristiane Oliveira, por sua leitura atenta e criteriosa nos Seminários de Qualificação, que tanto contribuíram para os rumos dessa dissertação, bem como na banca de defesa.

À Prof^{a}. Dr^{a}. Alba Riva Brito de Almeida por ter aceitado participar de minha banca de defesa e por suas preciosas contribuições a este trabalho.

À doutoranda Shimênia Oliveira, por sua leitura cuidadosa e valiosas contribuições no Seminário de Qualificação.

A todo o corpo docente do POSPSI, em particular, às Prof^{as}. Marilena Ristum, Virgínia Dazzani e Lia Lordelo, agradeço o acolhimento e apoio.

Aos funcionários do POSPSI, agradeço a disponibilidade e cordialidade.

A todos os sujeitos adolescentes que me permitiram acompanhar um pouco de sua jornada e que forneceram as principais balizas para a realização deste trabalho.

A todos os autores que, ao longo dos últimos dois anos, contribuíram tanto para a minha formação.

A meu marido Carlos Francisco, que esteve sempre ao meu lado, removendo todas as pedras do caminho, não permitindo que eu tropeçasse em nenhuma delas, obrigada por todo o suporte na informática, pela localização de referências, pela encomenda de livros, pela revisão do abstract, e pela paciência e bom humor com que acompanhou todas as minhas crises de ansiedade.

A Camila e Natália, minhas filhas queridas, pelo carinho e paciência que tiveram comigo nos momentos mais difíceis desse trabalho.

A Max Machado, meu pai, pela compreensão em todas as vezes que precisei faltar a nossos encontros semanais.

À minha querida amiga Jovanka Simões, com quem compartilho todos os dias o valor da amizade, um agradecimento especial por seu apoio, incentivo e por ter vindo de tão longe para torcer por mim.

À querida amiga Vera Mota, pelo incentivo e apoio carinhoso além da riqueza da interlocução que tanto contribuiu para a elaboração desta pesquisa.

À colega Delma Barros, pela atenção e disponibilidade em momentos decisivos dessa caminhada. Posso dizer que Delma foi uma referência para mim. Muito obrigada!

Ao amigo Júlio Vasconcelos, por ter contribuído para a minha decisão de iniciar o mestrado e

pela disponibilidade para ler a dissertação, bem como por seus valiosos comentários, que tanto ajudaram na preparação da defesa.

À amiga Ana Flávia Santana, agradeço a disponibilidade para ler meus escritos e o apoio em todos os momentos que precisei de ajuda.

Ao amigo Geraldo Natanael, agradeço o carinho e apoio, além de todos os textos que me enviou ao longo desse trabalho.

Ao amigo Luiz Alberto Tavares, pela disponibilidade para me ouvir e pelas trocas que enriqueceram minha pesquisa.

Aos colegas do grupo de pesquisa em psicanálise, pelas trocas enriquecedoras e, muitas vezes, divertidas, que ajudaram a suavizar o árduo caminho até a conclusão dessa dissertação. Agradeço a Ana Flávia Santana, Geraldo Natanael, Ila Nunes, Shimênia Oliveira, Cynara Araújo, Ana Laura Pepe e Carla Martins.

Às colegas de disciplina Ana Flávia Fattore e Romina Echevarria pelo apoio e amizade no início da caminhada e Lua Santos Souza e Júlia Torres pelas trocas valiosas já próximo à chegada.

A todos os colegas mestrandos e doutorandos da turma de 2013, por tornarem mais leve uma jornada que é por natureza árdua.

Aos colegas da Câmara Municipal de Salvador, em particular os coordenadores Paulo Araújo, Sidelmar Castro, Ronilda Trindade e Adriana Nery, pela compreensão e apoio em momentos difíceis dessa trajetória.

A Amanda, amiga e colega, pelo carinho e apoio, além da imensa ajuda prática que me prestou nos últimos dois anos, tanto na informática quanto assumindo parte de minhas tarefas. Muito obrigada!

Ao Centro de Referência do Adolescente Isabel Souto (CRADIS/SESAB), Centro de Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA) e Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcante (ARD-FC/UFBA), pelos anos de aprendizado que me permitiram desenvolver esta pesquisa.

DIANTE DA LEI

Diante da Lei há um guarda. Um camponês apresenta-se diante deste guarda, e solicita que lhe permita entrar na Lei. Mas o guarda responde que por enquanto não pode deixá-lo entrar. O homem reflete e pergunta se mais tarde o deixarão entrar. – É possível – disse o porteiro –, mas agora não. A porta que dá para a Lei está aberta, como de costume; quando o guarda se põe de lado, o homem inclina-se para espiar. O guarda vê isso, ri-se e lhe diz: – Se tão grande é o teu desejo, experimenta entrar apesar de minha proibição. Mas lembra-te de que sou poderoso. E sou somente o último dos guardas. Entre salão e salão também existem guardas, cada qual mais poderoso do que o outro. Já o terceiro guarda é tão terrível que não posso suportar seu aspecto. O camponês não havia previsto estas dificuldades; a Lei deveria ser sempre acessível para todos, pensa ele, mas ao observar o guarda, com seu abrigo de peles, seu nariz grande e como de águia, barba longa de tártaro, rala e negra, resolve que mais lhe convém esperar. O guarda dá-lhe um banquinho, e permite-lhe sentar-se a um lado da porta. Ali espera dias e anos. Tenta infinitas vezes entrar, e cansa ao guarda com suas súplicas. Com frequência o guarda mantém com ele breves palestras, faz-lhe perguntas sobre seu país, e sobre muitas outras coisas; mas são perguntas indiferentes, como as dos grandes senhores, e para terminar, sempre lhe repete que ainda não pode deixá-lo entrar. O homem, que se abasteceu com muitas coisas para a viagem, sacrifica tudo, por mais valioso que seja, para subornar ao guarda. Este aceita tudo, com efeito, mas lhe diz: – Aceito-o para que não julgues que tenha omitido algum esforço. Durante esses longos anos, o homem observa quase continuamente ao guarda: esquece-se dos outros, e parece-lhe que este é o único obstáculo que o separa da Lei. Maldiz sua má sorte, durante os primeiros anos temerariamente e em voz alta; mais tarde, à medida que envelhece, apenas murmura para si. Retorna à infância, e como em sua longa contemplação do guarda, chegou a conhecer até as pulgas de seu abrigo de pele, também suplica às pulgas que o ajudem e convençam ao guarda. Finalmente, sua vista enfraquece-se, e já não sabe se realmente há menos luz, ou se apenas o enganam seus olhos. Mas em meio da obscuridade distingue um resplendor, que surge inextinguível da porta da Lei. Já lhe resta pouco tempo de vida. Antes de morrer, todas as experiências desses longos anos se confundem em sua mente em uma só pergunta, que até agora não formou. Faz sinais ao guarda para que se aproxime, já que o rigor da morte endurece seu corpo. O guarda vê-se obrigado a baixar-se muito para falar com ele, porque a disparidade de estaturas entre ambos aumentou bastante com o tempo, para detrimento do camponês. – Que queres saber agora? – pergunta o guarda – És insaciável. – Todos se esforçam por chegar à Lei – diz o homem –; como é possível então que durante tantos anos ninguém mais do que eu pretendesse entrar? O guarda compreende que o homem está para morrer, e para que seus desfalecentes sentidos percebam suas palavras, diz-lhe junto ao ouvido com voz atroadora: – Ninguém podia pretender isso, porque esta entrada era somente para ti. Agora vou fechá-la.

Franz Kafka

MACHADO, Sheyla Santana. **O sujeito adolescente e os impasses frente à lei:** uma leitura psicanalítica. 105 f. il. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

RESUMO

A experiência clínica com sujeitos adolescentes desvela dois fenômenos que frequentemente caracterizam a passagem da infância à idade adulta: a dificuldade do desligamento da autoridade parental e o surgimento de manifestações sintomáticas que privilegiam o agir. Essa pesquisa tem como objetivo geral examinar, na perspectiva psicanalítica, o processo de desligamento da autoridade parental e os impasses frente à lei, articulando-os às manifestações sintomáticas que estes sujeitos apresentam, em particular, no que se refere à assunção da responsabilidade frente ao gozo e ao desejo. Este objetivo se desdobra em três passos intermediários: identificar o processo de desligamento parental de sujeitos adolescentes, tomando em consideração as noções de desejo e gozo; analisar o tratamento dado pela psicanálise à responsabilidade pelo gozo nas manifestações sintomáticas, considerando a questão do desligamento da autoridade parental; identificar as relações do sujeito adolescente com o gozo, enfocando suas modalidades de acordo com a teoria de Jacques Lacan. O método utilizado é a construção do caso clínico no qual o saber produzido numa análise é metaforizado em formulações teóricas, tendo como efeito uma atualização dos conceitos estabelecidos, no sentido da produção de novas abordagens e tratamento do tema investigado. Nesta pesquisa, foram selecionados fragmentos clínicos de dois sujeitos adolescentes cujas manifestações sintomáticas (depressão e *bullying*) acarretaram prejuízos importantes na possibilidade de inscrever-se no laço social e atender às exigências da vida. Essa pesquisa se justifica no sentido de ampliar a visão sobre a subjetividade na adolescência e, deste modo, fornecer subsídios adicionais àqueles que lidam com adolescentes em suas práticas profissionais cotidianas. Sua relevância se centra na contribuição que poderá oferecer ao debate atual em torno da extensão da adolescência. Na discussão dos casos, chegou-se à conclusão de que as manifestações sintomáticas representam, no sujeito adolescente, um primeiro tempo de elaboração do encontro com o real do sexo sob a égide do supereu, como representante paterno. Nesse processo, a autoridade parental vem a ser substituída pela autoridade dos significantes singulares do sujeito. Além disso, verificou-se que o trabalho significante responde pela transformação do sintoma, sendo que todas as fases que o sintoma atravessa implicam uma forma particular de responsabilidade em relação ao gozo e, portanto, de inscrição no laço social. Finalmente, foi possível confirmar a importância da oferta de um espaço de fala que permita aos sujeitos adolescentes fazer face ao real do sexo e da morte, bem como assumir a responsabilidade pelo próprio destino.

Palavras-chaves: Adolescência. Lei. Sintoma. Responsabilidade. Psicanálise.

MACHADO, Sheyla Santana. **The subject teenager and deadlocks front of the law**: a psychoanalytic reading. 105 f. il. 2015. Thesis (MA) - Graduate Program in Psychology, Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador , 2015

ABSTRACT

The clinical experience with teenager subjects unveils two phenomena that currently characterize the passage from childhood to adulthood: the difficulty of detachment from parental authority and the emergence of symptomatic manifestations which privilege the act. This research has as general objective to examine, at a psychoanalytic perspective, the detachment process from parental authority and the impasses facing the law, linking them to the symptomatic manifestations that these subjects present, in particular, with regard to the assumption of the responsibility facing the *jouissance* and the desire. This objective unfolds in three intermediate steps: identify the parental detachment process of adolescent subjects, taking into consideration the notions of desire and *jouissance*; analyse the treatment given by the psychoanalysis to the responsibility for the *jouissance* in the symptomatic manifestations, taking in account the issue of the detachment of parental authority; identify the relationship of the adolescent subject with *jouissance*, focusing on its modalities in accordance with the theory of Jacques Lacan. The method used is the construction of clinical case, in which the knowledge produced in an analysis is methaphorized in theoretical formulations, having the effect of a refresh of the established concepts, towards the production of new approaches and treatment of the investigated theme. In this research, we selected clinic fragments of two teenager subjects, whose symptomatic manifestations (depression and bullying) led to important prejudices in the ability to inscribe themselves in the social bond and meet the demands of life. This research intent is to enlarge the vision about the subjectivity in adolescence and provide additional subsidies to those who deal with adolescents in their everyday professional practices. Its relevance is focused on the contribution that can offer the current debate around the extension of adolescence. In the discussion of the cases, it was concluded that symptomatic manifestations represent, on the adolescent subject, a first time of preparation of the encounter with the real of sex under the aegis of the superego, as paternal representative. In this process, the parental authority is replaced by the authority of the subject's singular signifiers. in addition, it was found that work on signifiers is responsible for the transformation of the symptom, and all stages that the symptom crosses, involve a particular form of responsibility with regard to the *jouissance* and, therefore, of inscription in the social bond. Finally, it was possible to confirm the importance of offering to teenager subjects a talking space that allows them to face with the real of sex and death, as well as take responsibility for their own fate.

Keywords: Adolescence. Law. Symptom. Responsibility. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formação do sintoma..... 66
Figura 2 – Rede significante de Barbie..... 89
Figura 3 – Rede significante de Back..... 90

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 13

2 MÉTODO 22

2.1 A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA 22

2.2 A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO..... 24

2.3 OS CASOS SELECIONADOS..... 26

2.3.1 O caso Back..... 26

2.3.2 O caso Barbie 27

3 O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A ADOLESCÊNCIA..... 28

3.1 PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA..... 28

3.2 A PASSAGEM DA ADOLESCÊNCIA E SEUS RITUAIS..... 31

4 A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA..... 35

4.1 A PSICANÁLISE E A ADOLESCÊNCIA COMO QUESTÃO..... 35

4.2 FREUD E “AS TRANFORMAÇÕES DA PUBERDADE”..... 43

4.3 LACAN E *O DESPERTAR DA PRIMAVERA*..... 46

5 O SUJEITO ADOLESCENTE E A LEI..... 49

5.1 O ENCONTRO COM O REAL DO SEXO E A RESPONSABILIDADE PELO GOZO..... 51

5.2 O SUPEREU OU A FACE CULPADA DA RESPONSABILIDADE..... 58

5.3 O SIGNIFICANTE E A QUESTÃO DA FILIAÇÃO..... 65

5.4 A TRANSFORMAÇÃO DO SINTOMA: DA CULPA À RESPONSABILIDADE... 74

5.5 O SUJEITO É SEMPRE RESPONSÁVEL: ESCOLHA E LAÇO SOCIAL..... 78

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 94

REFERÊNCIAS..... 101

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da adolescência surgiu a partir da minha prática clínica com adolescentes e seus pais, tanto em consultório privado como em três instituições públicas: o Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA); a Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcante (ARD-FC/UFBA) e o Centro de Referência do Adolescente Isabel Souto (CRADIS/SESAB). A escuta desses jovens – num contexto teórico-clínico referenciado pela psicanálise – revelou a existência de traços comuns em situações, por outro lado, profundamente díspares.

Com efeito, evidenciou-se um modo de relação com a autoridade parental e seus substitutos que variava de uma submissão absoluta à mais completa rebelião, expressa, muitas vezes, pelo mesmo adolescente. Uma oscilação dessa natureza é, em certa medida, pertinente num momento da vida no qual as significações da infância são abaladas pelas exigências da puberdade. Contudo, a intensidade dessas manifestações, somada às queixas trazidas pelos jovens e/ou seus pais – depressão, abuso de drogas, violência, fracasso escolar, apatia, entre outras – mobilizou nossa escuta a ir além da generalização explicativa contida no termo adolescência, para indagar o que se passa com esses sujeitos.

Na verdade, foi possível verificar que, tanto uma posição, quanto a outra (rebelião e submissão) correspondiam a duas formas diferentes, e aparentemente opostas, de manifestar a mesma dificuldade de emancipar-se da autoridade parental. Mais do que isso, tal dificuldade parecia resultar, ora numa impossibilidade de iniciar a adolescência, ora num prolongamento desta. Tais indagações motivaram o interesse em pesquisar sobre o tema da adolescência, em particular a questão do desligamento da autoridade parental, seus determinantes, circunstâncias e efeitos.

Entre os efeitos considerados, destacamos as apresentações sintomáticas, que podem variar desde o sintoma neurótico clássico (fobias, histeria, obsessões, inibições) – terreno tradicional da psiquiatria –, passando pela clínica das impulsões (abuso de drogas, violência, tentativa de suicídio, automutilações, compulsões em geral) – que, ademais, impactam o campo social – até as manifestações sintomáticas mais privadas na esfera do amor e do desejo.

Foram tais manifestações sintomáticas que conduziram os jovens Back e Barbie ao meu consultório. Os nomes são naturalmente fictícios e foram escolhidos enquanto significantes importantes para a construção dos respectivos casos clínicos. Enquanto Back trazia a queixa de depressão e abandono escolar, Barbie queixava-se de ser vítima de *bullying*

na escola. O *bullying* escolar é um fenômeno que tem atraído muita atenção entre os estudiosos da adolescência, não só em função de sua estreita ligação com essa fase da vida, mas, sobretudo, por seu impacto social, configurando uma das vertentes da violência atualmente praticada pelos jovens. Entendemos que o exercício sistemático da violência integra o que a psicanálise tem chamado de patologias do ato – em sua dupla vertente de *acting-out*[1] e passagem ao ato[2].

No caso de Barbie, duas características especificam a situação apresentada. Em primeiro lugar, o fato de tratar-se de *bullying* feminino que, ao contrário do que se passa com as gangues de rapazes, não costuma se manifestar como agressão física, mas como violência moral. Por outro lado, o fato de que ela é objeto, e não sujeito da ação violenta. Este último aspecto poderia pôr em questão sua inclusão na categoria de patologia do ato, mas o desenrolar de sua análise virá nos mostrar a pertinência dessa inclusão.

Para a psicanálise, qualquer que seja o caso, o sintoma, ao contrário do que se passa em outros campos do saber, não é algo a ser extirpado como um corpo estranho. Ele faz referência à verdade do sujeito. Aliás, foi justamente ao levar o sintoma histérico de conversão à condição de porta-voz da verdade do sujeito que Freud ([1895]/1969b) criou a psicanálise. Neste sentido, podemos dizer que é a reconversão do sintoma em fala que está na origem tanto do saber da psicanálise, quanto da direção da cura.

Deste modo, segundo Freud ([1917]/1969q), o sintoma, ao ser enlaçado pela cadeia do discurso (associação livre) vai revelar-se uma realização de desejo de caráter sexual, e manifesta, portanto, a sexualidade do sujeito. Contudo, como formação de compromisso (FREUD, [1917]/1969q), ele expressa tanto o referido desejo quanto a lei que barra sua realização, na medida em que tal realização pode vir a comportar um risco psíquico para o sujeito.

Lacan ([1959-1960]/2008) vai fornecer uma inestimável contribuição ao elaborar, no campo teórico da psicanálise, a noção de gozo que, tomado num sentido absoluto, é o que está tanto no fundamento quanto no horizonte do desejo, e precisa ser barrado para que o desejo possa subsistir e impulsionar as realizações da civilização. Com efeito, seguindo as pistas fornecidas pelas observações clínicas de Freud e seus desenvolvimentos teóricos, em particular nos textos: *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, [1895/1969a) e *Além*

---

[1] Ato impulsivo endereçado ao Outro, como um apelo. (LACAN, [1962-1963/2005]).

[2] Ato impulsivo não endereçado ao Outro, quando o sujeito se reduz ao objeto e sai de cena. (LACAN, [1962-1963/2005]).

do Princípio do Prazer (FREUD, [1920]/1969v), Lacan ([1959-1960]/2008) vai definir o gozo como um "excesso" que, enquanto tal, ultrapassa as possibilidades de metabolização subjetiva, fazendo-se sentir no corpo e no psíquico como desprazer.

Tal "excesso" – implicado no risco psíquico mencionado acima – é o que vai fundamentar a noção de trauma em psicanálise. Mais ainda, é esta noção de gozo, enquanto trauma, que vai constituir um vazio de significações no próprio centro da subjetividade humana, vazio ao qual o homem tenta continuamente conferir significação e que, no entanto, sempre retorna. Nessa perspectiva, o desejo é considerado um efeito da lei, o resultado da perda de gozo e aponta para sua significação. O sintoma, como expressão do desejo, é uma das formas possíveis de significação.

Vale ressaltar que, para a psicanálise (FREUD, [1905]/1969c), o desenvolvimento da sexualidade não tem início na puberdade, mas, ao contrário, já se faz sentir a partir da primeira infância. E nesse entrelaçamento de gozo, lei e desejo que constitui a sexualidade humana, os pais ou seus substitutos terão importante papel a desempenhar como organizadores da sexualidade infantil, não só porque polarizam os impulsos sexuais da criança, mas porque devem responder pela transmissão da lei do desejo, com a perda de gozo que esta comporta. É o que a psicanálise designa como complexo de Édipo (FREUD, [1905]/1969c) ou metáfora paterna (LACAN, [1957-1958]/1995), uma estrutura psíquica que se apoia, inicialmente, no par parental.

Ora, se na infância os pais assumem uma parcela maior de responsabilidade na gestão do gozo e encaminhamento do desejo, propiciando um equilíbrio relativo que não se faz sem obstáculos, como atestam os sintomas infantis, na adolescência, por sua vez, novos arranjos serão necessários. Isso porque o recrudescimento dos impulsos sexuais, proporcionado pelas transformações da puberdade (FREUD, [1905]/1969c), impõe uma desestabilização das significações alcançadas na infância, exigindo novo trabalho psíquico frente a um excesso de gozo, que adquire um valor traumático para o jovem púbere.

No entanto, parte desse excesso decorre do próprio fato de que a autoridade parental, por razões de estrutura, não mais se apresenta em condições de responder pelo ordenamento entre gozo, lei e desejo. A transformação do corpo infantil em corpo adulto, que abre para o sujeito a possibilidade suposta de fruição de todos os gozos que povoam as fantasias puberais, em particular os incestuosos, segue em paralelo com a percepção das fragilidades parentais, num processo de queda das idealizações infantis, o que será de grandes consequências. Cabe destacar que o gozo aqui é tomado como o "excesso" que surge no horizonte da atualização das fantasias incestuosas infantis e responde pela retomada da atividade masturbatória.

Nesse ponto, os sintomas podem se agudizar e muitas vezes o fazem, extrapolando a esfera psíquica em direção ao agir, e exercendo forte impacto no campo social, o que torna a clínica do adolescente tão marcada pelas impulsões e pelo ato, como mencionado anteriormente. Tais vicissitudes sintomáticas nada mais são que a expressão do fato de que a perda da eficácia simbólica dos pais infantis, como garantia da lei, impõe sua substituição por uma nova mediação simbólica que venha ordenar gozo, lei e desejo. Em outras palavras, trata-se aqui do ponto em que o processo de responsabilidade pela gestão do gozo deve sair da esfera dos pais e recair, inteiramente, sobre o próprio sujeito.

É nesse contexto que podemos compreender, num sentido mais profundo, a formulação de Freud ([1905]/1969c) quando afirma, no terceiro capítulo de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, intitulado *As Transformações da Puberdade*:

> Ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais [...]. (FREUD, [1905]/1969c, p. 234)

Por outro lado, a questão das vicissitudes sintomáticas do sujeito adolescente frente à autoridade parental também receberá novos desdobramentos a partir do ensino de Lacan. Com efeito, no livro *O seminário, livro 11; os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, [1964]/1988), este autor descreve o processo de constituição subjetiva a partir de duas operações fundamentais, a saber: a alienação e a separação.

Consequência da condição de linguagem própria do humano, a alienação implica que o *infans*[3] deve se fazer representar no campo do Outro[4] simbólico – entendido como lugar do código ou conjunto dos significantes – por um significante[5] entre tantos que lhe são ofertados pelo Outro primordial (materno), e com o qual deverá se identificar.

A segunda operação da constituição subjetiva, a separação, parte da falta estrutural do Outro materno, que determina que, para além da alienação da criança aos significantes do Desejo da Mãe, subsista uma hiância que faz surgir o desejo do Outro primordial sempre como enigma. Igualmente, esta falta estrutural conduz a que, no espaço intermediário entre o sujeito e o Outro, o objeto venha a se constituir como resto a ser significado pela fantasia que fundamenta o desejo inconsciente. Trata-se da metáfora paterna (LACAN, [1957-1958]/1999), a qual implica na construção de uma nova significação que responda à questão

---

[3] A criança em idade anterior à aquisição da linguagem.

[4] Dimensão do psiquismo que representa a alteridade irredutível; no processo inicial de constituição subjetiva, se encarna nas figuras parentais.

[5] Segundo Lacan ([1964]/1988), é o que representa o sujeito para outro significante.

do desejo do Outro.

Um ponto importante a considerar é que o sintoma, na condição de retorno do recalcado (FREUD, [1917]/1969q), fixa os restos da operação de corte e separação, tendo a função de ponto de amarração da estrutura. Assim, em Lacan, o sintoma, mais que qualquer outra formação do inconsciente, responde pelo destino do sujeito.

Como fundamento da estrutura, edificada desde a infância, as operações de alienação e separação se renovam a cada etapa da vida do sujeito, produzindo, a cada vez, novas significações. A adolescência é um momento em que a relativa estabilidade alcançada na infância vacila em função do aporte de gozo ocasionado pelas transformações que marcam a puberdade, exigindo um trabalho de elaboração no qual as referidas operações se renovam.

Contudo, o par parental que, na infância, pôde sustentar a posição do Outro (Outro primordial, Outro da lei), possibilitando a constituição da estrutura, na adolescência será deslocado desta posição. Deste modo, novas encarnações do Outro, agora no campo social, podem fornecer o suporte necessário para as referidas operações constitutivas.

No entanto, antes que seja possível ao sujeito realizar o processo de deslocamento do Outro das figuras parentais, há um momento em que a puberdade traz consigo a retomada da sexualidade infantil e, em particular, o reinvestimento edípico (FREUD, [1905]/1969c). Tal retorno se justifica pelo fato de as figuras parentais terem retido, ao longo do desenvolvimento da criança, a quota de libido disponível e, em particular, pelo fato de ter sido exatamente a estrutura edípica que possibilitou ao sujeito infantil fazer face ao gozo.

Contudo, nesse meio tempo, as figuras parentais já começam a perder parte de sua idealização, o que permitirá ao investimento edípico puberal funcionar como ocasião para sua ultrapassagem. Assim, trata-se agora de que o sujeito possa inverter a posição original, indo além do pai e tomando a si a responsabilidade por seu gozo. Do modo como essa ultrapassagem puder ser realizada dependerá o destino do sujeito adolescente, e a clínica só vem confirmar a opinião de Freud ([1905]/1969c), de que não só esta é a principal tarefa da adolescência, como também, “[...] a mais dolorosa e de maiores consequências [...]”. (FREUD, [1905]/1969c, p. 234)

No artigo *Romances Familiares* (FREUD, [1908]/1969h), ao descrever as fantasias próprias do período puberal – fantasias nas quais os pais reais são substituídos por figuras idealizadas –, Freud afirma que tais fantasias nada mais são que uma formação de compromisso entre a decepção e o desligamento em relação aos pais, próprios do final da infância, e a tentativa de recuperar a idealização parental primeira.

Mais tarde, no artigo *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (FREUD,

[1914]/1969p), o fundador da psicanálise vai tratar das relações do púbere com seus mestres, tomando como base suas relações com o pai. Finalmente, no artigo *Psicologia de grupo e análise do eu* (FREUD, [1921]/1969u), ao tratar da figura do líder, é novamente ao contexto paterno que Freud irá remeter as relações grupais, afirmando o vínculo paternal que, por exemplo, liga o soldado a seu comandante.

Assim, em Freud, o desligamento da autoridade parental não vai muito além de sua substituição por qualquer figura que o social possa conceber. Para ele, a autoridade jamais deixa de ser referida ao pai, seja na família, seja na cultura, sendo o amor ao líder/pai o fundamento do laço social (FREUD, [1921]/1969u). Mesmo as manifestações sintomáticas que acompanham esse processo permanecem no registro edípico, o que faz Freud ([1905]/1969c) afirmar que o complexo de Édipo é o complexo nuclear da neurose.

Se as figuras de autoridade substitutas, calcadas sobre os traços dos seus modelos originais, permanecem investidas no inconsciente, isso quer dizer que, em certo sentido, o que Freud preconizava como a tarefa psíquica da adolescência, jamais se realiza. De fato, para ele, a dissolução do Édipo – que funda a instância do supereu – se faz, na maioria das vezes, concomitantemente ao recalque, que, ao mesmo tempo, preserva seus traços. (FREUD, [1924]/1969x)

Lacan parece apostar em outra saída. Na releitura estrutural que faz do Édipo freudiano, Lacan ([1957-1958]/1999) acaba por trazer o complexo de castração para o primeiro plano da teoria, reelaborando-o em termos da noção de metáfora paterna, operação de substituição do significante do desejo do Outro materno por aquele do Nome-do-pai. Como consequência, uma significação emerge e uma lei simbólica se inscreve. Para este autor, é a metáfora paterna que vai operar a redução do gozo seja na infância, seja na puberdade.

Note-se que a metáfora paterna, embora seja, desde o início, concebida como uma função simbólica que cumpre, ainda na infância, a função de abalar a posse da criança pela mãe como objeto de seu desejo, modulando a lei materna, ainda assim se apoia na figura do pai como o centro do universo simbólico do sujeito humano. A partir daí, Lacan ([1957-1958]/1999) vai avançar no sentido de uma progressiva (des) imaginarização da teoria, de início em direção à noção múltipla de Nome-do-Pai, através da qual se multiplica o Nome-do-Pai em tantos significantes quanto sejam os suportes dessa função. Deste modo, afastando-se cada vez mais do Édipo como complexo, chega a fazer avançar o próprio conceito de sintoma que, em Freud, se assenta no conflito edípico.

Em Lacan ([1957-1958]/1999), portanto, o desligamento da autoridade dos pais (encarnações originais do Outro), em suas conexões com a gestão do gozo, deverá avançar a

tal ponto que o Outro vem a ser desconectado das figuras imaginárias – parentais ou sociais – que uma vez o representaram e passa ser formulado como o Outro sexo. Ou seja, o limite da lei confina com o real da diferença sexual e a tarefa crucial do sujeito adolescente se torna, neste sentido, encontrar, para além do pai e substitutos, o caminho em direção ao significante fálico e, através dele, posicionar-se na partilha dos sexos.

Nesse contexto, cabe formular as seguintes questões: se foi possível, outrora, bem ou mal, realizar o desligamento da autoridade parental através da substituição de suas figuras representativas, quando a tradição ainda se fazia valer, ancorada na figura do mestre, como sustentar essa mesma solução num tempo de queda de ideais e democratização dos laços sociais? Por outro lado, se, com Lacan, o sintoma é, para qualquer sujeito, a via privilegiada de articulação entre gozo/lei/desejo, para além do Édipo, que efeitos o referido desligamento da autoridade parental produz sobre as manifestações sintomáticas do sujeito adolescente contemporâneo? E ainda: que efeitos podem ser observados quanto ao processo de assunção da responsabilidade pelo gozo? Em outras palavras, como podemos articular o desligamento da autoridade parental preconizado por Freud com as manifestações sintomáticas com que a clínica com adolescentes nos convoca?

A partir dessas questões, formulamos o seguinte problema de pesquisa: que relações podem ser estabelecidas entre, de um lado, os impasses do sujeito adolescente frente à lei e ao desligamento da autoridade parental, e, de outro lado, as manifestações sintomáticas por ele apresentadas, em particular no que se refere à assunção da responsabilidade pelo gozo?

Nossa pesquisa tem como objetivo geral examinar, a partir de casos clínicos selecionados, as vicissitudes do processo de desligamento da autoridade parental e os impasses frente à lei em sujeitos adolescentes, articulando-os às manifestações sintomáticas apresentadas, em particular, no que diz respeito ao processo de responsabilização frente ao gozo e ao desejo.

Nesse percurso, alguns passos intermediários se especificam. Entre os objetivos específicos, estão:

a) Identificar o processo de desligamento parental de sujeitos adolescentes, tomando em consideração as noções de desejo e gozo;

b) Analisar o tratamento dado pela psicanálise à responsabilidade pelo gozo nas manifestações sintomáticas, considerando a questão do desligamento da autoridade parental;

c) Identificar as relações do sujeito adolescente com o gozo, enfocando suas modalidades de acordo com a teoria de Jacques Lacan.

Desta forma, ao articular elementos estruturais no processo de constituição subjetiva com a passagem da infância à idade adulta, a pesquisa se justifica no sentido de ampliar a visão sobre a subjetividade na adolescência e, deste modo, fornecer subsídios adicionais àqueles que lidam com adolescentes em sua prática profissional cotidiana (educadores, médicos, psicólogos, assistentes sociais), no sentido de melhor compreender o processo vivenciado por esses sujeitos. Trata-se, ainda, de instrumentalizar tais profissionais no manejo com adolescentes sob seus cuidados, em particular no que tange aos modos de gozo que frequentemente acompanham esta fase da vida.

De modo específico, a relevância da pesquisa se verifica na contribuição que pode oferecer ao importante debate atual em torno do prolongamento da adolescência, tal como tem sido conduzido por outras disciplinas como a Medicina, a Psicologia e mesmo o Direito. Trata-se de observar, à luz das contribuições da psicanálise, que aspectos do processo de constituição subjetiva merecem ser considerados num debate dessa natureza.

O percurso realizado ao longo desta pesquisa pode ser seguido através da estrutura de capítulos da dissertação.

Neste sentido, o primeiro capítulo trata das questões de método. Isso se justifica na medida em que, para a psicanálise, o saber teórico é indissociável da atividade clínica, não só no que se refere à sua elaboração conceitual, como nas próprias questões de investigação levantadas. A experiência analítica representou, assim, o ponto de partida da investigação. Neste capítulo, são explicitados os fundamentos do dispositivo analítico, bem como as sucessivas etapas da pesquisa em psicanálise – o tratamento analítico e a construção do caso clínico. Finalmente, são abordados os casos clínicos selecionados, buscando esclarecer sua pertinência em relação ao problema proposto.

O segundo capítulo aborda a adolescência sob o ponto de vista do saber científico produzido nos âmbitos das ciências médicas e das ciências humanas. Assim, é feito um breve percurso pelos discursos da Medicina, Antropologia, História, Direito e Psicologia, com vistas a problematizar o conceito de adolescência e suas relações com a modernidade.

No terceiro capítulo, é delineado um panorama da questão da adolescência a partir da teoria psicanalítica, incluindo um percurso pelo trabalho dos principais autores que se dedicaram ao tema para, em seguida, esclarecerem-se as posições de seus fundadores, nomeadamente Freud e Lacan.

No quarto capítulo, o problema de pesquisa é discutido à luz dos dois casos selecionados, segundo o método de construção de caso clínico tal como explicitado no primeiro capítulo, referente ao método. São feitas algumas elaborações teóricas que têm como

eixo os impasses da lei para o sujeito adolescente, questão trabalhada através da articulação dos conceitos de responsabilidade e gozo, em duas vertentes distintas: a primeira, que articula as manifestações sintomáticas do agir com as noções de supereu e culpa; e a segunda, que contempla o trabalho significante no sentido da produção de uma filiação e, deste modo, agencia a transformação do sintoma. Finalmente, são examinados os efeitos dessa transformação sobre as escolhas e a formação do laço social, bem como sobre a responsabilidade pelo gozo.

Finalmente, são expostas as considerações finais através da retomada das elaborações produzidas no curso dessa pesquisa, no sentido de identificar seu alcance para responder à questão inicialmente formulada.

2 MÉTODO

Utilizamos nesta pesquisa o método psicanalítico. A psicanálise, disciplina criada pelo médico Sigmund Freud no alvorecer do século XX, "[...] faz em seu favor a reivindicação de que, em sua execução, tratamento e investigação coincidem [...]". (FREUD, [1913]/1969l, p.152)

Assim, a pesquisa em psicanálise – adequando o método ao seu objeto de estudo, que é o inconsciente –, parte da experiência analítica propriamente dita e se continua através da elaboração do material clínico à luz da teoria, enfocando sempre aqueles pontos em que o caso clínico interroga e questiona o saber instituído.

2.1 A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

A experiência analítica pode ser definida como um dispositivo artificial no qual o encontro entre analista e analisando é estritamente mediado pela fala, sob a condição de transferência. A transferência é um conceito desenvolvido por Freud ([1905]/1969d, [1912]/ 1969m, [1917]/1969q) para se referir ao vínculo que se estabelece na relação entre os dois parceiros do encontro analítico. Em particular, é definida como a repetição com o analista do "[...] método específico próprio de conduzir-se na vida erótica [...]" (FREUD, [1912]/1969m, p.133), que cada sujeito desenvolve a partir dos primeiros anos de vida. Lacan retoma o conceito da transferência em sua releitura estruturalista da obra freudiana e o especifica à luz das três ordens por ele propostas, a saber: o simbólico, o imaginário e o real[6].

A experiência analítica se inaugura a partir da vertente simbólica da transferência. Trata-se do fato de que, para o analisando, o analista vem a ser um Outro, ao qual ele supõe um saber sobre seu sofrimento, seu inconsciente ou seu sintoma (LACAN, [1964]/1988). Do lado do analisando, é essa suposição de saber que vai permitir que ele se engaje na regra fundamental da análise – a associação livre –, atualizando seu inconsciente. O elemento mais importante aqui é a ideia de suposição, pois, para permitir que uma análise aconteça, o analista não deve responder do lugar do saber, mas, ao contrário, deve preservar o lugar de enigma que cerca o desejo do Outro, de modo a conduzir o analisando a significar seu próprio desejo.

É essa posição de abstinência, por parte do analista que criará as condições para o

[6] Um dos três registros que compõem a estrutura psíquica, definido como aquilo que não pode ser simbolizado.

advento da dimensão real da transferência, a qual terá como efeito a localização do objeto a[7] no lugar do analista, meio exclusivo e indireto pelo qual o desejo inconsciente pode se tornar acessível ao sujeito (LACAN, [1962-1963]/2005). Na dimensão imaginária, a transferência retoma a descrição freudiana e responde pela repetição, diante do analista, do "[...] método específico próprio de conduzir-se na vida erótica [...]". (FREUD, [1912]/1969m, p.133)

À transferência do lado do analisando corresponde, no outro polo, o Desejo do Analista, que não deve ser confundido com o desejo da pessoa do analista, mas, ao contrário, tem como objetivo que uma análise aconteça. É o Desejo do Analista que permite ao analista sustentar a atenção flutuante, tal como Freud chamou a escuta analítica, caracterizada pelo endereçamento ao sujeito do inconsciente.

Assim, do encontro entre a associação livre do analisando e a escuta do analista emergirão os significantes que marcaram a história do sujeito, seu desejo e seu sintoma, os quais, atualizados pela transferência, serão recolhidos pelo analista na interpretação analítica, modo particular de manejo da transferência e que responde pelo avanço do trabalho analítico. Sobre a interpretação, podemos dizer que ela não visa à produção de um sentido a ser ofertado ao paciente, enquanto saber do analista, mas a uma abertura do inconsciente para que possa emergir, por trás do sintoma, o ser do sujeito e seu lugar de gozo.

Porém, cumpre ressaltar que o fato de o analista não partir de um saber estabelecido a priori para interpretar o material do analisando não afasta a importância do saber teórico na análise. Assim, tal saber tem por função estabelecer pontos de referência a partir dos quais o analista pode ler a sequência associativa do analisando, priorizando este ou aquele significante particular trazido pelo sujeito.

Finalmente, se, em seu processo analítico, o analisando deve metabolizar o que do real lhe causou como sujeito, simbolizando-o numa invenção singular que lhe permita tornar-se autor de seu próprio destino, também para o analista algo do real emerge a cada experiência analítica, e o alcança sob a forma daquilo que o interroga, faz questão ou escapa a seu saber. Esse resto que fica para o analista vai ser metabolizado na etapa seguinte da pesquisa analítica, a construção do caso clínico, modo privilegiado de transmissão da experiência e do saber da psicanálise, que passamos a descrever a seguir.

---

[7] Resto da operação de constituição do sujeito no campo do Outro, o objeto a, na concepção lacaniana, é o objeto que causa o desejo humano e, nessa condição, é o único objeto com o qual se relaciona verdadeiramente o sujeito.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

Uma experiência de análise pode ser descrita, a nosso ver, a partir de quatro termos: um real a ser tratado pelo simbólico, a atualização desse real na transferência, o acesso ao inconsciente por via dessa transferência e a formulação de um saber sobre a verdade do sujeito, apensa aos significantes inconscientes que o determinam. Por ser um dos dois polos que estruturam a experiência analítica – aquele que sustenta o dispositivo –, o analista também sofre os efeitos desses quatro termos.

Sabemos que a análise pessoal, conduzida até o seu final, é o que permite ao analista ocupar, para um analisando, o lugar vazio do objeto *a* e, deste modo, sustentar o dispositivo analítico. Por outro lado, o analista segue atualizando sua relação com o inconsciente não só através da transferência com a própria psicanálise, mas, sobretudo, pela experiência do inconsciente que realiza nas sucessivas análises que conduz. É esta experiência do inconsciente que delimita, para o analista, um real a ser tratado pelo simbólico, sob a forma daquilo que, de seu paciente, o interroga e o convoca a realizar um trabalho de elaboração.

Com isso, chegamos ao segundo momento da pesquisa em psicanálise, a saber: a construção do caso clínico, método pelo qual o analista pode elaborar o real da experiência analítica em formulações significantes que remanejam a teoria. Se, na psicanálise, toda emergência do real se atualiza numa transferência, é legítimo pensar que para o analista isso se realiza através da transferência com a psicanálise ou com seus mestres fundadores. Em minha experiência, tais referências são Freud e Lacan. Sustentamos, portanto, com Elia (1999), que é a transferência do analista com a psicanálise e seus mestres que permite a elaboração de um saber sobre o inconsciente do analisando.

Finalmente, podemos supor que essa elaboração de um saber sobre o inconsciente apreendida em cada análise permanece apensa aos significantes que determinam o analista enquanto tal. Nesse processo, o analista vai descobrir os significantes da psicanálise aos quais está alienado para, a partir deles, produzir o ato de separação que lhe permita recriar a psicanálise. (ELIA, 1999)

A teoria psicanalítica se configura, antes de tudo, como um conjunto de significantes que cifram a realidade do inconsciente. Neste sentido, ela não pode ser considerada como um produto de conhecimento consciente, que se pode adquirir através do estudo de textos.

Das considerações anteriores, segue-se que analisando e analista, em suas especificidades, deverão construir um saber próprio a partir da experiência de análise. O analista o fará mediante a construção do caso clínico, método criado por Freud através do qual

o saber produzido numa análise é metaforizado em formulações teóricas, tendo como efeito um remanejamento dos conceitos estabelecidos, no sentido da produção de novas significações. Aqui está em jogo uma atualização da teoria e da clínica. O que é particular da psicanálise é que tal saber se compõe não só das produções do analisando, mas, também, das intervenções do analista no contexto transferencial.

Segundo Nogueira (2004), no método de construção do caso clínico existem dois níveis, o primeiro dos quais se refere à descrição da experiência (elementos da história, intervenções do analista, associações do analisando), enquanto que o segundo comporta toda a referência teórica e suas articulações possíveis. Contudo, estes dois níveis não configuram momentos objetivos e separados, mas, ao contrário, se entrelaçam numa sequência discursiva única e contínua, na qual um fragmento de relato remete a determinada elaboração teórica que, por sua vez, convoca novo fragmento clínico.

O saber teórico construído dessa maneira equivale a um processo de elaboração pelo analista do resto de real que toda experiência de análise comporta. Com efeito, Figueiredo (2004) lembra que o termo caso[8] refere-se ao latim *cadĕre*, que quer dizer cair. Deste modo, algo se decanta da experiência, sendo acrescentado ao corpo teórico da psicanálise. Esta autora faz importantes contribuições ao método de construção do caso clínico ao estabelecer algumas distinções, entre as quais destacamos o binômio história/caso (FIGUEIREDO, 2004). Após lembrar que o caso não é o sujeito, ela estabelece uma diferença entre a história clínica (conteúdos, cenas) e o caso, que ela define como:

> [...] resultado de uma formalização necessária do relato [...] trata-se sim de colocar em jogo os significantes do sujeito, suas produções com base na elaboração em análise, e a resposta do analista em seu ato com os efeitos que daí advenham [...] visando decantar a história e traçar o caso a partir do discurso. (FIGUEIREDO, 2004, p. 80)

É a partir dessa formalização da experiência analítica que é possível passar do singular ao universal que, em psicanálise, equivale a uma estrutura capaz de descrever o funcionamento psíquico para além dos conteúdos e incidências imaginárias e simbólicas particulares.

---

[8] Caso vem do latim *casus* (CUNHA, 1997) da família semântica de *cadĕre*, cair (FARIA, 1962).

2.3 OS CASOS SELECIONADOS

Para o desenvolvimento da presente investigação, utilizaremos fragmentos da análise de dois casos selecionados de minha experiência clínica, por apresentarem aspectos relacionados ao desligamento da autoridade parental, além de manifestações sintomáticas como a depressão, o abandono escolar, a fobia e o *bullying*, – realizando interface, seja com o saber psiquiátrico (caso Back), seja com o campo da educação (caso Barbie).

Em ambos os casos, podemos observar ainda inibição na esfera do amor e do desejo, em entrelaçamento com os demais sintomas apresentados, o que contrasta, sobremaneira, com o discurso comum sobre a adolescência como uma explosão de sexualidade livre e desimpedida, cujo freio deve vir do Outro familiar e social.

Além disso, a elaboração significante posta em marcha no curso do tratamento analítico propiciou, nos dois casos, uma transformação importante do sintoma, colocando em causa a responsabilidade do sujeito com relação à articulação entre os três termos que fundam a subjetividade do ponto de vista da psicanálise – o gozo, o desejo e a lei –, com repercussões em suas escolhas subsequentes. Trata-se, nos dois casos, de análises encerradas, e, no caso Barbie, por iniciativa de seus pais.

O exame dos casos nos permitirá não só interrogar, a partir do trabalho clínico, os discursos científico e social sobre a adolescência quanto, sobretudo, levantar questões em torno de algumas abordagens do sujeito adolescente, dentro do próprio campo psicanalítico. Assim, após alguns esclarecimentos adicionais sobre os casos selecionados, prosseguiremos, nos dois capítulos seguintes, com o exame dos discursos produzidos sobre a adolescência no campo científico-social e psicanalítico.

2.3.1 O caso Back

Back é um jovem que chega à consulta por indicação do psiquiatra que o acompanhava. Quando iniciamos o trabalho, Back tinha o diagnóstico de depressão e, à época da primeira entrevista, fazia uso de antidepressivo; havia abandonado a escola há alguns anos, passando os dias dentro de casa, de preferência em seu quarto. Seus problemas começaram alguns meses após a morte de seu pai. De início, a própria ida às sessões era muito difícil. O tratamento analítico durou cerca de cinco anos, ao longo dos quais Back solicitou do psiquiatra a suspensão da medicação; por ocasião do encerramento do trabalho, já cursava o ensino superior.

2.3.2 O caso Barbie

Barbie foi trazida à consulta por sua família e não manifestou, a princípio, muito interesse pelo trabalho. A queixa era de que sofria *bullying* por parte das colegas na escola. A escola já havia tentado intervir, sem sucesso, entre outras razões porque Barbie se recusava a se afastar das colegas, seja mudando de sala, seja mudando de grupo dentro da mesma classe. Seu nível de sofrimento era bastante considerável e sua mãe solicitou ajuda da analista no sentido de convencê-la a mudar de escola, caso a situação não se resolvesse.

Consideramos que o caso Barbie se inscreve no campo da patologia do ato. Quanto a isso, cumpre destacar o caráter sistemático da agressão sofrida por ela, que já durava dois anos e que nem a mãe nem a escola conseguiam deter, em parte porque Barbie não denunciava o abuso. Sua atitude colocava-a quase como cúmplice da violência sofrida, o que veio a se tornar mais evidente, posteriormente, ao ser revelado que as agressões sofridas eram uma repetição de situações anteriores nas quais a própria Barbie, por sua vez, ocupava o lugar de agressora.

3 O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A ADOLESCÊNCIA

A adolescência, entendida como fase da vida, é objeto de múltiplos olhares por parte de diversas disciplinas, tanto no campo das ciências médicas como das ciências humanas, além da própria psicanálise. Por abranger transformações em todas as dimensões do indivíduo, a adolescência será definida de modo a privilegiar determinado elemento ou característica desse complexo momento que é a passagem da infância para a vida adulta. Por outro lado, os múltiplos discursos assim constituídos apresentam um elemento comum na noção de passagem, embora nem sempre fácil de caracterizar.

3.1 PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Se o ponto de partida da travessia da adolescência pode ser bem delimitado em todas as ciências, coincidindo com as transformações fisiológicas da puberdade, seu ponto de chegada, contudo, oferece dificuldades. Por exemplo, no próprio campo das ciências médicas, teoricamente mais próximo da objetividade das ciências naturais, não é possível caracterizar com clareza o fim da adolescência. Segundo Rappaport (1985 apud ALBERTI, 2009, p. 25):

> Considera-se que ela responde a uma situação clínica que diz respeito à semiologia completa do jovem adulto e à parada do crescimento, correlata, ao menos teoricamente, à instalação das funções de reprodução. Mas essa caracterização não é atualmente perceptível no plano individual.

Dessa forma, a conceituação acaba por privilegiar definições práticas ou funcionais de acordo com o campo específico considerado, a exemplo da delimitação da maioridade penal aos dezoito anos como acontece no campo do Direito.

Essas considerações nos levam a concluir que, embora o termo “puberdade” faça uma referência mais clara ao aspecto biológico do crescimento, o termo “adolescência” não comporta um sentido unívoco. Trata-se, ao contrário, de um conceito a ser operacionalizado em cada situação. Tal reflexão poderia ainda justificar formulações como a de que alguém jamais saiu da adolescência para falar de um sujeito que, sob outros aspectos, pode ser legitimamente considerado um adulto.

Em consonância com essa ideia podemos salientar ainda os resultados da pesquisa histórica segundo a qual a adolescência, tal como se apresenta hoje nas sociedades ocidentais, é uma construção moderna decorrente das transformações sociais e econômicas que se seguiram à Revolução Industrial. Segundo Grossman (1998, p. 68): “O fenômeno da puberdade é, provavelmente, tão antigo quanto o aparecimento do homem sobre a terra. O significado da adolescência e a relevância dada a esse estágio da vida humana não poderiam

ser encarados da mesma forma.”

A adolescência, enquanto fenômeno, fase da vida destacada da infância e da idade adulta, não existia até a Idade Moderna. O crescimento era entendido como uma mudança apenas de ordem quantitativa de todos os atributos físicos e mentais do homem, e a entrada na idade adulta definia-se a partir de uma emancipação da condição de dependência física em relação à mãe (GROSMANN, 1998). Somente a partir do século XVIII a adolescência vai gradualmente conquistando espaço no discurso social-científico. Um elemento importante para esse fenômeno é a segregação das crianças e dos jovens patrocinada pela nova educação, centrada na invenção dos colégios. (ARIÈS, 1981; GROSMANN, 1998)

Construiu-se, desse modo, ao longo dos dois últimos séculos, um discurso sobre a adolescência que, se por um lado contribui para esclarecer muitos aspectos pertinentes a essa fase da vida, por outro lado, ao referir-se ao adolescente médio, normatizado, não deixa de ter efeitos sobre cada sujeito em particular, sobretudo aquele que, ocupado com sua difícil passagem, nos demanda atenção e auxílio.

Quanto a este último ponto, é muito esclarecedora a fala de Barbie, quando, já em análise e tendo ultrapassado a queixa inicial, comenta: “Meus pais perguntam todo dia quando eu vou parar de vir aqui, você acha que eu posso continuar a vir aqui?” e “Meus pais e a coordenadora da escola dizem que essas coisas [as dúvidas e temas que traz para a análise] são normais, são da adolescência, com o tempo, passa, então é como se não pudesse mais vir aqui conversar”. Com efeito, após um tempo de trabalho, durante o qual foi necessário, algumas vezes, manejar a transferência parental para possibilitar a continuidade do tratamento, Barbie cede ao apelo dos pais e interrompe sua análise.

No campo da antropologia, o estudo da adolescência tem início com o trabalho pioneiro de Margaret Mead (MARQUES, 2006). Ao constatar que nas sociedades pré-industriais a adolescência tal como a civilização ocidental a concebe hoje não se verifica, a autora estabelece uma estreita conexão entre adolescência e contexto cultural. Deste modo, o estudo comparativo entre distintas sociedades no que se refere à passagem da infância à idade adulta indicou que “[...] onde o desenvolvimento era gradual e contínuo, sem interrupções graves, interferências ou restrições [...]” (MARQUES, 2006, p. 23), a adolescência não era sequer reconhecida. Por outro lado, quanto maior a descontinuidade entre a vida infantil e a adulta numa dada sociedade, mais a passagem de uma etapa a outra exige balizas que a explicitem. Apenas a partir do século XVIII, como nos ensina Marques (2006), o aumento da população e as transformações econômicas e sociais acarretadas pela Revolução Industrial alteraram a estrutura de convivência entre as gerações, afastando crianças e adultos.

Por outro lado, em seu livro *Adolescência y cultura en Samoa*, Mead ([1945]/1961) faz ainda uma interessante observação sobre as diferentes relações que se estabelecem entre pais e filhos samoanos, quando comparadas à cultura ocidental. A autora constata que, entre esses povos, tais relações são emocionalmente mais frouxas que entre nós, ocidentais, e os conflitos de autoridade são facilmente resolvidos com a fuga das crianças para outros lares de parentesco próximo, por tanto tempo quanto permaneçam as animosidades mútuas, sem que isso constitua problema para a autoridade parental interessada.

Na cultura ocidental moderna, marcada por uma acentuada separação entre o público e o privado, bem como pelos valores familiares burgueses (PROST, [1987]/1992), ao contrário, observa-se intenso investimento emocional-narcísico sobre as crianças, contribuindo para tornar mais difícil e prolongado o processo de desligamento em relação aos pais (DAVID, 1999; DELUZ, 1999). Temos, aqui, um possível fator cultural para a violência da ruptura que o jovem moderno é convocado a realizar, e que fará Freud ([1905]/1969c) afirmar ser o desligamento da autoridade parental a tarefa mais difícil e dolorosa dessa etapa da vida.

Outro resultado do trabalho de Mead ([1945]/1961) é igualmente importante para a presente pesquisa. Ao descrever a educação das crianças, esta autora afirma que as crianças samoanas não gozam da falta de responsabilidade, como acontece com nossas crianças (MEAD, ([1945]/1961). Justifica sua afirmação ressaltando o modo como, a partir dos seis ou sete anos de idade, as crianças passam a ser responsáveis, perante a comunidade, pelo cuidado e educação das crianças menores, tornando-se, portanto, já nessa idade, membros ativos da coletividade.

Apesar disso, e da inexistência, nessa cultura, de um ritual de passagem formalizado, a transição para a idade adulta é marcada, por ocasião da puberdade, pela obediência a uma lei particular. Segundo esta lei, o jovem passa a não mais poder permanecer sozinho no mesmo recinto que um parente do sexo oposto, proibição que perdura por toda a vida adulta e só se encerra na velhice avançada. Nesse contexto, observa-se o peso do fator sexual na lei que ordena o laço social, fundamento de restrição cultural, num grupo social, sob outros aspectos, sexualmente permissivo.

No caráter, em si mesmo, restritivo da diferença sexual, como veremos no decorrer dessa pesquisa, observa-se um elemento estrutural diretamente implicado na passagem da infância à idade adulta, muito além dos costumes mais ou menos livres que o exercício da sexualidade apresenta em diferentes sociedades.

Apesar das variações encontradas no discurso social e científico sobre a adolescência – resultado da contribuição de diferentes disciplinas sobre tema – é possível encontrar, na noção

de passagem, com ou sem marcadores definidos, o elemento comum que unifica o campo da adolescência, inclusive do ponto de vista da psicanálise. Deste modo, prosseguiremos nosso percurso, levantando alguns pontos sobre a questão da passagem e seus rituais.

3.2 A PASSAGEM DA ADOLESCÊNCIA E SEUS RITUAIS

A passagem da adolescência faz referência imediata à ideia de tempo e, por conseguinte, à de duração, a qual, dependendo de sua extensão, nos situa em diferentes registros do tempo. Assim, uma duração muito curta se traduz no instante, ao passo que uma duração muito longa se aproxima do perene. Entre um e outro, a noção de período é o registro que confere maior consistência à adolescência como etapa intermediária, destacada tanto da infância quanto da idade adulta.

Essa observação é importante na medida em que, a depender do tipo de abordagem que se faça da adolescência, a passagem pode se apresentar como algo pontual, instantâneo, que evoca um limite – por exemplo, a maioridade civil aos dezoito anos, no Direito; como um período, quando se fala em faixa etária que vai aproximadamente de 12 a 25 anos, como na Medicina (HERCULANO-HOUZEL, 2005); ou ainda como um estado, quando se estabelecem características distintivas do ser adolescente, como define a Psicologia. O importante a destacar é que, qualquer que seja o critério utilizado, o olhar do Outro social terá influência decisiva, não só na duração como no modo como a passagem se realiza.

Neste sentido, é legítimo pensar que, ao lado das transformações sociais e econômicas que, a partir da Idade Moderna, determinaram o surgimento da adolescência como grupo social, surge o elemento discursivo que se desenvolveu em torno dela, sobretudo a partir dos primeiros anos do século XX, quando o psicólogo americano Stanley Hall (Cf. MARQUES, 2006) iniciou seus estudos sobre essa fase da vida, isolando-a tanto da infância quanto da idade adulta.

Outro aspecto intimamente ligado à ideia da adolescência como passagem é o modo como esta se realiza ou, em outras palavras, o que efetivamente demarca seus limites. Quanto a isso, as ciências sociais fornecem importante contribuição através da descrição dos ritos de passagem da puberdade.

Os rituais de passagem são cerimoniais que marcam a transição de um indivíduo de uma situação para outra. Podem apresentar-se associados a um mito, ou seja, a uma cadeia significante que o sustenta simbolicamente. Assim, os ritos da puberdade implicam a progressiva aceitação e participação na sociedade à qual o indivíduo pertence, tendo, portanto, tanto um cunho individual quanto coletivo (EIRE, 2004). A duração do ritual é muito variável

em função da forma específica adotada por cada cultura, podendo comportar várias etapas ou recobrir períodos de tempo bastante longos. Por outro lado, é significativamente frequente que o ritual implique dor e/ou risco de alguma natureza.

Como exemplo, tomemos o ritual de passagem nas tribos das ilhas Vanuatu, no Oceano Pacífico (KRAMER, 2010), que exige que os jovens saltem de uma altura de 30 metros, com cipós presos aos tornozelos, e caiam a uma velocidade de cerca de 70 km/h, com o objetivo de tocar o chão com a cabeça e os ombros. O risco de acidente grave e até de morte que tal ritual comporta – consequências que se registram frequentemente – deve nos prevenir contra qualquer nostalgia em relação aos costumes de sociedades pré-industriais. Assim, basta um olhar sobre alguns rituais revelados pela pesquisa antropológica para perceber que a entrada na sociedade mais ampla, onde quer que ocorra, implica riscos.

Voltemos o olhar para a fenomenologia da adolescência em nossa própria sociedade para indagar até que ponto as chamadas patologias do ato (drogas, violência, suicídio), ou a alienação ao grupo de iguais, nas tribos adolescentes, ou ainda a submissão incondicional ao discurso do mestre, nas mais diversas formas em que se apresentam no campo social, exibem, em alguma medida, o risco de mortificação do sujeito singular. Em cada uma delas, parece predominar uma dimensão isolada dos três registros que compõem a estrutura, a saber: o real, o imaginário e o simbólico, respectivamente. Levantamos a hipótese de que a principal diferença entre a eficácia simbólica de um ritual de passagem antigo e o modo como transcorre a adolescência contemporânea resida no afrouxamento do nó que mantém os três registros atados.

Podemos considerar o risco de morte implicado no ritual de passagem descrito antes como coerente com a perspectiva psicanalítica quanto ao que está em jogo na adolescência. Trata-se do domínio de um gozo que, se não puder ser reduzido pela função simbólica, pode vir a se tornar mortífero e, eventualmente, eliminar o sujeito: seja pela morte efetiva como nas ilhas Vanuatu, ou pela morte simbólica, como acontece com frequência em nossa cultura (marginalização, violência, abuso de drogas, entre outras vicissitudes). Se, na infância, o manejo do gozo mortífero se apoiava na força do pai imaginário, ao qual o sujeito podia dirigir suas moções agressivas, erigindo uma barreira frente à pulsão de morte (LACAN, [1958-1959]/2002) – a fragilização do pai a partir da puberdade implica na possibilidade do retorno da referida moção pulsional em direção ao próprio sujeito.

Neste sentido, podemos reconhecer as manifestações sintomáticas apresentadas por Back e Barbie como índice da presença do gozo mortífero implicado na passagem da infância à idade adulta. Para Back, isso vem sob a forma de uma depressão que o subtrai da vida. Para

Barbie, sob a forma de submissão violenta à voz do Outro que, através do *bullying*, a exclui de "participar da festa", para usar uma metáfora extraída de sua cadeia associativa.

Deste modo, poder-se-ia pensar se, inversamente ao que se costuma dizer, a frequência e amplitude do agir na adolescência não refletiria uma necessidade de rearticular o nó da estrutura, atando simbólico, imaginário e real, estando essa última dimensão devidamente representada por um ato e, tal como ocorre nos rituais antigos, ato de risco? Penso que tal reflexão pode, por si só, colocar em perspectiva algumas manifestações sintomáticas apresentadas pelo sujeito adolescente e incluídas sob a rubrica de patologia do ato.

Numa comparação entre sociedades pré-industriais e o que ocorre em nossa cultura, quanto à transição da infância para a idade adulta, algumas questões se apresentam para discussão. Em primeiro lugar, o que poderia funcionar entre nós como legítimos rituais de passagem? Alguns estudos procuraram abordar essa questão (MARQUES, 2006) e balizas como o vestibular, o primeiro carro ou o primeiro emprego figuram como possibilidades de demarcação da passagem a um novo estatuto social. No entanto, mais importante do que definir marcos culturais específicos de reconhecimento social – nenhum dos quais pode funcionar para todos, numa sociedade tão diversificada quanto a nossa –, é a discussão sobre o caráter solitário ou coletivo da passagem.

Com efeito, costuma-se contrapor ao ritual dito primitivo, de caráter coletivo, as formas modernas da passagem, que teriam um caráter cada vez mais individual e solitário. Isso aconteceria em virtude do desaparecimento, nas sociedades tecnologicamente desenvolvidas, dos rituais de passagem socialmente organizados. Mais ainda, tal desaparecimento responderia pelo prolongamento do processo de tornar-se adulto e pela própria existência da adolescência, entendida como substituto e equivalente dos rituais ditos primitivos. Embora esta ideia não seja, a nosso ver, incorreta, parece-nos insuficiente para abarcar toda a complexidade envolvida. Poder-se-ia argumentar aqui, por exemplo, que não foi simplesmente um ritual de passagem que desapareceu, mas, ao contrário, foi toda a estrutura de funcionamento social e, sobretudo, de transformação social que se modificou. Nesse contexto, como pensar balizas para a transição da infância à idade adulta numa sociedade que perdeu em larga medida a sustentação da tradição?

A dimensão coletiva no ritual dito primitivo não se refere apenas ao fato de que se realiza o ritual em grupo. Mais importante é o fato de que sua realização obedece a um imperativo social que envolve toda a comunidade. Poderíamos perguntar aqui se o individual do ritual de passagem dito moderno não representaria uma obediência ao modo individualista

de funcionamento de nossa própria sociedade e, neste sentido, se nossos ritos não estariam em estreita consonância com nossos mitos?

Essa questão nos remete a outra igualmente importante, a saber: que mitos estariam sustentando os ritos na modernidade[9]? Deixemos essa questão, por enquanto, e prossigamos nosso percurso, examinando o que a psicanálise tem podido avançar sobre a adolescência.

[9] Atualmente, há um debate sobre o uso dos termos "modernidade" e "contemporaneidade". Neste trabalho, opto pelo primeiro, apoiada no trabalho de Anthony Guiddens (1991) que, em seu livro *As consequências da modernidade*, defende a ideia de que os fenômenos da atualidade podem ser referidos a uma radicalização dos pressupostos inaugurados pela Idade Moderna e não a uma ruptura com relação a ela. Esta escolha tem a vantagem de preservar a continuidade dentro da psicanálise, ela própria uma invenção moderna.

4 A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A psicanálise tem como campo privilegiado de observação o espaço clínico e é a partir dessa referência que se propõe a refletir sobre a cultura. Segundo Marques (2006), é o contexto clínico que responde pela quantidade relativamente maior de trabalhos sobre a adolescência no campo da psicanálise em relação a outras disciplinas, na medida em que para ali são endereçados os impasses dessa etapa da vida. Uma primeira contribuição, de fato, decorre justamente da dimensão clínica e do privilégio que, na psicanálise, ela concede à singularidade de cada sujeito.

Desde essa perspectiva, a psicanálise pode atestar a imensa distância que existe entre um discurso sobre a adolescência, qualquer que seja o critério utilizado, e cada sujeito adolescente em particular, que, embora não seja redutível ao discurso, não deixa de medir-se por ele e/ou de sofrer seus efeitos.

Não obstante, a psicanálise não pode se furtar a uma interlocução com outros campos do saber. E é no contexto dessa interlocução que, muitas vezes, se articulam novas perspectivas teóricas, as quais passamos agora a examinar.

4.1 A PSICANÁLISE E A ADOLESCÊNCIA COMO QUESTÃO

Em Freud ([1905]/ 1969c), o principal texto para o estudo da adolescência se intitula *As Transformações da Puberdade* e integra o conjunto mais amplo de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nele, como na maioria dos outros textos nos quais Freud faz referência a essa etapa da vida, o termo utilizado é “puberdade”, sob o qual trabalha tanto aspectos físicos quanto psíquicos. O termo “adolescência” só surge muito raramente na obra freudiana e, ainda assim, para referir-se de passagem a determinada época do ciclo vital, sem conferir-lhe qualquer significado específico.

No que se refere à puberdade, o tratamento dado pelo fundador da psicanálise ao tema fica muito distante, por exemplo, do peso que é dado à infância, como podemos observar numa rápida listagem dos trabalhos de Freud que tratam especificamente do assunto: *História de uma neurose infantil* ([1918]/1969r); *Associações de uma criança de quatro anos* ([1920]/1969s); *Duas mentiras contadas por crianças* ([1913]/1969g); *O esclarecimento sexual das crianças* ([1907]/1969e); *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* ([1910]/1969j); *A organização genital infantil* ([1923]/1969w); *Sobre as teorias sexuais das crianças* ([1908]/1969f); *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* ([1909]/1969i).

Já os termos “adolescência” e “puberdade” não figuram no título de nenhum trabalho freudiano.

Com efeito, a referência à idade abrangida pelos termos puberdade e/ou adolescência só aparecerá no título de trabalhos feitos ‘por encomenda’, escritos breves que constam como prefácios ou homenagens: *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (FREUD, [1914]/1969p) e *Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn* (FREUD, [1925]/1969z). De igual modo, em Lacan, essa etapa da vida merecerá apenas um único escrito específico: *Prefácio a O Despertar da primavera – uma tragédia da juventude*. (LACAN, [1974]/2003c).

Na produção das gerações de psicanalistas que sucederam aos mestres fundadores, a adolescência aparece regularmente como tema particular de estudo. Entre os seguidores de Freud, destaca-se o trabalho de Ernest Jones (1923 apud ALBERTI, 2009); entre os kleinianos, o trabalho de Arminda Aberastury e Knobel ([1981]/1986); e, entre os lacanianos, Rassial (1995), Ruffino (1993) e Viganò ([19--]), autores que, entre tantos outros, produziram textos específicos sobre a adolescência. Ainda de inspiração lacaniana, porém com um viés diferenciado, destaco o trabalho de Alberti (2009), *Esse sujeito adolescente* que, justamente, virá pôr em questão a tentativa de encontrar uma definição para o termo adolescência que permita incluí-lo como conceito necessário no campo teórico da psicanálise.

Assim, podemos encontrar, na literatura analítica sobre a adolescência, sucessivas tentativas de compreender esse momento da vida como um estágio qualitativamente distinto, tanto da infância quanto da idade adulta (JONES, 1923 apud ALBERTI, 2009; ABERASTURY; KNOBEL, [1981]/1986). Entre os pós-freudianos, a questão se define a partir da teoria de Freud sobre as fases de desenvolvimento da libido, em particular no que se refere à fase genital, alcançada na puberdade com a constatação da diferença entre os sexos. Nesse contexto, Jones (1923 apud ALBERTI, 2009, p. 27) vai conceber a adolescência como “[...] um período construído sobre o modelo dos estágios da primeira infância, cujo final feliz se caracteriza pelo estabelecimento de uma harmonia definitiva advinda da fusão dos diferentes objetivos pulsionais em direção a genitalização.” Veremos mais adiante como tal concepção contraria a perspectiva freudiana sobre a sexualidade, na medida em que, para Freud, em função das noções de pulsão parcial e escolha de objeto, existe uma proximidade muito maior entre as formas adulta e infantil da sexualidade do que normalmente se supõe.

Alberti (2009) aponta nas proposições de Jones sobre a adolescência a presença de concepções caras ao viés que a psicanálise pós-freudiana sofreu, no sentido de privilegiar a relação de objeto, com suas referências aos estágios de desenvolvimento da libido e à harmonia final em torno do objeto genital. Tal desvio sofreria, posteriormente, uma crítica

contundente de Lacan que, no seminário intitulado *A relação de objeto* (LACAN, [1957-1958]/1995), promove o retorno a Freud na direção de reposicionar a psicanálise em torno do conceito da falta de objeto.

Dois aspectos chamam nossa atenção, na perspectiva de Jones sobre a adolescência. Embora torne a adolescência um conceito teórico necessário à teoria psicanalítica, refletindo o interesse que a adolescência despertava à época com o trabalho do psicólogo americano Stanley Hall (Cf. MARQUES, 2006) – que atribuía à adolescência um caráter universal –, a teorização de Jones restringia-se ao campo da sexualidade, sem referência ao contexto social. Seja como for, não deixa de ter relevância o fato de que a importação de um termo caro ao discurso científico-social da época acompanhe um desvio da teoria psicanalítica em relação ao pensamento de Freud.

De igual modo, psicanalistas de inspiração lacaniana também irão retomar o termo adolescência, buscando dar-lhe consistência teórica no campo da psicanálise. Contudo, no intervalo entre Freud e Lacan, o interesse pela adolescência sofre a influência dos estudos antropológicos de Mead ([1945]/1961), que, ao contrário de Stanley Hall, estabelece uma relação estreita entre adolescência, sociedade e cultura, retirando dela seu caráter de universalidade. Não à toa, portanto, que os autores lacanianos que escrevem sobre o tema vão incluir em sua teorização fartas referências ao social e/ou cultural, em particular no que se refere ao declínio da imago paterna na modernidade, bem como aos rituais de passagem da adolescência e suas funções.

Com efeito, algumas concepções sobre a adolescência (RASSIAL, 1995; RUFFINO, 1993) parecem derivar da articulação dos conceitos lacanianos com os aportes da história e da antropologia, sobretudo no que se refere à descrição dos rituais de passagem e à inexistência disso que entendemos como adolescência, nas sociedades pré-industrializadas. Para Rassial (1995), a adolescência representa um momento fundador na estruturação da subjetividade nas condições da modernidade, vindo ocupar o vazio deixado pela ausência dos rituais societários de passagem que entraram em declínio, junto com toda a ordem patriarcal tradicional, por efeito das operações conjuntas do capitalismo e do discurso da ciência. Nesse contexto, o autor compreende a adolescência como uma operação simbólica que cumpre uma função equivalente aos rituais de passagem desaparecidos, tornando-se uma operação psíquica necessária à passagem da infância à idade adulta.

Ruffino (1993, p. 36) concorda com Rassial (1995) quanto a considerar a adolescência como um fenômeno que ocorre na modernidade, afirmando: “[...] na falta de dispositivos em geral presentes nas organizações societárias pré-modernas ou não ocidentais, a passagem da

criança ao jovem adulto se tornou problemática." Desde então, irá propor a adolescência como um fenômeno que, tendo emergido na modernidade, participa da ordem simbólica como elemento constitutivo essencial da subjetividade do homem adulto. Como operação psíquica destinada a elaborar o que há de traumático no encontro com o real do sexo, a adolescência se torna, em si mesma, um sintoma do sujeito.

Numa outra direção, Viganò ([19--], p. 7) no artigo *O sintoma entre pais e filhos*, adverte justamente sobre a dificuldade moderna de operar uma autêntica crise da adolescência, considerando o problema social atual o fato de que "cada vez menos o jovem atravessa essa crise". Este autor, inspirando-se na tese segundo a qual a criança surge regularmente na família como sintoma do que se passa com os pais – tese desenvolvida por Lacan ([1969]/2003b) no artigo *Nota sobre a criança* - vai apontar a tendência moderna de dividir a responsabilidade familiar em relação ao filho, criança ou adolescente, com outras instâncias sociais de cuidado, como responsável pela dificuldade de o adolescente confrontar-se com o discurso do par parental e elaborar, desde aí, seu próprio sintoma. Isto porque, por trás do casal parental, perfila-se um conjunto discursivo social (estado, médico-hebeatra, educadores, psicólogos, mídia) que ele deve igualmente enfrentar. Nessas circunstâncias, longe de desenvolver um sintoma próprio, ele faz de sua adolescência um sintoma social.

Sintoma do sujeito ou sintoma social, o que permanece comum é o fato de que, para esses autores, a adolescência, definida como uma operação simbólica que se desenvolve ao longo de um período de tempo marcado por manifestações imaginárias específicas – tribos, moda, padrões de comportamento – ganha sua justificativa. Nessa perspectiva, a adolescência, mais que fenômeno observável no mundo contemporâneo, torna-se um processo necessário à constituição subjetiva. O paradoxal é constatar, por outro lado, que este processo considerado necessário à constituição do sujeito, pode não cumprir sua função, como reconhecem esses mesmos autores.

O importante a destacar aqui é que tanto pós-freudianos quanto pós-lacanianos acabam, deste modo, por atribuir à adolescência uma consistência e uma especificidade que ela não apresentou na obra de Freud ou no ensino de Lacan. Os autores acima referidos seguem o *Zeitgeist*[10] inaugurado na virada do século XX, ao destacar a adolescência através de um discurso que a particulariza em relação à infância e à idade adulta.

É evidente que a passagem da infância à idade adulta implica em operações de constituição subjetiva, por um lado, e, por outro, a teoria psicanalítica dispõe de conceitos

[10] *Zeitgeist*, espírito da época. (IRMEN, 1982).

capazes de lidar com o que está em jogo, tornando desnecessária, a nosso ver, a importação do termo “adolescência” – oriundo do campo das ciências humanas – se isso significar algo além de uma denominação para uma etapa da vida. O risco teórico aí implicado é o da produção de mais um discurso sobre essa fase da vida que, como todo discurso, tende para a homogeneização. Nessa perspectiva, a clínica nos adverte que algumas “adolescências” podem, às vezes, significar a impossibilidade de realizar a passagem e, por seus efeitos de alienação imaginária, operar num sentido contrário ao ritual de passagem, ao qual alguns autores (RASSIAL, 1995; RUFFINO, 1993) propõem equipará-la.

Afirmar como o fazem Ruffino (1993) e Rassial (1995) que uma operação que deveria se realizar pode não ocorrer, coloca o problema do que significa, mais exatamente, o final da adolescência. Sob um critério estritamente psicanalítico, essa questão encontra impasses importantes, ao tomarmos como “adolescentes tardios” indivíduos que, de outra forma, deveríamos abrigar, simplesmente, no campo da neurose, aqueles que, como diria Freud, estão impossibilitados de amar e trabalhar.

Considero, pois, questionável tomar a adolescência como um equivalente simbólico dos antigos rituais de passagem, e que, nas sociedades modernas, desapareceram, na esteira das transformações sociais vinculadas ao declínio da imago paterna. Duas objeções podem ser feitas aqui: a primeira é que a eficácia simbólica da adolescência, enquanto via de passagem para a idade adulta, não é comparável àquela do ritual antigo de passagem, que envolve toda a comunidade em torno de um mito que se atualiza no ritual. A segunda é que, boa parte da adolescência moderna se desenvolve sob a influência do discurso social e científico construído sobre essa fase da vida, o qual, ao contrário dos mitos que sustentam os ritos, remete a adolescência sempre a si mesma e, nesse sentido, longe de incluir o sujeito na comunidade, contribui para segregá-lo.

Penso identificar tais efeitos no caso Barbie que, ao se esforçar para se adequar aos traços exteriores de uma típica adolescência, acaba por elaborar uma caricatura da feminilidade adolescente – daí o nome Barbie –, que contribui para colocá-la como alvo de agressão. Para Barbie, a “adolescência”, longe de ser uma operação simbólica, constitui um artifício imaginário que colabora para a arquitetura do seu verdadeiro sintoma, a saber: a captura num gozo masoquista comandado pelo significante “criança”.

Numa direção diversa à dos autores há pouco nomeados segue Alberti (2009), para quem a psicanálise, retomando a tradição inaugurada por Freud ([1905]/1969c, [1908]/1969h, [1914]/1969p, [1920]/1969t) e sustentada por Lacan ([1974]/2003b), mais do que propor uma

definição da adolescência, busca verificar que aportes esse momento particular da vida vai fazer ao processo de constituição subjetiva, cujo início se dá desde o nascimento da criança.

De igual modo, é valiosa a contribuição de Calligaris (2013) que na introdução de seu livro *Adolescência*, após fazer um breve resumo sobre as dificuldades que os jovens encontram, hoje, para crescer, salienta que "[...] além disso, eles precisam lutar com a adolescência que é uma criatura monstruosa, sustentada pelo imaginário de todos, adolescentes e pais [...]" (CALLIGARIS, 2013, p. 9). Para este autor, a adolescência é uma formação cultural através da qual a passagem da infância e idade adulta é apreendida pelo Outro social e familiar, com a particularidade de que tal visão embutiria uma recusa por parte dos adultos de reconhecer, em cada caso, a entrada na idade adulta.

É interessante constatar que essa "moratória", determinada pelo olhar do Outro, representa uma mudança radical de perspectiva em relação à questão da adolescência, já que a expressão 'moratória psicossocial' foi proposta, originalmente, pelo psicanalista Erik Erikson ([1968]/1972), para se referir a uma necessidade do próprio jovem diante da dificuldade em assumir o estatuto social de adulto. Portanto, de uma necessidade do adolescente, o prolongamento da adolescência nos dias de hoje se torna, na reflexão de Calligaris, uma imposição da cultura.

É possível que tal mudança de perspectiva seja o resultado de uma transformação no olhar que a psicanálise mantém sobre a cultura. Com efeito, ao analisar o impacto das transformações sociais sobre os valores tradicionais pelas quais a sociedade ocidental passou, o debate psicanalítico privilegiou, de início, a questão do declínio da função social do pai, tal como articulado por Lacan ([1938]/2003a) em seu livro *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, chegando a confundi-lo com o declínio da própria função paterna (FORBES, 2012; MELMAN, 1995), tão cara à psicanálise.

Tal compreensão, contudo, tende a considerar a questão pelo viés da negatividade no sentido de apontar uma falta onde teria havido, outrora, uma presença, negligenciando o fato de que, como assinala Lacan ([1980]/1987), jamais um pai pôde dar conta integralmente da função paterna.

Mais recentemente, contudo, outro olhar tem surgido entre os psicanalistas, olhar que introduz uma positividade, pois, em lugar de focar a adolescência contemporânea apenas como sintoma, sem propriamente negar essa observação, busca se debruçar sobre as novas formas da subjetividade e do laço social que tem, no sujeito adolescente, seu paradigma. Tais reflexões têm produzido elaborações teóricas extremamente fecundas, entre as quais destacamos cinco: a noção de função fraterna (KEHL, 2000); o incremento da dimensão

simbólica do pai como efeito de seu declínio no plano imaginário (LAJONQUIÈRE, 2000); a atualização do conceito de autoridade (LERUDE, 2009); a adolescência como exemplaridade (PENNOT, 1995) e a noção do homem desbussolado, frente ao qual a responsabilidade é a resposta privilegiada da psicanálise. (FORBES, 2012)

Todas essas proposições têm em comum o fato de apostarem num novo olhar sobre as manifestações do sujeito e da cultura, bem como um novo modo de pensar a teoria e intervir na clínica e, neste sentido, interessam particularmente à nossa pesquisa.

Com a expressão "função fraterna", Kehl (2000) propõe que a função do irmão ou semelhante na constituição do sujeito vai além daquela relativa ao estágio do espelho e narcisismo, abarcando tanto a função de suplência à função paterna – os irmãos, ao significarem o traço paterno de modo distinto, contribuem para a separação do Outro da figura paterna imaginária – quanto a de oferecer variadas possibilidades de identificação na cultura, para além da identificação ao traço unário que dá consistência subjetiva ao eu. A autora propõe responder dessa forma à questão que também formulamos no início de nossa pesquisa: como é possível operar o desligamento da autoridade parental preconizado por Freud como tarefa da puberdade, considerando o declínio de figuras de autoridade substitutas localizadas no campo social.

Lajonquière (2000) faz uma contribuição importante ao debate em torno da função paterna ao denunciar o equívoco de estabelecer-se uma equivalência entre a eficácia da dialética edipiana e a organização social patriarcal para, em seguida, deduzir que, ao declínio moderno da função social do pai, corresponderia o fracasso do desejo. Para este autor, o declínio da dimensão imaginária do pai como garantia da lei teria como efeito, justamente, um incremento em sua consistência simbólica. Neste sentido, a função paterna, enquanto promotora da lei, passaria a um nível mais elevado de abstração, ou seja, estaria apoiada exclusivamente sobre o significante da filiação, seja qual for o modo como este se apresente.

Lerude (2009), por sua vez, apoiando-se no trabalho de D'Allones (2006), destaca um novo modo de entender a questão da autoridade na adolescência, afastando-a do binômio comando/obediência, em benefício das noções de "reconhecimento, legitimidade e precedência" (D'ALLONES, 2006 apud LERUDE, 2009, p. 14). A partir daí, Lerude (2009) propõe pensar a adolescência como momento de esvaziamento do Outro, destacado das figuras imaginárias que até então o sustentaram, esvaziamento que impõe ao sujeito adolescente o encontro com o real do sexo ou o real da morte, e cujo reconhecimento será "[...] a condição indispensável para que um sujeito possa se autorizar a colocar o ato de falar em seu próprio nome." (LERUDE, 2009, p. 27)

Para Pennot (1995), a clínica do sujeito adolescente, longe de constituir uma clínica específica – no sentido de se contrapor ao que seria uma clínica do adulto –, funda-se, ao contrário, sob o signo de uma clínica exemplar, pois se trata, nas palavras deste autor:

> [...] da exemplaridade daquilo que seus casos de figuras clínicas desenvolvem sob nossos olhos como modalidades possíveis de liberação do sujeito de um desejo próprio através da entrada em crise de um aparato de conformidade do eu e do supereu. (PENNOT, 1995, p. 35)

Nesse sentido, a crise implicada na passagem da infância à idade adulta é exemplar do confronto com a própria condição humana, a qual, em decorrência da estrutura de linguagem do sujeito, é marcada pela solidão e pelo desamparo. Mais ainda, um olhar atento sobre os modos de organização do laço social e de subjetivação nas sociedades ocidentais revela o quanto tal condição vem sendo posta, cada vez mais, a descoberto pela modernidade.

Assim, é possível observar quão consistente é a ideia de que a adolescência é uma construção da dita modernidade. Por outro lado, essa mesma linha de argumentação permite problematizar a questão do final da adolescência, pois, do ponto de vista da psicanálise, a partir do momento em que o sujeito adolescente se constitui como arauto da subjetividade moderna, torna-se um paradoxo falar em término da adolescência.

Finalmente, é importante considerar o trabalho de Forbes (2012) que, em seu livro *Inconsciente e responsabilidade – psicanálise do século XXI*, em que pese ao fato de ele não se ocupar especificamente dos sujeitos adolescentes, traz importantes contribuições à nossa pesquisa. Embora desenvolva suas observações a partir da ideia do declínio da função paterna com a qual não concordamos, este autor indica a justa emergência, na modernidade, do homem desbussolado do século XXI, efeito "[...] da mudança de eixo das identidades, de vertical para horizontal [...]" (FORBES, 2012, p. 18). Além disso, sem as referências simbólicas da tradição, o sujeito seria envolvido pela supremacia do real, o que justificaria as novas manifestações sintomáticas sobre as quais nos interrogamos.

A introdução das dimensões de verticalidade e horizontalidade, que dialogam com a proposição de Kehl (2000) sobre o binômio função paterna // função fraterna, é essencial para refletir sobre a questão dos impasses frente à lei e à autoridade parental. Com efeito, na origem da operação de filiação simbólica localiza-se o reconhecimento da castração e da dívida simbólica (eixo vertical), ao passo que, em seu ponto de chegada, encontra-se a possibilidade de articulação no laço social (eixo horizontal).

De igual modo, a questão da responsabilidade é trazida por Forbes (2012) para o primeiro plano como uma dimensão essencial da psicanálise, bem como a resposta possível

aos impasses do gozo. Com efeito, se, desde Freud, o sujeito era convidado a se implicar na sua queixa e no seu sintoma, com Lacan ([1966]/1998, p. 873), “[...] por nossa posição de sujeitos, somos sempre responsáveis.”

Os autores antes referidos contemplam, em suas teorizações, as dificuldades encontradas pelos sujeitos adolescentes que hoje nos procuram. Não obstante, buscam, nas possibilidades teóricas da psicanálise, as saídas para as questões que se lhe apresentam. Recorrer às possibilidades teóricas da psicanálise exige, contudo, recorrer àqueles que melhor souberam traduzi-la, notadamente Freud e Lacan. É o que faremos a seguir.

4.2 FREUD E AS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE

Na obra de Freud, podemos rastrear a questão da adolescência a partir de três vertentes. Na primeira, centrada no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905]/1969c), Freud dedica o terceiro ensaio – *As transformações da puberdade* ([1905]/1969c) – a completar o quadro de sua teoria da sexualidade com os aportes oferecidos pelo período puberal, descrevendo o percurso necessário pelo qual, a partir da maturação sexual biológica, a sexualidade infantil se desenvolve na sexualidade adulta.

A puberdade se caracteriza, antes de tudo, pela retomada da sexualidade infantil, com ênfase sobre o reinvestimento libidinal nos propósitos edipianos, a saber: a satisfação sexual com a figura parental do sexo oposto e rivalidade com a do mesmo sexo. Outras características são: a reunião, sob a supremacia da zona genital, dos componentes da sexualidade infantil, a serviço da reprodução; o estabelecimento de um novo objetivo sexual representado pela possibilidade do ato sexual e, como corolário disso, a identificação sexual divergente, segundo linhas próprias a cada sexo. Finalmente, uma nova escolha de objeto amoroso, distanciada da escolha de objeto original voltada para o par parental.

Aqui, cabe ressaltar a importância da fantasia nos processos da puberdade, não menos que na infância. À parte os “romances familiares” que abordaremos mais adiante, Freud assinala que as primeiras escolhas de objeto da puberdade são inteiramente realizadas no plano da fantasia.

É justamente nessa conjunção entre o retorno dos desejos edipianos da primeira infância e a necessidade de escolha de um novo objeto amoroso que se encontra um dos dramas principais a ser enfrentado pelo jovem púbere. Com efeito, para Freud ([1905]/1969c), a interdição do incesto é não apenas o evento fundador da civilização e primeira lei ao qual o homem deve se submeter, como também deverá ser atualizada por cada sujeito, ao longo de

sua experiência individual. A puberdade encontra nesse ponto, em Freud ([1905]/1969c), p. 234), seu significado máximo:

> Ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais, um processo que sozinho torna possível a oposição tão importante para o progresso da civilização entre a nova geração e a velha.

Vale ressaltar que esse processo só se torna possível na medida em que, junto com a retomada do Édipo, o sujeito renova também o primeiro destino que sofreu na primeira infância, a saber: a dissolução do Édipo e a formação de uma estrutura substituta, o supereu. Herdeiro do complexo de Édipo, o supereu será o representante dos pais no psiquismo infantil, a primeira forma que a lei assume para o sujeito humano, contrapartida subjetiva da lei da cultura (interdição do incesto) e fundamento de toda lei social estabelecida pelas comunidades humanas.

Por outro lado, ao final dessa mesma proposição, Freud já aponta para a importância de pensar a passagem da infância à idade adulta como um processo que estaria na base da evolução das sociedades, reflexão que contribui para repensar as relações entre o sujeito adolescente e a sociedade à qual está referido, no sentido de um questionamento do binômio inclusão/exclusão, em benefício dos significantes recriação/invenção.

Enfim, o movimento geral de retomada da sexualidade infantil é igualmente acompanhado por todas as barreiras (vergonha, repugnância, moral), erguidas contra ela no período de latência – definido como o fim da primeira eflorescência da sexualidade infantil, que se conclui pelo recalque do Édipo e instalação do supereu (FREUD, ([1905]/1969c). Através de todas essas transformações, o que permanece central na teorização de Freud é a noção de perda e de falta em relação a uma pretensa plenitude original – sintetizada no conceito de complexo de castração. Tal relação plena nada mais é que a idealização mítica da relação primeira da criança, a qual, na realidade, nunca se apresentou sem as fraturas inerentes à condição humana, a primeira delas sendo a mediação pela linguagem.

Pela descrição acima, à exceção da possibilidade de realização do ato sexual, com a necessidade implícita de um posicionamento em relação à partilha dos sexos, a puberdade freudiana não difere muito em qualidade do que já havia sido tocado pela sexualidade infantil. Esta conclusão é coerente com a ideia de Freud ([1905]/1969c), de que, afinal de contas, existem muito mais semelhanças entre a sexualidade adulta e infantil do que costumamos admitir.

Aqui, também, situa-se o ponto em que, conforme indicado anteriormente, os pós-freudianos afastam-se do pensamento de Freud, já que a genitalidade, que caracteriza a adolescência para esses autores, não tem, para o fundador da psicanálise, o sentido de suplantar a importância das pulsões parciais na sexualidade adulta, e, portanto, não serve para distanciá-la da sexualidade infantil. A passagem da infância à idade adulta, ou o período recoberto pelo termo adolescência, se explicaria, portanto, por uma evolução psíquica em torno do fator sexual, entendido no sentido ampliado que a psicanálise propõe, a saber: abrangendo, além da genitalidade, o conjunto da relação do sujeito humano com o mundo, incluindo aí as realizações da civilização.

Ainda dentro dessa primeira vertente e complementando os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905]/1969c), Freud, no texto *Romances Familiares* ([1908]/1969h), apresenta as fantasias típicas do período puberal, que se caracterizam por devaneios nos quais os pais reais são substituídos por figuras parentais mais bem sucedidas e idealizadas. Tais fantasias, ao mesmo tempo em que expõem seu caráter edípico, exibem os primeiros traços do afastamento emocional em relação aos pais verdadeiros. É importante destacar que o Édipo aí se apresenta não mais no contexto do vivido, como acontece com a criança, mas com o caráter de pura fantasia, ou, em outras palavras, como memória.

Quanto a esse ponto, observamos que é com muito custo que Barbie traz para a análise o que ela chama de suas "histórias". Trata-se de narrativas nas quais ela constrói histórias de amor, casamento e família, pobreza e riqueza, entre personagens nos quais se podem reconhecer os traços originais de seus próprios pais, modificando detalhes que tornem o destino mais venturoso.

A segunda vertente que nos interessa recortar, em Freud, refere-se aos seus estudos clínicos, em particular três casos: o caso Dora (*Fragmentos da análise de um caso de histeria*, [1905]/1969d), o caso Katarina (*Estudos sobre histeria*, [1895]/1969b) e o caso conhecido como A jovem homossexual (*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, [1920]/1969t). Nesses artigos, Freud teoriza sobre a histeria e a homossexualidade feminina, sem fazer qualquer referência à condição adolescente de suas pacientes, em que pese às suas idades (18 anos).

O que vemos aqui, mais uma vez, e, desta feita, à luz de sujeitos singulares em análise, é o quanto as questões pertinentes a essa etapa da vida tomam por referência, em Freud, a sexualidade e as relações com o par parental. Por outro lado, esses artigos introduzem a questão do sintoma e suas relações com a sexualidade – incluindo aí, naturalmente, a questão da escolha de objeto e das identificações sexuadas –, e demonstrando os vínculos que podem

ser estabelecidos entre o significado do sintoma e os conteúdos edípicos das jovens analisadas.

A terceira vertente da perspectiva freudiana sobre a puberdade surge num pequeno artigo escrito em comemoração ao 50º aniversário de fundação do colégio em que Freud estudou. Assim, em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (FREUD, [1914]/1969p), o autor descreve a relação do jovem com seus professores com base na sua relação com a figura paterna. Sobre o pai, ele diz:

> Na segunda metade da infância, dá-se uma mudança na relação do menino com o pai. Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres, fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo e a avaliar seu lugar na sociedade [...] Tudo o que há de admirável, e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai. (FREUD, [1914]/1969p, p. 288)

A análise dessas três vertentes distintas da elaboração freudiana revela duas características comuns: a primeira é que o vocábulo adolescência está ausente tanto dos textos clínicos quanto do texto sobre o escolar, ao passo que nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, ([1905]/1969c), ele é usado apenas uma vez, sendo na maior parte do tempo substituído por puberdade ou período puberal. A segunda característica é que nenhuma referência é feita a elementos caros aos autores psicanalíticos que costumam trabalhar o tema, a exemplo do ritual de passagem ou referência ao contexto social.

Por outro lado, a partir do percurso de Freud podemos extrair um guia precioso para abordar a passagem da infância à idade adulta, sob o ponto de vista da psicanálise. Assim, ele parte das considerações sobre a sexualidade, avança pelas questões relativas ao sintoma e a identificação sexual e, por fim, aponta para o impacto desses desdobramentos sobre as relações do sujeito com as figuras de autoridade – pais e substitutos – e com o laço social.

4.3 LACAN E *O DESPERTAR DA PRIMAVERA*

Assim como Freud, Lacan não se detém sobre o tópico específico da adolescência, a não ser no prefácio que faz, em 1974, para a peça *O Despertar da Primavera, uma tragédia da juventude* (LACAN, [1974]/2003c), escrita em 1891 pelo alemão Frank Wedekind. Isto não significa, contudo, que não seja possível encontrar, ao longo de sua obra, as indicações necessárias para pensar os acréscimos que a chegada da maturidade sexual faz à constituição do sujeito, iniciada desde os primórdios da infância – acréscimos que serão, justamente, sintetizados no referido artigo lacaniano.

A peça *O Despertar da Primavera, uma tragédia da juventude* (WEDEKIND, [1891]) centra o drama juvenil em torno das descobertas sexuais que acompanham a chegada à

puberdade de jovens de 14 anos, alunos do Liceu. A peça descreve o universo adolescente de forma bastante atual, em que pese aos mais de cem anos que nos separam dela, o que aponta para o universal que está em jogo. Assim, não faltaram as dificuldades escolares, a homossexualidade, a gravidez precoce, o aborto, o reformatório e o suicídio, além da relação com os pais e mestres.

Três personagens centralizam o drama: Wendla, Moritz e Melchior, e cada um deles terá seu destino ligado a maior ou menor possibilidade de elaboração do impacto causado pelo encontro com a sexualidade. A ação começa com uma conversa entre Wendla e sua mãe em torno do comprimento que deve ter o vestido, considerando a sua idade. O fato de ser mantida em total desconhecimento dos fatos sexuais não impede Wendla de vivê-los – desde as fantasias masoquistas que acalenta, a partir dos relatos de uma amiga que apanha do pai, até a gravidez precoce e o aborto fatal.

Moritz é literalmente assaltado e sobressaltado por sonhos e devaneios eróticos frente à impossibilidade de encontrar uma palavra justa que dê conta do gozo que se aproxima com a puberdade. Com efeito, ele não só não consegue ouvir as explicações que Melchior se propõe a lhe dar, pedindo que as transforme em imagens, como é ele também que encontramos no início do drama, dizendo "palavras, palavras [...] para que serve um dicionário se não responde às questões mais importantes da vida?" Sem encontrar a palavra justa que lhe faz falta para dar partida à cadeia significante que lhe permita avançar na escola ou mesmo atender ao chamado de Ilse, Moritz passa ao ato e sai da cena se suicidando.

Melchior é aquele que deverá pagar o preço do sistema educacional e social vigente, pois, mesmo na condição de bem ou mal poder responder às exigências do sexo, da escola e da vida, ele é aquele que será responsabilizado pela morte dos dois amigos e punido com a exclusão num reformatório. Ao contrário da fuga planejada por Moritz – uma primeira tentativa de sair da cena, anterior ao suicídio – a fuga de Melchior do reformatório prefigura um ato significante, no verdadeiro sentido da palavra, que não recusa a responsabilidade por sua ação, mas recusa o lugar de bode expiatório que o Outro familiar e social lhe impõe. Por isso, pode, ao encontrar o homem mascarado, atender ao seu chamado, evitando sucumbir ao peso da culpa mortífera – a face culpada da responsabilidade, como desenvolveremos no próximo capítulo – e seguir o destino trágico de Moritz.

Lacan ([1974]/2003c, p. 557) assinala na peça o encontro traumático com o real do sexo, em seu caráter inaugural – "[...] o mesmo que dizer que se trata do nunca visto [...]" – e universal – "[...] se isso não é satisfatório para todos, chegando a confessar que, se é malsucedido, é para todo mundo [...]" (LACAN, [1974]/2003c, p. 557). Se a sexualidade está

presente desde a infância, como ensinou Freud, isso decorre de sua dependência original da linguagem. Deste modo, o real na infância se apresenta sob a forma da falta no Outro que é recoberta, na criança, pela fantasia da cena primária, para cuja construção, ela conta com a participação do casal parental. Assinale-se que a cena primária se descortina na puberdade como possibilidade de realização através do ato sexual. Em outras palavras, ela se realiza enquanto ato. Contudo, o inaugural e universal mencionados acima não se referem à possibilidade de realização do ato sexual, mas à descoberta de que, para além da possibilidade deste ato, o jovem púbere se depara com a inexistência da relação sexual ou com a impossibilidade do gozo pleno ou, em outras palavras, com a exigência da castração. Esse seria então o aspecto inaugural e universal da puberdade, seu ponto de impacto traumático, cuja elaboração exigirá a constituição do sintoma e uma escolha quanto à posição na partilha dos sexos.

Também nesse texto, Lacan vai destacar o Homem Mascarado – figura que aparece no final da peça para resgatar Melchior de sucumbir à culpa – como um dos Nomes-do-pai, que aponta um caminho para Melchior, livrando-o da morte. Deste modo, nessa articulação entre o encontro com o real do sexo e o surgimento de um significante que cumpra a função do termo paterno está o essencial da passagem da infância a idade adulta, do ponto de vista da psicanálise lacaniana. E essa conjunção que permite ao sujeito produzir uma nova filiação que, sem prescindir dos significantes originais aos quais esteve até então alienado, possibilite um mínimo de separação, passível de dar partida a uma nova cadeia significante.

5 O SUJEITO ADOLESCENTE E A LEI

A expressão “sujeito adolescente” pode suscitar alguns questionamentos, com o argumento de que o sujeito da psicanálise, sendo como é, resultado de uma operação de linguagem, não tem idade. Se isso é válido no que se refere à idade cronológica, contudo, no que diz respeito aos tempos lógicos necessários à constituição subjetiva é possível qualificar o sujeito de acordo com a consecução de determinadas etapas da estrutura que, no entanto, não deixam de ter alguma relação com a idade do sujeito. Deste modo, a psicanálise qualifica o sujeito de acordo com os tempos da constituição subjetiva: a exemplo, o *infans* – a criança antes da aquisição da linguagem; a criança no estádio do espelho – momento de constituição do narcisismo; o Édipo – simbolização da falta e a própria latência – período de recalque essencial à elaboração da lei.

A passagem da infância à idade adulta configura, também, um momento essencial de articulação da estrutura – como a construção dos casos clínicos mostrará adiante –, ainda que a psicanálise não tenha se proposto a nomeá-la dentro de seus referenciais próprios. Para os fins deste trabalho, continuarei a utilizar a expressão sujeito adolescente, advertida embora de que não se trata, aqui, de mais uma idade do ciclo vital, destacada da infância e da idade adulta, com a qual lidamos na clínica, mas de uma resposta à necessidade de marcar uma etapa importante da constituição do sujeito.

Quanto ao termo lei, cabe distinguir a lei que interessa à psicanálise do conjunto de leis da sociedade que constituem matéria da disciplina jurídica ou do conjunto das normas e padrões sociais não escritos que regulam as relações entre os indivíduos, num dado grupo social. Em relação às últimas, a psicanálise adota uma posição reticente, já que não estabelece como objetivo do tratamento nenhuma adaptação às normas sociais. Ao contrário, ao preservar a ética que lhe é própria, a ética do bem-dizer, relativa ao sujeito (LACAN, ([1974]/2003d), a psicanálise frequentemente se contrapõe à ética que determina as relações sociais, fundada sobre o bem-estar do indivíduo enquanto inserido no grupo (FERNANDES, 2003). Na verdade, essa posição é coerente com o sentido de denúncia do caráter restritivo e coercitivo das normas sociais sobre o indivíduo – e suas relações com as neuroses – e esteve na origem do surgimento da própria psicanálise. (FREUD, [1908]/1969k)

Assim, às leis da sociedade – que compõem a realidade imaginariamente compartilhada do grupo social –, a psicanálise contrapõe a lei da cultura, ancorada na ordem simbólica, e que se distingue por seu caráter fundador tanto da subjetividade humana quando do laço social. Decorrente da estrutura de linguagem que constitui o mundo humano, a lei da

cultura instaura a dimensão da lei enquanto tal, ou seja, ela se traduz na própria existência do código, independente do conteúdo dos diversos códigos existentes.

Por evocar a dimensão da origem – tanto do sujeito quanto do pacto social –, sua justificativa só pode ser encontrada numa narrativa mítica, o que fez Lacan atribuir o caráter de mito à proposição de Freud ([1913]/1969o) sobre o assassinato do pai da horda primeva pelo grupo de irmãos com a instauração da lei social, momento inaugural de passagem da natureza à cultura. Note-se que o mito freudiano propõe a articulação da lei simbólica à imagem do pai, o que se justifica na medida em que o universo simbólico humano tinha, até então, nessa imagem, seu eixo de sustentação.

É exatamente essa contingência que vai servir para nomear a função simbólica da lei de função paterna, motivo de tantos debates e equívocos já comentados acima. Por outro lado, independentemente do suporte imaginário disponível, trata-se, nessa função, da produção de uma filiação simbólica que ateste que ali teve origem ou se fundou um sujeito. É este sentido de origem simbólica que mantém em jogo o eixo da verticalidade e da dívida, apesar da derrocada da figura paterna.

Cumpre ressaltar, contudo, que tal filiação só se pode realizar através de um significante extraído do campo do Outro da linguagem. Por outro lado, ao definir um significante como o que representa um sujeito para outro significante, Lacan ([1964]/1988) aponta a articulação dos significantes numa cadeia como uma das propriedades essenciais do significante, o que nos remete à dimensão horizontal do laço social. Deste modo, na própria estrutura da filiação podemos observar a conjunção das dimensões vertical e horizontal do mundo humano, sem a necessidade de recorrer à sua sustentação imaginária na família que, por outro lado, vem recobri-la. Em outras palavras, o surgimento do sujeito e do laço social representam duas faces da mesma moeda, sendo essa moeda a da estrutura.

São as relações do sujeito adolescente com essa lei que, sobretudo, buscamos investigar nesta pesquisa. Por outro lado, não podemos deixar de considerar o impacto que tais relações exercem sobre o modo como o sujeito adolescente se inscreve no laço social e se posiciona frente às leis da sociedade. Na verdade, boa parte das questões colocadas pelos sujeitos adolescentes, tanto no contexto clínico quanto em suas manifestações no campo social, toca a questão da lei e das normas do grupo social.

Com efeito, ao lado das transgressões, atuações e passagens ao ato que fazem ruído na cena social, o próprio discurso do sujeito adolescente aponta para um profundo questionamento da autoridade. Este é o caso de Barbie, jovem que busca ajuda para lidar com o sofrimento advindo da condição de ser vítima de *bullying* no ambiente escolar, e cujo

percurso analítico a levará a indagar-se sobre a fonte do poder e da autoridade que as diversas figuras do seu mundo exercem sobre ela, sejam seus pais, amigas ou "ficantes".

Assim, tomaremos o discurso do sujeito adolescente em análise como guia para a investigação de suas relações com a lei e com a autoridade. Como já mencionado, dois casos clínicos fundamentam o percurso desta pesquisa. Apresentaremos a seguir fragmentos da análise de Barbie e de Back que nos permitiram avançar no problema proposto, bem como as elaborações teóricas que pudemos realizar a partir da reflexão sobre os casos.

Este capítulo está dividido em cinco seções, que recobrem cinco tempos da relação do sujeito adolescente com a lei, tal como pudemos apreender do material clínico examinado.

5.1 O ENCONTRO COM O REAL DO SEXO E A RESPONSABILIDADE PELO GOZO

Barbie é uma jovem trazida à consulta por sua família, em virtude das dificuldades que enfrenta na escola. A queixa – sintetizada no significante *bullying* – se desenvolve em torno dos maus-tratos que ela sofria diariamente na escola, por parte das colegas mais próximas. À época do tratamento, haviam-se esgotado as tentativas de encontrar uma solução junto à coordenação escolar. O que era mais preocupante era o fato de que Barbie se recusava a se afastar das colegas que a maltratavam, em que pese ao seu intenso sofrimento.

Barbie vai remeter o *bullying* sofrido – as colegas diziam-lhe que era ridícula e criança[11] demais, davam risada de tudo o que ela dizia – ao que chamava de seu atraso no desenvolvimento. As colegas cresceram antes dela, já falavam de meninos e de roupas. Ela tentava acompanhar como podia, mas parece que estava sempre atrasada, que era mais criança que as outras. Por outro lado, não queria andar com as meninas mais crianças, como ela. Temia ficar completamente sozinha. Perguntava insistentemente o que devia fazer.

Deste modo, já nas primeiras sessões, Barbie traz o significante criança tanto para descrever a si mesma, quanto por ser um dos principais termos usados pelas colegas para atormentá-la e excluí-la. Relata que, durante muito tempo, brincava de imitar as amigas nas roupas e no comportamento, no esforço de ser aceita pelo grupo.

O primeiro tempo da análise é marcado pelo tema da perda. Barbie faz comparações entre várias colegas diferentes. Diz que há as que são "Patis" e as que são "largadas", e ela não sabe para que lado ela mesma deva ir, embora sua aparência atual a coloque totalmente na tribo "Pati". Começa a se incomodar muito com o fato de estar parada, ao passo que todas as colegas, "Patis" ou não, estão caminhando, estão indo para algum lugar. O problema é que

[11] As palavras sublinhadas são os significantes que balizam a construção dos casos clínicos.

aquelas que estão andando são perfeitas, “pois não sabem que há outro caminho que não seguiram”. Ela própria, por qualquer caminho que vá, sabe que não estará indo para outro, portanto estará sempre perdendo algo.

Observamos, aqui, que ela está parada na medida em que não cresce, não se decide a perder a infância. Mas está parada também porque não pode escolher um caminho, já que qualquer um que escolha implicará na perda de algo, nem que seja o saber sobre o caminho que não escolheu. Aqui a questão da castração se delineia e a preocupação com a perfeição parece apontar para a perda narcísica que a incompletude implica.

No curso da sequência associativa em torno das perdas Barbie chegará a localizar a cena traumática que “foi onde tudo começou”. Numa festa, as amigas “armaram” para ela ficar com um menino e ela recuou. Quanto mais insistiam, mais ela recuava até que desistiram e ela passou o resto da festa sentada, sozinha. Sobre essa cena, dirá mais tarde que “foi ali que tudo começou”, pois até então ela apenas brincava de ser como as outras. Mas ficar com o menino seria ir longe demais. Aquilo “era pra valer”. Era o primeiro beijo, seu “primeiro encontro”. “Não podia ser feito daquela maneira”.

Essa passagem nos permitirá esclarecer melhor a fórmula lacaniana sobre o encontro com o real do sexo. Ao propor uma releitura de Freud à luz do estruturalismo – um movimento inspirado na Linguística de Ferdinand de Saussure ([1916]/1970) –, Lacan trará para o primeiro plano da teoria a importância da linguagem na determinação dos fatos mentais. É partindo do eixo da linguagem que Lacan ([1959-1960]/2008) vai desenvolver a noção de real como aquilo que fica fora da simbolização, o que escapa à significação e invade o psiquismo, exigindo um trabalho de elaboração simbólica, na falta da qual produz-se a angústia.

Trata-se, aqui, da noção de gozo absoluto, mítico, entendido como um excesso que, enquanto tal, ultrapassa as possibilidades de elaboração simbólica, fazendo-se sentir no corpo e no psíquico como desprazer. A dimensão do real e do gozo, em Lacan, constitui um vazio de significação no próprio centro da subjetividade humana, vazio ao qual o homem tenta continuamente atribuir significação e que, no entanto, sempre retorna.

Para Lacan ([1959-1960]/2008), o real sempre presente na experiência humana será tratado pela criança através da construção edípica, que organiza a sexualidade humana como uma tentativa de elaboração simbólica do furo na linguagem. Com efeito, o Édipo vai significar o mundo e o lugar que nele ocupa o sujeito, inscrevendo-o na ordem simbólica das gerações e da partilha sexual. É este movimento que permite fracionar o gozo absoluto, mortífero, em pulsões sexuais parciais que, ao mesmo tempo em que determinam uma perda

de gozo (gozo do Outro), instituem um 'a mais' de gozo a ser recuperado, sob a forma do objeto a.

Se o real é efeito da dimensão de linguagem do homem, e a sexualidade vem revesti-lo através de uma narrativa simbólica e imaginária que constitui o *detour* da vida, dois pontos resistem, ainda assim, a serem historiados. São as pontas da vida, sua origem e seu final, matéria das narrativas míticas. Deste modo, a expressão 'real do sexo' se conjuga àquela de 'real da morte' para marcar os dois limites do dizível e, portanto, do sentido[12].

Quanto ao real do sexo, duas questões[13], em particular, atestam sua incidência sobre o sujeito humano: a origem dos bebês e a diferença sexual. Ambas remetem à falta estrutural que se esconde por trás de todo ato sexual, o que faz da cena primária – figura do gozo absoluto e incestuoso – o elemento fantasmático que recobre o real por trás da sexualidade humana. Assim, o encontro com o real do sexo é desencadeado pela possibilidade de realização do ato sexual – atualização da cena primária –, na medida em que essa atualização vem revelar, justamente, a falta e, portanto, a impossibilidade da relação sexual.

No fragmento clínico descrito acima, Barbie traz a cena traumática que determinou sua manifestação sintomática. A imitação das amigas – uma brincadeira, como ela dizia –, para além de uma tentativa de pertencimento ao grupo das "Patis", criava uma ilusão de mulher. No momento em que é convocada pelo Outro social a dar provas de que não é mais criança, ela não sabe o que fazer, se desespera, recua e paralisa (parada). Nessa cena, ela se vê na situação de aceder a uma posição sexual. Em lugar de poder simbolizar o que lhe falta elaborando sua própria resposta face ao desejo do Outro, ela é tomada de uma angústia que a paralisa.

Essa é a cena que atesta o encontro com o real do sexo, que ela descreve como seu primeiro encontro. Era a cena de um beijo que, como veremos adiante, não seria o primeiro.

Logo, o "primeiro", nesse caso, não se referia ao beijo vivido da realidade, mas antes à evocação de algo mais, a que ela chama de "encontro pra valer", portanto pleno de consequências, ou seja, depois dele, nada seria como antes. É este pra valer que presentifica o furo e sua impossibilidade de responder desde uma posição sexuada que, no entanto, ela pressente como requerida.

---

[12] Não à toa, Lacan ([1964]/1988), retomando Freud ([1920]/1969v) em *Além do princípio do prazer*, vai indicar a estreita relação entre o sexo e a morte nos seres sexuados. Ambos representam pontos de vazio do real.

[13] Questões que dividiram a opinião de Freud ([1908]/1969f) em relação à sua primazia para a criança.

A passagem acima indica que, longe de ser produto da realidade, o efeito traumático do encontro com o real do sexo é forjado no discurso, como evocação, e não diz respeito nem ao ato sexual, nem às transformações da puberdade em si mesmas. Até então, Barbie havia podido tratar sua puberdade como uma brincadeira que lhe permitia, ainda criança, travestir-se de boneca Barbie, aliás, o objeto preferencial de suas brincadeiras infantis. É somente por efeito de uma convocação do Outro, aqui representado pelas colegas mais maduras, que o trauma é posto em andamento.

A leitura psicanalítica se esclarece em oposição às tentativas de psicologização que referem o axioma lacaniano sobre o encontro com o real do sexo na adolescência à simbolização requerida pela ocorrência da puberdade fisiológica. O risco deste entendimento seria considerar que os fatos psicanalíticos poderiam ser reduzidos à elaboração simbólica dos acontecimentos biológicos, restabelecendo uma dicotomia que o pensamento lacaniano logrou ultrapassar. Ao contrário, a psicanálise, ao menos a lacaniana, se sustenta inteiramente sobre a concepção do sujeito humano como ser de linguagem, sendo o traumatismo produzido no âmbito do discurso, e não da fisiologia.

Vejamos agora o que nosso segundo caso clínico, o caso Back,[14] tem a oferecer sobre este ponto.

Trata-se de um jovem que vem à consulta, encaminhado pelo psiquiatra que o acompanhava. Há alguns anos fora da escola, Back fazia uso de antidepressivos. Na primeira consulta, relata que, estando em casa, de repente, ouve um baque, acorre, encontra o pai caído, morto e leva um choque. Algum tempo depois, a vacilação que vinha tomando conta dele se concretiza. Abandona a escola, passa a viver em seu quarto, mortificado como sujeito. Com o diagnóstico de depressão, chega à análise poucos anos depois, ainda restrito à casa, embora não somente ao quarto, pois passa muito mal quando sai à rua. É muito agressivo com sua mãe. Na primeira sessão, ao descrever a morte do pai, enfatiza o baque escutado.

Back conta que sua mãe era mais responsável pela manutenção da casa e costumava queixar-se de que seu pai, ainda vivo, não tinha compromisso com nada. Sobre o pai, dizia que eram muito próximos. Estava começando a gostar de música quando ele morreu e este lhe dava muitos CDs. Sempre ficavam a mãe e as irmãs de um lado, ele e o pai do outro; em casa, havia duas televisões: a do quarto era dele e do pai, a da sala era das mulheres. Na análise, o encontro com o real do sexo vai aparecer para esse sujeito sob a forma da diferença sexual, traduzida numa questão: como se sustentar, agora sozinho, numa casa cheia de mulheres?

---

[14] Optamos por grafar dessa maneira, Back, quando nos referirmos apenas à imagem acústica do significante, sem referencia a suas possíveis significações.

Na construção edípica, por meio da qual a criança pode fazer frente ao furo, são as figuras parentais que não só se responsabilizam pela gestão do gozo, impondo-lhe limites, como ainda ajudam a criança a elaborar o encontro com a falta, através de uma projeção para o futuro adulto de uma possibilidade de gozo fantasiada em sua totalidade e expressa na frase tantas vezes repetida pelo adulto: "só quando você crescer". O que é assim projetado é a cena originária, ou seja, a fantasia do encontro sexual dos pais que recobre, ao mesmo tempo, as duas versões do furo real, descritas anteriormente: a origem dos bebês – e, portanto, do próprio sujeito – e a diferença sexual, que se resolveria, assim, numa relação complementar.

Amparada, deste modo, pela estrutura edípica, a criança pode conceber sua entrada no campo do Outro e enfrentar o que disso resta, metabolizando suas primeiras experiências de perda, através das operações de falta (frustração, privação e castração), que a preparam para assumir a falta, no momento oportuno, como sexuação.

Assim, no entrelaçamento de gozo, lei e desejo que constitui a sexualidade humana, os pais ou seus substitutos terão importante papel a desempenhar como organizadores da sexualidade infantil, não só porque polarizam os impulsos sexuais da criança, mas porque respondem pela transmissão da lei do desejo, com a perda de gozo que esta comporta. A importância dos pais nesse processo nos é indicada por Barbie de modo inequívoco. A cena traumática descrita irá retornar inúmeras vezes em sucessivos encadeamentos significantes, ao longo do tratamento. Num deles, conta que, quando criança, aconteceu de beijar os companheiros de brincadeiras. Sabia que era uma coisa errada, mas "não tinha problema porque sabia que estava fazendo uma coisa que meus pais não queriam". De fato, eles descobriram e puseram um ponto final na brincadeira: "não é coisa para criança".

Aqui a questão do limite ao gozo é resolvida pela autoridade parental. É possível, desde que o Outro parental sustente a interdição. É o modo como a criança costuma resolver o problema do excesso.

Em Back, um fragmento clínico também ilustra essa questão. Depois de algum tempo de tratamento, ele começa a estudar sozinho para fazer as provas de conclusão do segundo grau. Na prova, havia duas questões abertas sobre eletricidade, valendo mais que as outras. Não estudou eletricidade porque dormiu a tarde toda. Essa passagem traz à análise uma cena da infância. Solicitado a associar em torno do significante eletricidade, Back conta que costumava ir ao clube com o pai. Lá havia um poste elétrico com um fio exposto e a grande diversão era tocar o poste e levar pequenos choques. O pai sempre reclamava, dizendo que parasse de brincar com isso, pois podia morrer.

Ora, se na infância os pais assumem, deste modo, a responsabilidade pela gestão do gozo e encaminhamento do desejo, propiciando um equilíbrio relativo que não se faz sem obstáculos, como atestam os sintomas infantis, na adolescência novos arranjos serão necessários. Isso porque o recrudescimento dos impulsos sexuais, proporcionado pelas transformações da puberdade (FREUD, [1905]/1969c), parecem finalmente autorizar a satisfação plena adiada desde a infância.

Tal satisfação se revela, afinal, enganosa, pelo risco que comporta de perda do próprio sujeito. Trata-se, então, mais uma vez e de forma definitiva – até onde isso é possível –, de renunciar ao gozo em favor da manutenção do desejo, uma atualização da castração para a qual o jovem não pode mais contar com a ajuda das figuras parentais, que, nesse meio tempo, perderam muito de suas características idealizadas. Este é o ponto em que o processo de responsabilidade pela gestão do gozo – o gozo fantasiado e adiado da infância se torna aqui, paradoxalmente, perda de gozo e empuxo em direção à sua recuperação, criando um excedente de gozo a ser dominado pelo sujeito – deve sair da esfera dos pais e recair, inteiramente, sobre o próprio sujeito.

Assim, o jovem púbere tem, em qualquer tempo ou lugar, uma difícil tarefa a realizar. Podemos afirmar, com a psicanálise, que se trata de um trabalho psíquico, aquele que é exigido a partir do encontro traumático com o real do sexo. É o trabalho de renunciar ao excedente de gozo que a puberdade comporta e que a estrutura edípica, apoiada na lei do pai, não pode mais conter, tal como o fazia na infância. (ALBERTI, 2009)

Trata-se, aqui, do fracasso estrutural da metáfora paterna, que já não pode se apoiar nas figuras imaginárias parentais que, nesse meio tempo perderam as insígnias do ideal. Cumpre destacar que parte dessa perda decorre, exatamente, da descoberta de quão pouco o sujeito foi preparado por eles para enfrentar os dilemas do sexo e da vida, tema de tantas queixas juvenis.

A adolescência é, portanto, um momento capital de retorno do vazio central, desencadeado, desta feita, pelas transformações da puberdade que abalam as significações produzidas na infância. Assim, Lacan ([1974]/2003c) descreve este retorno como o encontro faltoso e traumático com o real do sexo e seus efeitos sobre a subjetividade do jovem púbere, o primeiro deles sendo o impacto de um excesso de gozo.

Desta forma, se a adolescência se articula tão estreitamente ao tema da lei é apenas na medida em que é nessa fase da vida que se ratifica para o homem sua condição de sujeito barrado, a partir do encontro com Outro real (Outro sexo) que, à diferença do que se passa na infância, se apresenta despido de suas figurações imaginárias. A clínica nos ensina que, seja

qual for a resposta que o sujeito possa dar a isso, para essa condição não há retorno, ainda que o sujeito decida, ao preço de uma neurose, aferrar-se à solução proposta pelo Édipo, ou, ao preço da psicose, pôr-se aquém dele. Dessa lei real, portanto, não há recuo possível e nossa hipótese é de que é a isso que se pode chamar, legitimamente, de responsabilidade pelo gozo, que equivale à responsabilidade pela condição de sujeito falante.

Assim, na cena traumática descrita por Barbie, não há mais autoridade parental que venha ordenar o que se passa, e ela sente que cabe apenas a ela decidir sobre o ato. Não que nessa ocasião ela tenha podido decidir, pois isso demandaria ainda algum tempo de análise, mas o fato de não ter podido decidir não a impede de perceber que, doravante, cabe a ela, e somente a ela, essa decisão. Nisso consiste a assunção da responsabilidade pelo ato, em seu caráter pontual, ato aqui sendo ato sexual, o que põe em causa a questão do gozo. É então a responsabilidade pelo gozo o que particulariza o encontro com o real do sexo na puberdade e, ao mesmo tempo, fundamenta a passagem da infância a idade adulta.

A partir dos fragmentos da análise de Barbie, proponho distinguir a responsabilidade pelo gozo, que a faz recuar e paralisar na cena da festa, da responsabilidade quanto ao desejo, que seria o caso se ela tivesse podido de fato decidir sobre o seu ato, o que fará, posteriormente, no decorrer da análise.

Vejamos, agora, como se articula, para Back, a responsabilidade pelo gozo, como consequência do encontro com o real do sexo na puberdade. No fragmento de análise que trata da divisão do espaço doméstico entre o lado homem (o quarto) e o lado mulher (a sala), observamos um dos pontos de impacto da perda do pai, ou seja, o fato de perder, desde então, a garantia da masculinidade, numa casa, descrita como dominada pelas mulheres. A morte do pai, nesse momento, significou para Back a impossibilidade de elaborar, sozinho, a questão da diferença sexual – responsabilidade sob o peso da qual só pode sucumbir –, sendo este o ponto de impacto traumático, verdadeiro encontro com o real do sexo, que determinou que um processo de luto normal se transformasse numa depressão que durou pelo menos três anos e, pelo tempo que durou, teve como efeito retirá-lo da vida, tornando-se morto também.

Assim, tanto num caso como no outro, vemos emergir um real impossível de ser simbolizado, o qual, para além da puberdade fisiológica, comparece em pontos específicos das trajetórias dos sujeitos, emoldurados por cenas efetivamente vividas – a festa de Barbie, o pai caído de Back – que virão marcar um antes e um depois, e a partir do que tudo será diferente. Em outras palavras, o dito encontro não é força de expressão, mas algo pontual, que pode ser referido a um tempo lógico, marcando um ponto de ruptura e invasão do real que, momentaneamente sidera o sujeito e o paralisa.

Na próxima seção acompanharemos, nos casos Barbie e Back, os desdobramentos da responsabilidade quanto ao gozo, que inauguram para eles o segundo tempo da relação do sujeito adolescente com a lei.

5.2 O SUPEREU OU A FACE CULPADA DA RESPONSABILIDADE

Nas entrevistas preliminares, Barbie esclarece melhor o contexto da queixa. Há uma mudança de colégio, de pequeno, de ensino fundamental, para ensino médio, onde é preciso encontrar um novo lugar. Suas antigas amigas, mais desenvolvidas, se associam com outras da nova escola. Barbie cai sob a influência da colega que lidera o novo grupo, a quem considera perfeita, sobretudo porque não demonstra nenhuma atitude de vacilação ou insegurança. Em resumo, ocupa o lugar de ideal. É essa colega que lidera a agressão sistemática em relação a tudo o que Barbie diz ou faz, além de sua aparência. Barbie sofre, mas não se defende. Não consegue enfrentar o olhar da colega, por medo de desencadear o tormento. Não consegue denunciar o abuso nem tomar nenhuma atitude de afastamento. Permanece paralisada.

Ao mesmo tempo, o processo de idealização da colega não cede. Participar de um grupo mais afim de seus interesses parece condená-la de vez a ser criança, e ela rejeita essa possibilidade. É preferível então participar do grupo mais maduro, onde ela teria a ilusão de não ser mais criança, ainda que ao preço, paradoxalmente, de uma condenação permanente por ser "criança demais". Condenada a ser criança ou por ser criança é o paradoxo que surge num fragmento clínico, no qual o equívoco entre a e por esclarece algo da posição significante de criança que está na base da "condenação" que fundamenta sua manifestação sintomática. Com efeito, a partir de um lapso de escuta, a analista faz intervir as duas preposições referidas, ao que ela, após pensar um pouco, responde sublinhando o aspecto da "condenação" com uma referência à atitude ambígua de sua mãe que, por um lado, não a deixa fazer muitas coisas porque ela é ainda criança demais e, por outro lado, usa essa mesma sentença para sublinhar a lentidão do crescimento de Barbie.

Em outras palavras, os dois grupos de colegas representam um substituto metonímico do duplo caráter da relação de Barbie com o Outro materno: permanecer sendo a sua criança (o objeto do Outro) ou desligar-se dela em direção a uma feminilidade, que se apresenta, ainda enigmática, e à qual só pode responder com uma caricatura do feminino.

Nesse ponto, cabe um esclarecimento adicional. O encontro com o real do sexo e a responsabilidade do gozo que o sujeito é, agora, obrigado a enfrentar implica, no seu fundamento, que o Outro, ao contrário do que se passa com a criança, não permaneça mais

encarnado nas figuras parentais, mas sofra um deslocamento para outras figuras substitutas, cuja escolha caberá, agora, ao próprio sujeito, doravante responsável. No entanto, tal deslocamento requer um tempo lógico necessário, tempo de incubação, como diria Freud a propósito do trauma, nos *Estudos sobre a histeria* (FREUD, [1895]/1969b). Neste sentido, seguimos a proposição de Lerude, quando ela refere o drama da adolescência a um momento pontual de vazio do Outro (LERUDE, 2009). O que o caso Barbie nos ensina é que esse vazio do Outro, de caráter pontual, dará lugar à formação da instância do supereu que, em seu caso, asumirá aspecto mais feroz.

Dois textos são essenciais para trabalhar a constituição do supereu no pensamento freudiano. São eles: *O ego e o Id* (FREUD, [1923]/1969x) e a *A dissolução do complexo de Édipo* (FREUD, [1924]/1969y). No primeiro deles, Freud refere sua constituição ao mecanismo da identificação, tal como ocorre no processo de luto, no qual um objeto perdido é instalado novamente dentro do ego, assinalando, nessa ocasião, que, no caso da instância superegoica, tais identificações têm as figuras parentais por objeto. Neste sentido, o próprio processo de desligamento das figuras parentais que ocorre na puberdade daria um poderoso impulso à formação do supereu iniciado na infância.

É importante destacar por outro lado que, nesse texto, Freud ([1923]/1969x) utiliza os termos supereu e ideal do eu indiferentemente, embora certas nuanças já se façam sentir em torno dos conceitos, ao falar em uma identificação positiva com o pai, sob o preceito: "você deveria[15] ser assim como seu pai" e em uma contrapartida negativa, que valoriza o aspecto da proibição: "você não pode ser assim como seu pai".

Por outro lado, Freud ([1923]/1969x) inclui no supereu identificações provenientes de ambas as figuras parentais, materna e paterna, o que por si só evoca algum nível de diferenciação dentro dessa instância. Uma terceira fonte de diferenciação pode ainda ser considerada, quando Freud assinala que o supereu não é apenas um resíduo das primitivas escolhas objetais do id – ou seja, ponto de localização do investimento pulsional infantil –, mas que também representa uma formação reativa contra tais investimentos. Diz Freud ([1923]/1969x, p. 49): "Esse duplo aspecto do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo".

Na verdade, é este "duplo aspecto" do supereu – que tanto responde por suas relações com a lei e a moralidade, quanto por suas relações com os investimentos libidinais do id – que

[15] Atentar para o tempo futuro do pretérito que inclui, na ordem, uma condicional, importante na conformação da dimensão do ideal.

está na base do sentimento de culpa inconsciente e é a fonte de seu caráter compulsivo, que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico.

Outro aspecto assinalado por Freud ([1923]/1969x) refere-se ao fato de que a constituição do supereu está relacionada à interrupção do desenvolvimento sexual e à instalação do período de latência. Neste sentido, o início de sua formação na infância é consequência do processo de desligamento dos pais que, nesse primeiro tempo, constitui um desligamento em relação ao Outro primordial, com o apoio do investimento na figura paterna. Mais importante ainda é assinalar que, "[...] dando expressão à influência dos pais, [...] perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem". (FREUD, [1923]/1969x, p. 50, grifo meu) Em outras palavras, ainda que Freud ([1923]/1969x) indique a formação do supereu como um critério da dissolução mais radical do complexo de Édipo – a neurose seria um critério menos radical, já que o referido complexo permaneceria ativo no inconsciente –, na resolução edípica através do supereu o desligamento parental resultaria sempre incompleto, o que o próprio Freud acaba admitindo, ao assinalar que:

> À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência a exercer a censura moral. (FREUD, [1923]/1969x, p. 52)

Outro aspecto particularmente interessante para a nossa pesquisa é a indicação de Freud ([1924]/1969y) de que o superego seria constituído a partir de representações verbais. Neste caso, afirma o fundador da psicanálise, a energia da catexia que investe essas representações verbais deve sua força imperativa, não à educação ou à leitura, mas às suas fontes no id, ou seja, às suas fontes pulsionais.

Seja como for, o processo de constituição da instância do supereu, inaugurado na infância, prossegue por todo o período de latência, ancorado na figura paterna ideal. Assim, será ao final da latência, ou início da puberdade – auxiliado pelo progressivo desgaste da idealização parental – que chegará a vez do processo de desligamento parental alcançar esse último polo de sustentação edípica: o termo paterno. De igual modo, consideramos essencial a contribuição de Pennot (1995) que, amparado em Freud, afirma que

> [...] o sujeito surge no terceiro tempo da reversão da finalidade da pulsão, quando a satisfação é buscada num modo passivo, necessitando que um sujeito exterior se apresente [...] – sujeito de um olhar sobre si ou sujeito de um sadismo exercido sobre o próprio corpo. (PENNOT, 1995, p. 38)

Lacan fará uma importante contribuição à questão do supereu ao enfatizar seu aspecto de imperativo de gozo. Neste sentido, as duas dimensões originalmente assinaladas por Freud

receberiam, aqui, um tratamento mais diferenciado. O ideal do eu seria entendido como um modo de recuperação – dentro do contexto da castração e compatível com os ideais culturais fálicos – do narcisismo infantil contido na formação do eu ideal. O termo supereu, por outro lado, estaria vinculado à dimensão pulsional e vociferante dessa instância, tão presente em algumas patologias e, segundo nossa pesquisa aponta, na própria passagem da infância à idade adulta.

Assim é que Lacan ([1959-1960]/2008, p. 29), no seminário *A ética da psicanálise*, ao destacar que "a instância moral presentifica o real" nos adverte sobre o caráter de satisfação pulsional – satisfação ligada à pulsão de morte – que a obediência à lei pode adquirir. Trata-se aqui, do ponto paradoxal em que a dimensão real da lei, com seu imperativo do gozo, substitui seu aspecto regulador.

Finalmente, uma última contribuição de Lacan ([1962-1963]/2005) a este tema do supereu nos parece de extremo interesse em nossa pesquisa. No seminário sobre a angústia, este autor vai articular o supereu com o objeto voz, numa passagem muito bela e esclarecedora, na qual afirma tratar-se de um significante que é incorporado pelo sujeito e passa a funcionar no psiquismo de forma isolada, ao modo de uma voz solta que vocifera, sem estar inserida em qualquer encadeamento significante que permita sua modulação.

De posse dessas preciosas referências teóricas, podemos avançar, agora, no entendimento dos nossos sujeitos. Assim, na impossibilidade de renovar rapidamente a operação de castração do Outro – esvaziado de representações imaginárias a partir do encontro com o real do sexo – diremos que Barbie, na tentativa de conter o excesso de gozo que se anuncia, aposta na submissão ao *quantum* de gozo presente na constituição do supereu, preservando, no entanto, sua dimensão de sujeito – segundo a formulação de Pennot (1995), descrita acima –, através de uma montagem sintomática dominada pelo masoquismo. Para isso, o passo seguinte será transferir para as colegas, e para uma em particular, o lugar de Outro ocupado anteriormente pela mãe.

É importante destacar aqui que, ao contrário do que acontece com o psicótico, que cede ao gozo do Outro como puro objeto, sem reservas, pois que este não está barrado, em Barbie o Outro se apresenta apenas insuficientemente barrado, o que lhe permite, também a ela, como sujeito, gozar da cena, em que pese ao seu sofrimento.

O aspecto de <u>condenação</u> que a análise pôde captar, apenso ao significante <u>criança</u> vem traduzir a dimensão superegoica na elaboração sintomática. <u>Condenada a ser criança</u> e <u>por ser</u> <u>criança</u>, o significante <u>criança</u> – tantas vezes recolhido da boca de sua mãe – vocifera insistentemente através do *bullying*, prendendo-a ao grupo que a maltrata.

Vale notar, ainda, o paradoxo da posição do sujeito Barbie que, sob um só e mesmo significante, é capturada pelo gozo do objeto criança que é, e pelo gozo da lei que lhe impõe crescer ("você é criança demais"). Isso é particularmente evidente ao constatar que "minha criança" é também o modo como o pai se dirige a ela, recusando reconhecer em sua filha a mulher que se anuncia. Quanto ao pai, Barbie se apresenta muito indignada pelo modo infantilizado como ele a trata, e em resposta atribui-lhe o epíteto de "criação", alguém com quem não se pode nunca conversar sobre nada.

Em relação à cena traumática, ela vem se desdobrar em duas vertentes: a primeira, na qual Barbie elabora uma fantasia em torno de como deverá ser o primeiro encontro, e tantas são as condições que estabelece que acaba por torná-lo literalmente impossível. Entre essas condições, a moça deve obedecer a certos critérios estéticos nos quais ela própria não se encaixa.

A segunda vertente refere-se à captura pelo olhar e pela voz do Outro, presente na manifestação sintomática do *bullying.* Com efeito, o gozo do Outro que acompanha a formulação "O que esperam de mim?" vai se fazer sentir, sobretudo, sob a forma do olhar. Ser olhada enquanto 'fica' vai se tornar, mais tarde, um importante componente de sua angústia. O que indica que aqui se trata de uma vacilação do fantasma em benefício do gozo é o fato de que a essa pergunta, ela responde com "fazer o certo", o que é sempre prerrogativa do Outro. Diríamos que essa pergunta, longe de convocar uma resposta simbólica, se situa, em Barbie, na articulação entre o real e o imaginário. Daí o imperativo da imitação.

Deste modo, Barbie não só constrói uma cena imaginária possível da relação sexual como, no mesmo passo, atesta sua impossibilidade. Por outro lado, o que era tido como um sintoma social de *bullying* é gradualmente assumido por Barbie como um sintoma do sujeito, o qual, não por acaso, ecoa as vozes das amigas: 'sou criança demais, não cresci, o que eu faço?', questão com a qual pôde iniciar seu tratamento, como veremos na próxima seção.

Vejamos agora que contribuições o sujeito Back pode trazer ao tema do supereu. O processo de depressão que atinge Back após a morte de seu pai pôde ser esclarecido por uma importante passagem da análise. Numa sessão, um fragmento associativo produz uma súbita sensação muito ruim que evoca, para ele, dois momentos anteriores em que essa mesma sensação havia surgido. No primeiro, ele relata que teve uma sensação de choque quando, algum tempo após a morte do pai, e estando já recolhido ao seu quarto, sua avó materna também morre, e Back ouve sua mãe se lamentar nos seguintes termos: "o marido morreu, a mãe morreu, o filho adoeceu". Essa série que surge na voz da mãe se articula com uma

segunda lembrança que também lhe produziu a mesma sensação de choque: um colega, curioso pelo seu afastamento, lhe pergunta quando afinal terminará suas "férias".

Back continua, então, dizendo que, ao ouvir a mãe falar, sentiu-se subitamente "desanibar", um lapso que vem substituir a palavra 'desanimar' e que, como veremos adiante, terá importância capital na evolução do tratamento. Cumpre assinalar que esse "desanibar" vem ecoar um segundo lapso ocorrido em outra sequencia associativa, na qual, referindo-se aos assuntos das provas de conclusão do segundo grau que tentava realizar, ele diz: "porque este é o assunto que eu vou cair na prova".

Tais fragmentos significantes ganham relevo ao se articularem ao relato de Back de que, "desde que se entendia por gente", era sua mãe que tinha o papel principal no sustento da casa, situação que não deixava de produzir certa tensão no ambiente doméstico. Deste modo, podemos supor que, se Back acreditava poder se sustentar no pai para delimitar o espaço masculino da casa – numa delimitação geográfica (o quarto/a sala) – a morte do pai vem revelar, na imagem da queda (baque) o quão frágil era o pai nessa delimitação. Deste modo, à queda do pai segue-se a queda do filho, morto como o primeiro. Sem possibilidade de sustentar sozinho seu lugar masculino, só lhe resta a delimitação geográfica, o que o leva não só a se encerrar no quarto, como a passar ao ato violento em relação à sua mãe.

Assim, diríamos que o desligamento em relação à autoridade paterna em Back se faz mediante a invasão de um real que se apresenta, de forma imediata, em sua dupla face, potencializando mutuamente seus efeitos. Assim, o real do sexo converge com o real da morte para fazer agravar a manifestação sintomática de Back, sob a forma de um supereu feroz, puro gozo, que o ataca, instigando a culpa por sua falência, conforme as falas da mãe e do colega apontam.

Para Back**,** é a própria voz da mãe – nas inúmeras cobranças que faz para que se movimente, saia de casa e avance – que assumirá o caráter mortífero da instância do supereu e que, como acontece com Barbie, também o paralisa. Neste sentido, ambos assumem para si a responsabilidade por domar o excesso de gozo e, nesse processo, no sentido de preservar a posição de sujeito, só lhes resta a saída masoquista.

Nesse ponto, cabem algumas considerações sobre a passagem da infância à idade adulta em geral, em que é possível encontrar, com regularidade surpreendente, essa manifestação do supereu em seu caráter mais feroz, conforme já indicava Melman ([1987]/1995).

Assim, o tempo de constituição do supereu, que introduz um segundo tempo, já de elaboração, nas relações do sujeito adolescente com a lei[16] e que tem a característica de lidar com o gozo de uma lei moral severa, vinculada ao retorno do real, conforme o axioma lacaniano, é o processo psíquico capaz de responder pelas manifestações sintomáticas da adolescência contemporânea. De igual modo, esse processo impressiona o observador por seu caráter mortífero, que as sociedades pré-industriais buscavam delimitar, simbolicamente, através de rituais de passagem assentados no risco da morte. Como nos ensina Pennot (1995, p. 39): "A função fundamental da destrutividade vem, desde então, a ser suposta como indispensável na gênese mesma do processo de subjetivação pessoal, em um movimento ao mesmo tempo separador e marcado pelo masoquismo."

Através dos significantes singulares que marcaram sua história, o sujeito, aqui, se faz presente mesmo no que se tem chamado de manifestações sintomáticas contemporâneas, marcadas pelo gozo mortífero. Tais manifestações pulsionais da adolescência poderiam ser compreendidas, então, como o modo próprio da emergência do sujeito, no processo de elaboração da passagem da infância à idade adulta.

Apesar dessa reflexão, podemos constatar que a dominância do discurso da ciência na modernidade, frequentemente contribui para dificultar a passagem para o tempo seguinte da elaboração sintomática – o tempo da filiação significante, de acordo com nossa pesquisa. Ao homogeneizar o sintoma numa direção que fica aquém do sujeito que ele veicula, tal discurso acaba por suturar a falta subjetiva através de um significante mestre que ordena o sintoma enquanto social. Deste modo, a criança de Barbie se reduz ao *bullying* e o baque de Back se reduz à depressão, demandando intervenções de mestria (educador, médico) que retiram dos sujeitos a responsabilidade em relação ao que lhes determina.

De qualquer modo, o que importa destacar é que, mesmo sob a forma do sentimento de culpa, o sujeito assume a responsabilidade pela gestão do gozo. É nesse ponto que se abre a possibilidade de uma saída neurótica, que busca reinvestir a dialética edípica e, desse modo, devolver às figuras parentais o lugar original de responsabilidade quanto à gestão do gozo, nos moldes em que funcionava na infância. Nesse caso, o sujeito recusa a responsabilidade em relação à sua condição de sujeito, que, no entanto persiste ao modo de um saber não sabido, causa de sua divisão. O resultado clínico dessa configuração se nos apresenta, muitas vezes, sob a forma de um sujeito que, em que pese já ter ultrapassado em muito a puberdade, parece não ter sequer iniciado a adolescência.

---

[16] O primeiro tempo é constituído pelo Outro esvaziado, pelo encontro com o real do sexo e a responsabilidade pelo gozo, descrito no item 5.1.

No interesse de uma maior precisão teórica, entendemos ser útil diferenciar gozo de desejo. Diríamos, então, que, na condição descrita acima, em que pese ao fato de se responsabilizar por seu gozo e sofrer com isso, o sujeito consegue se furtar a responder por seu desejo, como Barbie que precisará de um tempo maior de elaboração simbólica para por em causa sua feminilidade desejante. A possibilidade de responder por seu desejo é, assim, o vetor que inaugura o terceiro tempo das relações do sujeito adolescente com a lei, centrado na dialética da filiação simbólica.

De certo modo, este é o ponto onde Freud se detém, pois, ao levar o desligamento da autoridade parental até sua substituição por outras figuras imaginárias que o campo social oferece, ele condena o sujeito à submissão ao supereu e, nesse sentido, a jamais ultrapassar o pai, o que acabará por se tornar contraditório com o processo de responsabilização do sujeito que ele próprio inaugurou com a invenção da psicanálise, em consonância com o advento da Idade Moderna. Esse é o paradoxo sobre o qual Lacan virá se debruçar em sua teoria, fazendo avançar a reflexão.

5.3 O SIGNIFICANTE E A QUESTÃO DA FILIAÇÃO

"Sou criança demais, não cresci, o que eu faço?" Com essa frase, Barbie encerra o período de entrevistas preliminares e inicia sua análise, formulando, como questão própria, o abuso de que era vítima. Em outras palavras, no ponto de partida de sua travessia, encontramos o significante-mestre criança que a determina como sujeito.

Um dos termos da cadeia significante (S1-S2), o significante-mestre (S1) é o significante que comanda a alienação primeira, antes mesmo que outros significantes venham a se lhe associar, operando um deslizamento de sentido, sob o qual o sujeito desaparece. Efeito da intervenção do termo paterno, este é o significante da castração que impulsiona a cadeia significante e, fazendo emergir o sujeito através da teia da repetição, aponta para a filiação simbólica. Neste sentido, não será por acaso que criança é também o significante pelo qual o pai de Barbie a nomeia – "minha criança" – bem como ela a ele – "um crianção".

No entanto, a passagem da infância à idade adulta inaugura um tempo no qual vacilam as significações já alcançadas na infância. Deste modo, é possível supor que o termo criança vem sofrer, no discurso de Barbie, uma importante transformação significante, exatamente no momento da cena traumática. Assim, da criança (efeito da alienação/separação infantil) que beijava os amigos, sem problema – já que os pais atuavam como limite ao excesso – à criança que não podia 'ficar' com o menino na cena da festa, porque, então, seria pra valer – ou seja, não haveria limite ao gozo num verdadeiro encontro com o real do sexo –, o significante

criança, ao sofrer os efeitos da referida vacilação, cai sob a marca do gozo do Outro, tornando-se significante do supereu.

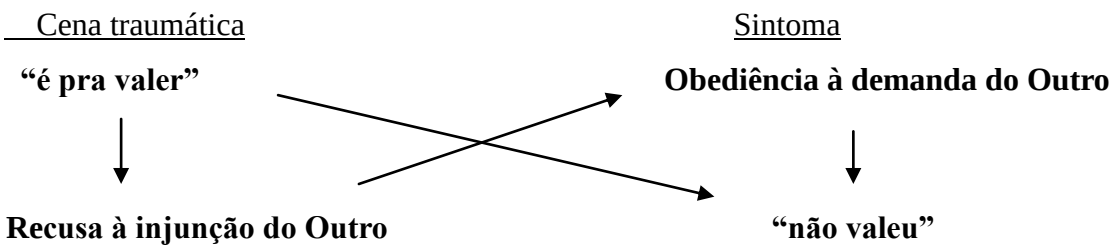
Condenada a ser criança ou por ser criança, é somente do lugar de objeto/criança que Barbie pode, doravante, responder e, com efeito, a partir daí, permanece paralisada sob o olhar e a voz das amigas. Assim, se "minha criança" pôde, um dia, corresponder à presentificação do pai na dialética edipiana, protegendo-a do gozo materno – Barbie se faz, em alguns momentos, nostálgica quanto à relação muito estreita que mantinha com o pai, na infância – na puberdade, frente ao luto pela desidealização do pai, o significante criança perderá parte de seu estatuto simbólico, regredindo a uma filiação de caráter puramente real: a criança**,** filha do criação**.**

Um novo corte significante se fará necessário nesse ponto. Após algum tempo de trabalho analítico, Barbie aceita mudar de escola e, no novo ambiente, novamente se une a um grupo mais maduro que ela, mas já não permanece paralisada. Em consonância com a demanda que faz à analista, trata-se, agora, para Barbie, de descobrir o caminho pelo qual poderá deixar de ser criança.

Nessa fase, a incidência do supereu ainda se faz sentir, embora de modo mais flexível. Ela continua a obedecer ao comando das novas amigas, 'fica' com os meninos indicados pelas colegas, mas sempre retorna dizendo que "não valeu", significando com isso o paradoxo de que embora beije, é como se nada tivesse acontecido e ela diz: "não valeu".

Assim, um novo sintoma começa a se estruturar por uma inversão: o significante "não valeu" com que ela qualifica suas sucessivas experiências vem retomar e negar o significante "é pra valer" que condensa a experiência traumática. A construção do sintoma se faz, portanto, a partir da cena traumática, por um remanejamento no nível do discurso.

Figura 1 – Formação do Sintoma



Fonte: Elaboração própria.

Se, na cena traumática, há uma recusa à injunção do Outro (ela recua e paralisa), no segundo tempo[17] de elaboração do sintoma Barbie obedece à injunção apenas para descobrir que nada acontece, em outras palavras, para atestar que, de fato, a relação sexual não existe. Na sequência associativa, ela conta que é como se ficasse paralisada na hora do beijo, não sabe o que fazer. Depois não se lembra de nada, é como se nem tivesse estado ali. Apesar disso, não consegue recusar o imperativo de 'ficar' nas festas.

Ao mesmo tempo em que vivencia essa oscilação em relação à sexualidade, novos significantes surgem na análise. Em determinado momento ela revela, muito angustiada, que costumava contar para os colegas histórias engraçadas que teriam acontecido com ela, apenas para os colegas rirem e gostarem dela. Gosta de fazer rir e se diverte com isso.

Aqui, observamos que Barbie caminha numa espécie de fio da navalha em sua relação com o Outro. Com efeito se, na manifestação sintomática do *bullying*, ela era apenas um objeto/criança risível, à medida que o corte simbólico vai operando na análise, o deslizamento significante que sobrevém virá atestar a separação em relação ao Outro. Deste modo, o riso passa de puro índice do gozo do Outro, no *bullying*, para objeto na dialética do desejo do Outro, sendo, então, buscado como dom de amor. Barbie se faz engraçada e divertida como um modo de sedução, o que funcionará por algum tempo.

Vale ressaltar o quanto esse deslizamento em relação ao riso converge com a evocação de um tempo anterior quando, criança, Barbie era o centro das atenções da família. Essa é uma passagem essencial no curso do trabalho já que, ao recuperar outras significações vinculadas ao significante criança, este começa, gradualmente, a perder seu caráter de condenação, pavimentando o caminho em direção a uma autêntica transição da infância para a idade adulta, através da preservação dos restos significantes de sua história.

Mas o Desejo do Outro é sempre um enigma para o sujeito, e Barbie é apanhada em sua própria armadilha. Reflete que fica tentando criar uma personagem de que todo mundo goste mas ninguém a conhece de fato. Está cansada disso, não quer mais ser uma personagem, quer ser ela mesma. Barbie entra numa fase extremamente depressiva, na qual se desqualifica severamente. Gostaria de ter coragem de se matar, pois não vê saída para sua angústia. Para de contar suas histórias e torna-se mal-humorada na escola.

Deste modo, as vicissitudes sintomáticas da adolescência nada mais são que a expressão do fato de que a perda da eficácia simbólica dos pais infantis, como garantia da lei,

[17] O primeiro tempo marcado pela constituição do supereu.

deve ser gradualmente substituída por uma nova mediação simbólica que venha ordenar gozo, lei e desejo, tarefa que cabe ao sujeito realizar.

O processo de elaboração simbólica em torno da falta do Outro se tornará evidente num determinado momento da análise. Barbie encontra um filhote de cachorro na rua e o leva para casa. Conta que, desde criança, sempre quis um animal e os pais nunca concordavam, sobretudo sua mãe, porque sofre de uma fobia animal importante. Barbie diz, então, que "agora chega". Ela mesma providencia seu animal, contrariando a proibição da mãe, que diz que ela não pode ficar com o cachorro porque não tem como cuidar dele. Desafia a mãe. Diz estar disposta a negociar se a mãe admitir sua fobia e parar de atribuir à falta de responsabilidade de Barbie a razão pela qual ela não pode ter um animal.

Nesse processo, afasta-se da mãe e sofre a sua perda já que não ficam mais juntas, não conversam mais. Barbie sente-se culpada por estar infringindo as regras da casa e estar transtornando sua família, mas não abre mão do filhote. Por outro lado, cachorro é outro elemento que, tal como criança, ela partilha com seu pai, que se diverte e cuida do animal junto com ela.

O exame da questão da lei nos conduziu a duas passagens do ensino de Lacan, nas quais ele situa a lei em relação com o gozo e o desejo. A primeira encontra-se no *Seminário livro X a angústia*, onde Lacan ([1962-1963]/2005, p. 119) vai dizer que "[...] o desejo e a lei são a mesma coisa". Trata-se, aqui, da dimensão simbólica da lei, uma vez que o desejo se constitui a partir de uma redução do gozo que institui uma falta simbolizada. Já no *Seminário, Livro VII a ética da psicanálise* (LACAN, [1959-1960]/2008), ele vai dizer que o real retorna na moral, na lei moral, apontando para o imperativo do gozo que marca a instância do supereu. Ainda neste mesmo seminário, Lacan refere-se ao gozo da transgressão, apanágio do fantasma perverso, para o qual a lei é condição. Quanto à dimensão imaginária da lei, supomos poder referi-la à lei do grupo de iguais ou, em sua versão institucionalizada, à lei jurídica, conjunto de normas que regem uma determinada coletividade. Evidentemente, a experiência humana implica na possibilidade de articular, minimamente, os três registros da lei, o que não significa que não seja possível e instrutivo distingui-las por suas incidências e efeitos.

Deste modo, na atitude transgressora de Barbie, vemos operar uma dupla incidência da lei: por um lado, trata-se de uma transgressão através da qual ela experimenta fazer avançar o próprio desejo, numa modalidade de gozo que não subverte a lei, mas a confirma. Mas os desdobramentos dessa rebeldia adquirem valor de ato na medida em que desafiam o Outro materno a assumir sua falta, e não mais atribuir-lhe todas as insuficiências. Nesse momento,

ela pode emergir como sujeito de um desejo, a partir da colocação em causa de sua diferença, o que se evidencia no ponto em que afirma poder negociar a permanência do cachorro, desde que o Outro materno possa assumir seu medo, ou seja, apresentar-se barrado.

Aqui ocorre uma verdadeira ruptura, e Barbie faz um primeiro remanejamento na posição de criança. O significante cachorro, em sua função de Nome-do-Pai, vem recompor a metáfora paterna pela instauração de uma lei simbólica, a partir da qual a mãe é sentida como perda. É importante destacar que, na esteira dessa elaboração, o tema da responsabilidade também sofre uma mudança de eixo, passando a se traduzir não só como a responsabilidade por ter mudado a relação com a mãe em função de seu desejo, mas, mais ainda, pela possibilidade de cuidar do filhote, em outras palavras, pela possibilidade de fazer laço social e agir no mundo, com consequência. Ao lado dessa evolução, Barbie sofre pela perda da família que tinha. Sobrevém o que parece ser um tempo de luto, colorido pelo sentimento de culpa – uma culpa consciente com a qual ela pode manejar, à diferença do sentimento de culpa inconsciente, descrito na seção 5.2. Durante esse período, pergunta-se se está certa ou errada nas decisões que toma, e esse tempo inaugura, na análise, o tema da garantia em relação às próprias escolhas.

Entre as escolhas possíveis, 'ficar' ou 'não ficar' com os meninos, sob o comando das colegas, vai ocupar um espaço importante nas sessões. Barbie queixa-se de permanecer muito rígida nos encontros. É a partir de uma intervenção da analista que novo deslizamento significante é possível. Numa sessão em que se queixava, mais uma vez, de que uma experiência não valeu, ela diz que é porque não sabe o que tem que fazer porque ainda é criança demais, ao que a analista intervém. Eis o fragmento clínico:

> Analista: Nunca vi uma criança com esse tipo de preocupação.
> Barbie: Ah! Então eu sou pré-adolescente!
> Analista: O que é isso, pré-adolescente?
> Barbie: (pausa) É a idade das descobertas.

Segue, então, dizendo querer descobrir como é que se faz para namorar. Comenta, com particular perspicácia que, ao invés de experimentar as coisas, fica tão rígida que é como se nunca experimentasse nada. Continua sem ter experiência alguma. Tem medo de ir a shows, mas não pode recusar os convites. Chegando lá, acaba ficando com os meninos que querem ficar com ela, porque não pode dizer não. Fica paralisada. Teme fazer algo errado e não agradar, mas não sabe como fazer o certo.

Nesse ponto, um novo significante emerge na análise: vadia frígida. Segundo diz, ela se prepara toda para um encontro e, na hora H, recua, paralisa. Com esse significante, Barbie introduz a questão do desejo feminino[18]. Igualmente, com esse significante, Barbie deixa de ser criança.

É interessante notar que somente quando o significante vadia frígida surge é que ela passa a reconhecer o caráter sintomático da dificuldade diante dos meninos. Até então, ela insistia em que a dificuldade em 'ficar' tinha a ver com o fato de que ela devia seguir as condições ideais que havia estabelecido para seu primeiro encontro, após a cena traumática da festa[19]. A partir desse novo significante, ela avança no sentido de se constituir como sujeito de um desejo feminino, fazendo surgir a questão: como agradar?

Em outras palavras, como nos ensina Forbes (2012), se não há relação sexual, como aceder ao que fazer com seu sexo, ainda que sob a forma de semblante? Com esse passo, é possível a Barbie começar a articular a questão sexual, na vertente do sintoma histérico.

Ao lado dessas questões, a análise prossegue em torno do tema das decisões e de suas garantias. "Como decidir e não errar?" Essa é a questão que angustia Barbie. Tenta conversar com seu pai sobre o assunto, mas ele não conversa nada de sério com ela. Quando ele não responde brincando, simplesmente encerra o assunto, dizendo que ela é muito criança para se preocupar com essas coisas. Não há como contar com ele.

Desse modo, a desidealização parental avança, contribuindo para o reconhecimento da castração real ou, em outras palavras, a inexistência da relação sexual. Este é o momento em que o sujeito adolescente descobre que, longe de ser a metáfora de um verdadeiro encontro sexual, ele é apenas fruto de um ato sexual primeiro. Isso é o que nos ensina Barbie, ao trazer o tema do relacionamento entre os pais para dizer que, afinal, a relação deles não é tão perfeita como pensava.

Ao lado dos conteúdos acima referidos, uma nova sequência associativa parte do significante criança, permitindo avançar a análise em outra direção. A alienação ao significante criança ligava-se, em Barbie, aos seus interesses e diversões mais antigas: jogar no computador – jogos com histórias –, brincar com suas bonecas Barbie, fantasiar histórias para fazer suas bonecas encenarem. Neste ponto de suas manifestações sintomáticas, havia deixado as bonecas de lado – "porque ninguém mais brincava disso"– embora ela ainda

---

[18] Seria fortuita a composição do significante vadia f + rígida, pelo acréscimo de um f (feminino) ao significante rígida que ela já vinha articulando há algum tempo?

[19] Tantas são as condições que estabelece que acaba por tornar, literalmente impossível, o encontro. Entre essas condições, a moça deve obedecer a certos critérios estéticos nos quais ela própria não se encaixa.

quisesse brincar.

Barbie revela, então, de que nada adiantou parar de brincar, pois continuou a criar histórias para a Barbie em sua cabeça. Fala com muita vergonha de suas histórias, diz que as pessoas adultas não ficam contando histórias. Deste modo, nosso jovem sujeito traça uma linha divisória rígida entre o mundo infantil e o mundo adulto. Os adultos se ocupam de coisas sérias, as coisas práticas do dia a dia, não ficam imaginando histórias.

A cadeia significante que articula criança e história parece sustentar aqui duas dimensões distintas do ser: sua face sujeito e sua face objeto. Com efeito, ao mesmo tempo em que nomeia seu desejo como infantil e lúdico, parece que, subitamente, a cadeia se torna nome de gozo, apontando para uma insuficiência, uma condenação, para usar uma expressão sua. Entre estes dois momentos não há dialética possível, como se faltasse um elo da cadeia, de modo a permitir a continuidade do deslizamento.

Esse elo significante entre o mundo infantil e adulto vai justamente aparecer na figura do contador de histórias, quando Barbie se interroga sobre o caso particular de um escritor adulto que se interessa por criar histórias infantis. Muito além de uma interrogação pertinente, é no contador de histórias – ou na contadora – que Barbie, mais uma vez, surge como sujeito de um desejo. Idealiza então poder trabalhar como roteirista de games e, algum tempo depois, o mesmo significante irá retornar na escolha vocacional, quando Barbie pensa em fazer vestibular para História.

Assim, acompanhando a cadeia associativa de Barbie ao longo da análise, pudemos constatar que o desligamento da autoridade parental – preconizado por Freud ([1905]/1969c) como a principal e mais dolorosa tarefa da puberdade tem início no final do período de latência e constitui o eixo do processo de passagem da infância à idade adulta. Se, no plano do vivido, tal desligamento parece implicar numa simples substituição das figuras parentais por outras que o campo social venha a oferecer, a escuta clínica vem revelar o complexo trabalho de elaboração significante que subjaz a este remanejamento – na ausência do qual a substituição corre o risco de se reduzir a não mais que simples submissão.

Com efeito se, desde a dialética edipiana, a efetividade do termo paterno já se assentava na dimensão simbólica, na puberdade tal dependência se revela em toda a sua magnitude, sob a forma de esvaziamento do Outro de suas encarnações imaginárias e da exigência de atualização das referências simbólicas. Como Barbie nos ensinou, trata-se de reconhecer que não há, na cena, nenhum pai que a sustente, para além daquele que o próprio sujeito pode instituir por seu discurso. Em outras palavras, é preciso pôr o significante-mestre a trabalhar, através de sucessivos cortes, a partir dos quais o sujeito possa emergir em sua

singularidade frente ao traço original, e em relação ao qual uma dívida será instituída. É este, e somente este o sentido do termo filiação simbólica.

Vejamos agora o percurso significante de Back em relação ao tema da filiação simbólica. Retomemos a análise deste jovem sujeito, no ponto em que ele comete o lapso de fala desanibar. Solicitado a associar em torno desse equívoco, após um momento de silêncio, ele responde que a sílaba bar lhe recorda o nome do músico alemão Bach, de que ele gosta muito, e que costumava ouvir quando permanecia em seu quarto, depois que abandonou a escola. Acrescenta, rindo, que só recentemente ele descobriu que o nome Bach se pronuncia Bar, porque antes pensava que era Bac.

Deste modo, após a morte do pai, Back permanece fechado em seu quarto, capturado pela cena traumática que se repete, continuamente, sob uma forma cifrada. Com efeito, na música de Bach (o músico), que elege como trilha sonora para sua depressão, o que Back verdadeiramente escuta é Bac, o baque da queda de seu pai.

Por outro lado, a chegada de Bach (o músico) ao tratamento abre uma nova via de significações. Back adora música, e esse prazer evoca a lembrança do pai que, como mencionado anteriormente, acompanhou o despertar desse interesse, presenteando-o com muitos CDs. No universo da música, desenvolve interesse pelo rock progressivo, gênero que une o rock à música clássica. A partir desse momento, começa a tocar guitarra elétrica e surge o desejo de voltar a estudar para tentar o vestibular de música.

É importante ressaltar, aqui, o quanto o termo guitarra elétrica vem condensar duas cadeias significantes distintas, as quais, no entanto, remetem às relações de Back com seu pai. Assim, enquanto guitarra deriva do contexto da música, o significante elétrica é herdeiro das relações com o pai através de suas conexões com a lembrança de infância quando brincava de tomar choque num poste, sendo sempre advertido por seu pai. Elétrica permanece, então, no registro de uma transgressão que supõe a lei.

Deste modo, o significante Back, emergindo do contexto paterno – onde assume a versão significativa baque –, funciona, num primeiro tempo de elaboração, como significante do supereu (depressão), promovendo, em seguida, a repetição sonora do trauma (Bac). Mais adiante, com a elaboração simbólica possibilitada pela análise, o mesmo significante Bach – agora na versão Bar – terá função de Nome-do-Pai, operando o corte necessário à emergência do sujeito do inconsciente, doravante pondo em causa seu desejo.

Com efeito, inaugura-se para Back um tempo de dúvida e interrogação profissional. Dentro da música, inclina-se para a regência, quer ser maestro. Por outro lado, o encadeamento significante: guitarra**,** poste e tocar é também aquele que conduz Back ao tema

da sexualidade. Poste será, em particular, a metáfora que utiliza para explicar a diferença entre o homem e a mulher, considerando que é muito mais difícil ser homem: "o poste da mulher pode vergar, mas retorna à posição. O poste do homem ou está de pé ou quebra".

Na medida em que o trabalho avança, Back começa a sair de casa e recuperar o contato com antigos amigos. Sintomas fóbicos acompanham suas tentativas de sair de casa. Tem medo de passar mal. Em relação à sua mãe, as coisas começam a melhorar. Fala do esforço que ela faz para que tudo funcione bem.

Dois sonhos adquirem importância especial no curso da análise, e marcam dois momentos distintos da relação com o Outro materno. No primeiro sonho, ele está na sala de sua casa, que é na verdade um grande aquário de água viscosa. Ele vê o mundo lá fora através da janela e tenta nadar para sair do lugar, mas a água é muito viscosa e ele não consegue se mover. Bem mais adiante na análise, vem muito intrigado com outro sonho, no qual sua mãe perde a cabeça.

A relação com as mulheres vai ocupar um espaço importante na análise de Back. Mas seu interesse situa-se, a princípio, muito mais nas meninas que o olham do que naquelas que ele próprio acha interessantes. Assim, durante algum tempo, é como objeto passivo do desejo feminino que Back se situa. Capturado pelo desejo do Outro, Back permanece fascinado pelo seu papel no gozo de sua parceira.

Aqui é novamente um significante extraído do complexo paterno que vem em seu auxílio. Com efeito, a evolução do discurso de Back o conduz a abandonar a ideia da música em benefício de outra escolha profissional, assentada, por sua vez, no significante eletricidade. Nesse caminho, o interesse pelos estudos começa a se chocar com as exigências sexuais e afetivas que sua parceira lhe faz. Isso o leva a romper a relação aprisionadora que mantinha com ela, afirmando: "meu estudo é algo que ninguém pode me tirar e o que não vai me deixar cair.".

Assim, a análise dos dois casos pesquisados indica que a questão da lei e da responsabilidade, na passagem da infância à idade adulta, pode ser detalhada em duas direções que contemplam, alternativamente, o gozo e o desejo[20]. Isto porque responsabilidade em relação ao gozo não se confunde com responsabilidade quanto ao desejo. De um ao outro, algumas voltas terão que ser dadas no sentido da elaboração simbólica.

---

[20] Observar as redes significantes dos sujeitos dessa pesquisa, sintetizadas na página 92 adiante.

Considerar o momento da "[...] conjunção do encontro com o real do sexo e a responsabilidade do ato [...]" (QUINET, 2009, p. 13) como configurando, em si mesmo, um ponto de passagem no sentido da responsabilização quanto à gestão do gozo, implica que a tarefa que se impõe ao sujeito a partir de então é o domínio do excesso de gozo em causa, em outras palavras, a castração propiciadora da lei do desejo. Trata-se, nos exemplos de Barbie e Back, de ultrapassar o gozo mortífero do supereu severo pelo qual se fazem torturar, em direção à assunção do próprio desejo.

Contudo, há algo a mais que a travessia dos nossos dois sujeitos em análise nos ensina. É que o caminho que conduz da responsabilidade quanto ao gozo em direção à responsabilidade em relação ao desejo só se pode realizar através de uma elaboração significante contínua, que se traduz, necessariamente, como manifestações sintomáticas sucessivas. E, embora tenhamos de reconhecer uma diferença entre o sintoma neurótico clássico e o que se tem chamado de novas formas de sintoma, de caráter mais pulsional, do ponto de vista do significante a importância dessa diferença pode ser minimizada.

Para a psicanálise, portanto, é sempre do significante singular que o sujeito padece, por mais que sua manifestação sintomática esteja inserida na atualidade da cultura. Por outro lado, no caso do sujeito adolescente, em particular, tal transformação sintomática constitui o grande desafio da passagem da infância à idade adulta.

5.4 A TRANSFORMAÇÃO DO SINTOMA: DA CULPA À RESPONSABILIDADE

O sintoma está na própria origem da psicanálise, pois foi a partir do interesse de Freud ([1895]/1969b) pelas características particulares de cada sintoma apresentado por suas pacientes histéricas que a escuta analítica da subjetividade teve início. Com efeito, foram as conexões entre os detalhes singulares do sintoma e a história de vida do sujeito – só acessíveis pela fala – que levaram Freud a criar um novo método de tratamento, batizado por uma de suas pacientes de *talking cure*. (FREUD, [1895]/1969b, p. 73)

Muito mais que elemento indicativo de um quadro nosológico geral, o sintoma tem, para a psicanálise, a função de revelar a verdade do sujeito. Uma verdade que, segundo Freud ([1895]/1969b), aponta para um desejo de natureza sexual. O sintoma seria, para o fundador da psicanálise, uma solução de compromisso entre duas forças psíquicas em conflito, uma que representa a satisfação pulsional, e a outra que veicula as instâncias de proibição.

É importante destacar ainda que, para Freud ([1895]/1969b), o conflito psíquico encobre uma experiência sexual traumática constituída a partir de dois tempos, o primeiro dos quais remeteria a uma lembrança da infância que, na ocasião em que ocorreu, não teria

produzido efeito algum. É somente a partir da ocorrência da segunda cena que a anterior é resgatada da memória, produzindo o efeito de trauma.

Lacan fará importantes acréscimos à perspectiva psicanalítica sobre o sintoma. Na primeira parte de seu ensino, em que as questões relativas à ordem simbólica têm a primazia, ele seguirá Freud no entendimento do sintoma como metáfora, efeito de uma estrutura que tem, no seu cerne, uma falta. Nesse período, o sintoma será apreendido como endereçamento ao Outro, como uma proposição que visa interpretar a falta do Outro e, ao mesmo tempo, suturá-la. É o sintoma apoiado na fantasia, tal como entendia Freud.

A partir da articulação entre as noções de real e gozo o sintoma passará a ser definido como modo privilegiado de tratamento do gozo e, nesse sentido, terá ressaltado seu caráter de fixidez e inércia em relação às demais formações do inconsciente. Assim, diz Lacan ([1974b 2003d, p. 16): "[...] o que não cessa de se repetir [...] o que retorna sempre ao mesmo lugar [...]". Deste modo, o caráter de satisfação pulsional virá ao primeiro plano da teoria lacaniana sobre o sintoma, entendido como modo como o sujeito pode gozar de sua determinação inconsciente. (LACAN, [1974-1975])

Outro aspecto importante e que interessa particularmente a essa pesquisa diz respeito ao elemento de lei implicado na elaboração do sintoma. Com efeito, tal como pensava Freud – sintoma como resultado do compromisso entre forças opostas –, também em Lacan a dimensão da lei vai se articular ao sintoma, no sentido de que se trata, nesta estrutura psíquica, de um modo de dominar o excesso de gozo. No entanto, a subsequente elaboração lacaniana em torno da lei e do pai promoverá um avanço em relação a Freud. Com efeito se, para o criador da psicanálise, a neurose se estabelecia com base no Édipo, entendido como seu complexo nuclear, o sintoma, no último ensino de Lacan, se desenvolverá exatamente no sentido da ultrapassagem do Édipo. Deste modo, o sintoma assumirá, ele próprio, o estatuto de Nome-do-Pai. Como nos ensina Forbes (2012, p. 21): "[...] é preciso considerar a singularidade da solução que um sujeito inventa, por meio de seu sintoma, para dar conta de tudo aquilo que se apresenta para além do pai."

Deste modo se, para Freud, o sonho é a via régia para o inconsciente, para Lacan, o sintoma vai evoluir desde a noção de letra a uma formulação radical sobre o inconsciente e seu núcleo de real. Mais do que sonhos, atos falhos ou chistes, o sintoma responderá pelo destino do sujeito.

Os casos Barbie e Back confirmam, em linhas gerais, as proposições freudiana e lacaniana, na medida em que revelam, por trás dos sintomas mórbidos que motivaram a consulta, algo da verdade do sujeito, entendida como sexual. Em ambos os casos, trata-se da

elaboração do excesso de gozo implicado no encontro com o real do sexo, ou a dimensão da castração que surge sob forma singular para cada um desses sujeitos – a diferença sexual para Back, e o impossível da relação sexual para Barbie.

Por outro lado, cabe aqui um comentário sobre dois aspectos ligados à dimensão do tempo no desenvolvimento do sintoma. O primeiro, já mencionado, refere-se à existência, na composição do trauma, de duas cenas, separadas no tempo, a segunda ressignificando a primeira. O segundo aspecto refere-se a uma passagem da obra *Estudos sobre a histeria*, na qual Freud ([1895]/1969b), ao comentar o caso Katarina, observa que um tempo é necessário entre a cena traumática e a aparição do sintoma, um tempo que ele chama de "incubação". Neste sentido, o sintoma seria constituído a partir de três tempos lógicos, que corresponderiam aos três momentos do recalque postulados por Freud: recalque primário, recalque secundário e retorno do recalcado.

O que os casos ora pesquisados parecem indicar é que, se por um lado tais momentos remetem a cenas vividas e podem ser datados, por outro lado tais cenas só vêm compor o trauma na medida em que são construídas e articuladas discursivamente. Em outras palavras, o próprio trauma, enquanto ato de memória, seria um primeiro tempo de elaboração do real e, portanto, do sintoma.

Assim, em Barbie, temos a cena da festa – "onde tudo começou" – que retoma as brincadeiras sexuais de criança e se articula, inicialmente, ao gozo masoquista do *bullying* para, em seguida, sob transferência analítica, constituir-se sintoma segundo as linhas da histeria. Já em Back temos a cena da morte do pai, que evoca a cena da brincadeira de tomar choque – e a ameaça de que poderia morrer, feita pelo pai –, articulando-se, de início, a cair em depressão e, num segundo momento, ao sintoma sob o modo da histeria de angústia.

Vale ressaltar, na sequência descrita acima, o papel da linguagem na evolução do sintoma, confirmando a proposição psicanalítica segundo a qual todo sintoma apresenta uma dupla face: a face do significante e a face do gozo. Assim, pudemos observar, nas sucessivas transformações sintomáticas de Barbie e Back, a persistência do mesmo significante que se repete ao longo da cadeia associativa, adquirindo, a cada vez, diferentes significações, traduzidas em diferentes expressões ou modalidades de gozo.

Por outro lado, para além do aspecto significante implicado, por exemplo, no termo Bach – o qual produz distintos efeitos de sentido (o músico e a queda) – é possível supor, na persistência desta sequência fonemática (Bac, baque, choque**,** rock**,** queda**)**, a emergência da letra, enquanto cifra de gozo, para além de qualquer significação. Neste sentido, o sintoma, na

sua versão signo, “carrega” uma satisfação vinda do real que, no sujeito adolescente, se apresenta como a conjunção entre sexo e morte.

Numa outra vertente, a importância da linguagem na evolução do sintoma é apreendida no próprio modo de construção do sintoma, como observamos no exemplo de Barbie comentado acima, onde o é pra valer da cena traumática se transforma, por uma operação de negação, na repetição do não valeu do sintoma.

Nessa perspectiva, longe de propor a eliminação do sintoma, a análise visa fornecer ao sujeito a possibilidade de encontrar outra forma de manejar com aquilo que o constitui e que permanece cifrado na fala. Nesse percurso, trata-se de fazer vacilar significados e desorganizar identificações.

A crer no percurso das análises de Barbie e de Back – bem como no de tantos outros sujeitos adolescentes aos quais pude escutar analiticamente – a passagem da infância à idade adulta implica um tempo de elaboração sintomática, dominado pela instância do supereu, no qual a responsabilidade pelo gozo se faz sentir sob a modalidade do sentimento de culpa inconsciente. Este seria, assim, um primeiro tempo de elaboração sintomática, que persiste até que o passo seguinte seja dado, sob a forma de elaboração do sintoma que venha pôr em causa a solução sexuada.

A intervenção do tratamento analítico, na medida em que promove a implicação do sujeito no seu modo de gozo, ou, em outras palavras, traz à tona sua responsabilidade frente ao gozo, teria como efeito preparar o passo seguinte, sob a forma de emergência do sujeito do desejo, tal como veremos na seção 5.5, ao abordarmos a questão da escolha e do laço social.

Voltemos nossa atenção, mais uma vez, para o aspecto temporal de elaboração do sintoma. Como foi dito acima, o tempo de constituição do sintoma pode ser logicamente pensado em três tempos organizados pelo discurso. Ao definirmos, nessa pesquisa, a passagem da infância à idade adulta como centrada no encontro com o real do sexo e a responsabilidade sobre o gozo e, se entendermos que, para a psicanálise, todo encontro traumático com o real deva ser metabolizado numa construção sintomática, ousamos formular a proposição segundo a qual o tempo da adolescência, para a psicanálise, corresponderia ao tempo de elaboração do sintoma, em qualquer uma de suas formas. Tal proposição faz dessa etapa da vida, um tempo particular de efetuação da estrutura.

Se pensarmos na passagem da infância à idade adulta como transcorrendo num tempo que é também cronológico, caberia indagar que relações esse tempo lógico de elaboração do sintoma mantém com o cronológico. Esta questão é importante na medida em que o debate atual em torno dessa etapa da vida aponta, por um lado, para o seu prolongamento no tempo e,

por outro, para o fato de que esse prolongamento é frequentemente acompanhado por manifestações sintomáticas que se caracterizam pela dimensão do ato – drogas, escarificação, violência, apatia, fuga, entre outras.

Enfim, o que determinaria a extensão do período intermediário de elaboração sintomática que antecede o sintoma neurótico clássico, delimitado pelas expressões 'patologia do ato' ou 'novas formas de sintoma', e que surgem, com frequência, na passagem da infância à idade adulta, engrossando as estatísticas dos chamados agravos da adolescência na modernidade? Em outras palavras, haveria, sob o ponto de vista da psicanálise, algum fator estrutural para a existência da adolescência como invenção moderna?

Até aqui, havíamos abordado essa questão sob o ângulo das ciências humanas, usando para isso o aporte da história e da antropologia. E é fato que a determinação da adolescência contém muito de critério sociológico a ser definido por cada cultura, segundo modos de funcionamento próprios que incluem considerações que vão além da subjetividade, a exemplo dos critérios econômicos e científicos.

Por outro lado, mais próximo do olhar da psicanálise, consideramos ainda como tais determinações sociais e/ou científicas poderiam atuar, através do discurso que engendram, como enquadramentos imaginários para a atualização de estruturas reais e simbólicas que seriam, em si mesmas, universais. Observamos tais efeitos, por exemplo, nas identificações imaginárias que surgem em bandos ou sob a forma do "semblante de adolescente".

Há algo, contudo, que permanece como resíduo a ser considerado e, como ensina Lacan ([1956-1957]/1995, p. 41): "[...] os resíduos nas explicações científicas são o que há de mais fecundo [...] e, em todos os casos, certamente não é escamoteando-os que se progride." O resíduo em questão é delimitado pela articulação entre os tempos lógicos da constituição subjetiva e evolução do sintoma, no sujeito adolescente, e a extensão do tempo da adolescência na modernidade.

5.5 SUJEITO É SEMPRE RESPONSÁVEL: ESCOLHA E LAÇO SOCIAL

O que eu sou? Essa é a questão que Barbie formula no primeiro tempo de sua análise, diante dos diferentes grupos de colegas que se apresentam como modelos de identificação.

Inserida na tribo das "Patis", das colegas mais maduras, ela faz um enorme esforço para "participar da festa", num processo de imitação próprio da caricatura, em que o exagero dos traços femininos contrasta, sobremaneira, com sua aparência franzina. A máscara "Pati" com que circula não lhe garante, contudo, a unificação, e a angústia permanece. Por isso, não podia se desligar do grupo de amigas que, embora a ferissem, ajudavam-na a manter a

ortopedia da imagem. É este aspecto de semblante que é denunciado pela hostilidade das amigas, e retorna para ela sob a forma sintomática de "sou criança demais.".

Note-se que tal proposição – que responde de forma antecipada à primeira questão colocada pela análise – só pelo fato de ser colocada já supõe uma cisão, na qual a identidade infantil, justamente, vacila. Em outras palavras, tal proposição faz emergir a divisão subjetiva que se exprime na fórmula lacaniana sob o modo: "Penso onde não sou; portanto, sou onde não penso [...]" (LACAN, [1957]/1998, p. 521). Essa divisão do sujeito é capturada na transferência e sintetizada na pergunta endereçada ao Outro em posição de analista: o que eu sou?

É de interesse lembrar aqui que o sujeito a que a psicanálise se refere surge a partir do advento da ciência moderna. Segundo Lopes (2008), a ciência moderna é tributária de um corte epistemológico em relação à ciência antiga, operado no século XVII por Descartes, ao estabelecer a dúvida como método.

O passo que prepara essa ruptura é dado desde o Renascimento, quando o ceticismo substitui o ponto de vista teocêntrico predominante na Idade Média e segundo o qual Deus é a garantia de todo o conhecimento pelo ponto de vista humanista, de acordo com o qual o homem é o centro do pensamento. Nessa concepção, a ciência se baseia numa combinação de racionalismo – uso da razão, em lugar do dogma – e no empirismo ou experimentação, ou seja, na confiança na evidência empírica.

Descartes é considerado o primeiro pensador moderno. Apoiado no ceticismo do Renascimento, ele faz "[...] tábula rasa dos saberes da tradição, de toda forma de autoridade e do mundo sensível [...]" (LOPES, 2008, p. 256). Em outras palavras, institui a dúvida como método, a partir do que só pode ser provado como verdadeiro aquilo que é evidente e indubitável. Sobre essa base, Descartes funda na razão, a existência do eu, na medida em que é o eu que duvida. Deste modo, para ele, a certeza sobre o sujeito se apoia na sua identidade com o pensamento, proposição conhecida como o cogito cartesiano.

O sujeito assim extraído é um sujeito sem qualidades (LOPES, 2008), sem nenhum *a priori* que anteceda o exercício da razão, e cujo modelo é o pensamento matemático. Este é o ideal da ciência moderna inaugurado por Descartes e sustentado pela física de Galileu. Suas bases poderiam ser assim resumidas: matematização, abandono da percepção sensível como fonte de conhecimento, conhecimento intelectual como a essência do real.

Em consequência deste movimento, segundo nos ensina Lopes (2008), o campo do sentido, antes universalizado – por exemplo, no mundo medieval, Deus ordenava e conferia sentido à existência de todas as coisas – se multiplica na particularidade dos objetos

delimitados pela linguagem matemática.

O importante a destacar aqui é que, sobre o vazio criado na esteira da derrocada de toda forma de autoridade – da qual o declínio da imago paterna é apenas uma versão – o procedimento de Descartes instaura o sujeito sem qualidades como o sujeito da ciência.

Assim, nas palavras de Lopes (2008, p. 258): "[...] ele [o sujeito] se extrai como agente – um significante em sua função criadora de novas tradições – no mesmo ponto onde a descrença em Deus e em todo saber da tradição antiga poderia tê-lo aniquilado." Longe de se submeter às significações existentes, ele "[...] situa-se como significante único, novo, isto é, não articulado na cadeia da tradição antiga, com a qual rompeu, mas fundador de uma nova." (LOPES, 2008, p. 259). Essas considerações, como veremos adiante, servirão de base para fundamentar o desafio que o sujeito adolescente atravessa hoje.

Ao lado da ciência moderna, o que se cria na esteira do salto produzido por Descartes é exatamente a psicanálise. Lacan não valoriza, no pensamento cartesiano, a identificação entre pensamento e existência, na medida em que essa equação acaba por qualificar o sujeito que se pretendia sem qualidade. Em termos psicanalíticos, diríamos que o sujeito seria subsumido pelo eu pensante, isto é, deslocado pela suposição de que haveria um significante que o representasse. Deste modo, o próprio ideal da ciência, do sujeito sem qualidades, se revelaria uma impossibilidade.

O que Lacan, ao contrário, irá valorizar no gesto de Descartes é o método em si mesmo e não seu resultado, ou seja, o ato de pôr em questão a tradição em nome da razão. É do próprio método que Lacan extrai o sujeito da psicanálise como um sujeito sem qualidades. Em outras palavras, é no deslizamento da cadeia significante que a existência do sujeito é apreendida. O sujeito seria, então, puro ato de pensar ou pura enunciação.

Por conseguinte, ao assinalarmos acima que a fala de Barbie: "<u>sou criança demais</u>" punha em causa sua divisão subjetiva, queríamos dizer com isso que este ato de fala, endereçado ao analista, em si mesmo constitui uma primeira manifestação do sujeito do inconsciente, ou seja, aquele que, mesmo sob o imperativo da face de gozo do significante, está vetorizado pelo sujeito sem qualidades que escapou da ciência. E é isso o que conduz, na cadeia associativa que se segue, à formulação da primeira questão que surge na análise: <u>o que eu sou</u>?

Observamos, portanto, que a pergunta capital do sujeito adolescente, que põe em causa a questão de sua identidade e singularidade, brota do mesmo solo cartesiano que fez surgir tanto a modernidade quanto a psicanálise. Com essa observação é possível uma primeira aproximação à questão anteriormente formulada sobre qual seria a razão estrutural do

surgimento da adolescência na modernidade, sob o ponto de vista da psicanálise.

Na esteira dessa pergunta, Barbie faz comparações entre várias colegas diferentes. Diz que há as que são "Patis" e as que são "largadas", e ela não sabe para que lado ir, embora sua aparência atual a coloque, totalmente, na tribo "Pati." Esse fragmento clínico marca um ponto de virada na análise, pois ela começa a se incomodar muito com o fato de estar parada, ao passo que todas as colegas, "Patis" ou não, estariam caminhando, indo para algum lugar. Diz que o problema é que estas que estão andando são perfeitas, pois desconhecem o caminho que não seguiram. Ela própria, por qualquer caminho que vá, sabe que terá desistido do outro e, portanto, estará sempre perdendo algo, não podendo jamais ser perfeita.

Na sequência, menciona um retrato seu aos 12 anos e se surpreende com a diferença entre esta imagem e a atual. O problema, diz Barbie, é não ter mais certeza se essa imagem atual corresponde de fato a si mesma. Por outro lado, não quer mais ter a imagem antiga do retrato. Trata-se do ponto do ser no qual, não mais podendo ser quem era (objeto-criança), ainda não encontrou, contudo, uma imagem ou semblante que lhe corresponda fora do mundo infantil.

A cadeia associativa em torno dos significantes "Pati" e "largada" indica que essa partição vem metaforizar a partição edípica "sou mulher ou sou homem", apontando duas saídas possíveis. Escolhendo qualquer uma delas, Barbie poderia seguir em frente e "ser perfeita", desde que... não existisse a outra. Mas ela sabe que existe, logo, seguir em frente implica perda. Deste modo, com esse segundo tempo da formulação – o que eu sou? –, trata-se para ela da aproximação da castração, ou seja, de uma maior simbolização da lei, em que, diante do impacto do encontro com o real do sexo, a sexuação se apresenta como possibilidade de fazer do gozo, desejo.

É interessante retomar aqui o fragmento clínico relativo ao cachorro – que antecede a próxima virada do tratamento – para testemunhar a oscilação entre a culpa ("não sou capaz de cuidar dele") e a afirmação do desejo – "eu posso, mesmo porque não precisam de tantos cuidados"– como dois modos distintos de tratamento do gozo absoluto. No primeiro caso, ela é lançada de volta ao "sou criança demais" (gozo masoquista), enquanto que no segundo, é impulsionada a transgredir a lei imposta pelo Outro materno, apartando-se do lugar de objeto/criança.

O momento seguinte da análise vai por em causa, para Barbie, a questão do desejo do sujeito como desejo do Outro, agora representado pelo Outro sexo. Trata-se do tempo de articulação do sintoma sob a égide do significante vadia frígida, a partir do qual Barbie vai interrogar o desejo feminino. Nesse ponto a questão crucial que se apresenta ao nosso sujeito

se desloca da ordem do ser para a dimensão do ter ou não ter – “tenho um corpo que possa agradar?” ou “o que eles querem?”.

Deste modo, do sujeito/sintoma ordenado pelo supereu, Barbie acede ao sujeito/sintoma ordenado pelo fantasma edípico. Aqui, cabe interrogar o fato de descrever-se como sintoma apenas o que se tem chamado alhures de “novas formas de sintoma”, “patologia do ato” ou ainda “manifestações sintomáticas”. Nesse ponto, retomo duas referências já mencionadas na presente pesquisa. A primeira é o trabalho de Pennot (1995, p. 35) no ponto em que este autor nos ensina que a adolescência interessa ao psicanalista na medida da “exemplaridade daquilo que seus casos de figuras clínicas desenvolvem sob nossos olhos como modalidades possíveis de liberação de um sujeito de um desejo próprio através da entrada em crise de um aparato de conformidade do eu e do supereu”.

Como vimos, na infância, a dissolução do complexo de Édipo tem como resultado a formação do supereu como instância psíquica que introjeta a autoridade parental e abriga a lei moral. Em conexão com isso o período de latência, que se segue à primeira eflorescência da vida sexual, é caracterizado, segundo Freud ([1905]/1969c), pelo desenvolvimento das barreiras da vergonha, repugnância e moralidade. O importante a destacar aqui é que, nesse momento da estruturação subjetiva, as figuras parentais oferecem o suporte identificatório para a constituição da referida instância e é isso o que, paradoxalmente, permite o desligamento gradual em relação aos pais – um mecanismo que está presente também no fenômeno do luto.

Ora, como foi dito acima, a passagem da infância à idade adulta implica um tempo em que o Outro que, até então, era sustentado pelas figuras parentais, se desencarne súbita e radicalmente de sua sustentação imaginária, e se apresente em toda a dimensão de alteridade. Trata-se, aqui, de um colapso pontual da articulação da autoridade, o que nos leva, então, a indagar: o que acontece, nesse momento, com a instância do supereu, já constituída?

A referência ao trabalho de Lopes (2008, p. 261) é essencial sublinhar. Diz essa autora: “A base do individualismo como ideologia moderna está na crença na consciência de si como ponto de origem da subjetividade e no recalque do supereu, ou seja, da dívida do significante com a tradição.” Essa passagem nos permite, portanto, articular uma resposta para a pergunta formulada no parágrafo anterior. Assim, é possível supor que a primeira consequência do encontro com o real do sexo – e concomitante desarticulação da autoridade parental – seria o recalque da primeira elaboração infantil do supereu.

Deste modo, é possível pensar que o terceiro tempo de constituição do sintoma proposto por Freud, o retorno do recalcado, corresponderia, aqui, ao retorno do supereu sob a

forma do sintoma superegoico ou vinculado à lei do gozo, em outras palavras, as patologias do ato ou "novas formas de sintoma". Vale ressaltar, no entanto, que, na medida em que o supereu representa a instância paterna, é pela via do traço significante paterno real que o sujeito emergirá do gozo absoluto, revestido por sua face objeto. Barbie sucumbe, no *bullying*, diante do significante criança demais, enquanto Back cai sob o peso do Back (baque) que abateu seu pai.

Se, para Barbie, o deslizamento significante: criança - criança rígida - vadia frígida levou-a a civilizar o gozo na direção do desejo, é a possibilidade de transformar o som do baque e da queda do pai em nota musical, através do deslizamento significante: baque – Bach – bar, que vai libertar Back do gozo mortífero ligado ao sujeito em sua dimensão pulsional. O encadeamento significante, sob a égide da transferência, possibilitará, então, a Back dar o passo seguinte que o levará da música erudita (Bach) ao rock progressivo e ele começa a tocar guitarra elétrica.

Contudo, tocar guitarra elétrica já é efeito de uma segunda cadeia associativa que, no discurso, converge com a primeira, dominada pelo significante Back (baque, queda, quebra, Bach, choque). Assim, se Back é o traço significante paterno que se apresenta a nosso jovem sujeito, é também do complexo paterno que surgirá o segundo significante, que permitirá a passagem do sujeito de gozo a sujeito do desejo. Trata-se do significante elétrica (o) que surge na lembrança encobridora, quando o pai lhe advertia de que poderia morrer ao tocar no poste elétrico. Deste modo, sob a forma de tocar guitarra elétrica, Back atualiza a cena infantil onde tocar um poste (pau) elétrico[21] produzia choque e o colocava em risco. Este é o ponto também onde o real da morte converge com o real do sexo.

O deslizamento significante assim operado permite a Back mover-se de sua posição de gozo e ele começa a praticar guitarra. Ao mesmo tempo, sai de casa e retoma o contato com os amigos para os quais se coloca como alguém que toca bem. Por essa época, o principal sintoma é a angústia – diagnosticada como síndrome do pânico – e um medo difuso de não conseguir voltar para casa.

Cumpre notar que a partir do momento em que o sintoma se transforma sob a égide do deslizamento significante (Back/queda - Back/choque), a despeito da angústia, Back pôde não apenas sair de casa como restabelecer seus laços sociais. Assim, Back quer aprender música e decide voltar a estudar para fazer vestibular.

Essa passagem confirma a proposição psicanalítica de que é unicamente por seu

[21] Referência à masturbação puberal que atualiza a masturbação infantil edípica. (FREUD, [1905]/1969c)

sintoma que o sujeito vem estabelecer o laço social. Com efeito, se entendemos o sintoma como uma construção psíquica destinada a articular um modo particular de gozo, desbastando o empuxo ao gozo absoluto implicado no impossível da relação sexual, ele aponta para a localização, na realidade, do objeto passível de produzir a satisfação buscada. Neste sentido, toda realidade é sempre realidade psíquica. Em outras palavras, como nos ensina Rêgo Barros (2012, p. 4):

> O sintoma será então considerado como um modo de satisfação substituta do gozo que não existe, que não pode ser encontrado mas que será buscado naquilo que se constitui como parceiro. O sintoma será pensado como a forma humana de estabelecer um laço social.

Contudo, poderíamos ser tentados a estabelecer uma distinção entre as duas formas de sintoma, abordadas nesta pesquisa, quanto à sua possibilidade de estabelecer laço social, e supor que as "novas formas de sintoma" fracassariam neste sentido. Contudo, o exame dos casos Back e Barbie indica que essa conclusão não procede nem do ponto de vista teórico nem do ponto de vista clínico. Observamos que, onde as formas superegoicas de gozo prevalecem, vemos o sujeito projetar no semelhante, tomado como parceiro, o lugar de Outro em função de algoz. É para isso que nos aponta o sujeito Barbie, ao colar-se ao grupo de amigas que a hostilizavam. Já para Back, o laço social vai se estabelecer, num primeiro momento, através da música de Bach, um produto cultural que, de lá de seu quarto onde ele se encontra, promove uma abertura para o mundo. Note-se que o laço social de que se trata, aqui, se faz sobre uma base mais simbólica e real, em detrimento da dimensão imaginária[22].

Numa outra direção, vemos a instalação de uma nova modalidade de laço social na submissão ao discurso do mestre implicada nas patologias que convocam o discurso social e científico a operar, a exemplo do que vimos nos casos ora pesquisados.

Com efeito, tanto Barbie quanto Back acabaram por engrossar, com seus "sintomas sociais", as estatísticas dos agravos da adolescência. Deste modo, a depressão de Back e o *bullying* de Barbie não deixaram de se fazer acompanhar por todas as medidas sociais e científicas de cuidado preconizadas pela ética do bem-estar. (FERNANDES, 2003)

O importante a destacar, nesse ponto, é que, para além do laço social estabelecido com base no sintoma, o sintoma é sempre uma articulação psíquica do sujeito, carregando sua forma específica de gozo e, por isso, singular, cabendo à psicanálise o ônus de revelar sua verdade inconsciente.

Por outro lado, os fragmentos clínicos considerados acima autorizam a hipótese de

---

[22] Não será essa uma característica geral da modernidade?

que, na passagem da metáfora edípica/instauração do supereu, próprias ao final da primeira infância, à atualização da castração sob a forma dos Nomes-do-Pai, na puberdade, são os significantes-mestres, enquanto traço paterno, que permanecem no comando. Em outras palavras, no que se refere ao sujeito, trata-se sempre de apostar na dimensão da filiação.

É interessante observar que, neste sentido, o estabelecimento do laço social com base no sujeito/sintoma preserva a estrutura freudiana para a formação dos grupos, ou seja, o laço entre irmãos se faz por identificação, a partir do amor ao líder (pai) comum. A diferença é que, em Freud ([1921]/1969u), essa estrutura vai receber um tratamento predominantemente imaginário, ao passo que, em Lacan, a dimensão imaginária cede lugar às ordens simbólica e real. Assim, no lugar da figura do líder, temos o significante-mestre da filiação, desencarnado de toda roupagem imaginária e, no lugar da identificação imaginária com os irmãos, temos o Outro da cultura (Bach, o músico), enquanto produção simbólica coletiva. De um a outro, trata-se da travessia do significante, o verdadeiro guardião da tradição, para além dos significados particulares.

Verificamos, portanto, que, pensar o laço social a partir do sintoma implica considerar os eixos vertical (filiação) e horizontal (laço social) como dois elementos estruturalmente articulados, o que nos leva a discordar da proposição de Forbes (2012) sobre a mudança contemporânea do eixo das identidades, de vertical para horizontal. Sobre este ponto, está mais de acordo com nossa pesquisa a formulação de Kehl (2000), segundo a qual o eixo horizontal (função fraterna) instaurado pela relação com o semelhante adquire importância capital na operação simbólica que marca o advento do sujeito (função paterna). Cabe salientar, contudo, que esta autora, à diferença do que nossa pesquisa apontou, preserva a ênfase na dimensão imaginária do laço social, tal como o fez Freud ([1921]/1969u), razão pela qual é levada a reconhecer a necessidade da dissolução dos grupos de identificação no sentido de evitar o crescimento do fenômeno da intolerância pautada no imaginário.

Essas reflexões, por outro lado, nos remetem diretamente à questão da escolha. Este tema é tratado por Freud, em 1913, no belíssimo artigo *O tema dos três escrínios*, texto no qual o fundador da psicanálise analisa duas peças de Shakespeare, para encontrar nelas um substrato comum: trata-se da comédia *O Mercador de Veneza* e da tragédia *Rei Lear*. Na primeira, um pretendente deve escolher entre três escrínios, de ouro, prata e chumbo. Escolhe o terceiro e, deste modo, ganha a mão da mulher amada. Já no *Rei Lear*, o rei decide dividir seu reino entre as três filhas na proporção do amor que delas receba. As duas mais velhas se desvelam em atenções e cuidados e a mais nova, indiferente à proposta, permanece muda. O rei então repudia a terceira filha e divide o reino entre as duas mais velhas, o que é causa de

imensas desgraças, em função do equívoco de se ter deixado levar pela adulação em detrimento da fidelidade desinteressada da terceira filha.

Com esse material, Freud ([1913]/1969n) observa, no fundamento dessas obras literárias, um tema regular da mitologia antiga, que consiste na escolha entre três mulheres, devendo a escolha recair sobre a terceira. A análise de detalhes presentes nessas histórias, combinada às descobertas da psicanálise dos sonhos, levará este autor a identificar a terceira mulher à Morte. Nesse ponto, Freud ([1913]/1969n) propõe duas questões essenciais: a primeira relativa à razão de a escolha recair sobre a terceira entre *três* mulheres, e a segunda sobre o motivo pelo qual alguém, em posição de escolha, deva escolher a Morte.

Pois bem, sobre a primeira questão, Freud vai dizer que se trata de três mulheres afins ou irmãs; logo, se a terceira representa a Morte, este é um traço partilhado por todas elas. Em seguida, vai encontrar o modelo das três irmãs em outras figuras mitológicas como as Graças e as Horas – divindades ligadas ao tempo e aos ciclos da Natureza – para, finalmente chegar ao mito das Moiras ou Parcas. As Moiras são deusas do Destino, ou seja, três mulheres que respondem pela vida humana: a primeira tece o fio da vida; a segunda, o estica; e a terceira, o corta. Freud ainda indica, nesse texto, que a figura da Morte, distribuída entre três mulheres, nada mais é do que uma representação da Mãe em três direções: a mãe, que nos dá origem, a mulher, que é escolhida sobre o traço da primeira, e a terra-mãe, que nos acolhe no final da vida. Em termos lacanianos, teríamos: a Mãe – Outro primordial da linguagem (1ª morte) – que, por ser barrada, nos apresenta à castração; A Mulher, que atualiza a castração na diferença sexual – encontro com o real do sexo; e a Morte que a renova, a cada volta da cadeia significante.

Sobre a segunda pergunta, Freud afirma que não se trata de uma escolha no sentido específico da palavra, na medida em que ela se coloca no lugar da necessidade e do destino, declarando: “Faz-se uma escolha onde, na realidade, há obediência a uma compulsão [...]” (FREUD, [1913]/1969n, p. 377). É o que, na perspectiva lacaniana, entende-se por “escolha forçada”.

Em outras palavras, escolher a Morte como figura do destino equivale a escolher o significante da castração, aquele que, na origem, o determina como sujeito. Temos aí uma escolha forçada, que é, como ensina Alberti (2009), a única forma de liberdade realmente acessível ao sujeito. Ou como diz Freud ([1913]/1969n, p. 375) no texto sobre os escrínios: “A inelutável severidade da Lei e sua relação com a morte e a dissolução”.

O artigo freudiano nos permite ainda compreender as relações da Morte, objeto de nossa escolha forçada, com a criação ou invenção como possibilidade de vivificação do

sujeito. Com efeito, Freud ([1920]/1969v) contrapõe as pulsões sexuais, de vida, à pulsão de morte, afirmando ser a vida nada mais do que um *détour* em direção à morte. Lacan ([1959-1960]/2008), por sua vez, em *O seminário livro 7 - a ética da psicanálise*, articula o movimento contínuo de destruição e criação, tomando como base o modelo da Natureza. A este respeito, retomemos Lopes (2008, p. 261):

> Esse processo [recalque da dívida com a tradição] atualiza e presentifica sempre o momento de corte com a autoridade e com a tradição e evidencia, mais além do gosto pela razão, a instauração de outro tipo de gosto, pelo encontro com o vazio que o corte faz existir no mundo e que promove a criação.

Assim, escolher a Morte corresponde a escolher o puro significante que o determina, para além de todas as significações possíveis, para, deste modo, manter em funcionamento o trabalho significante em que se opera o binômio presença/ausência, ou seja, criação e destruição. Do contrário, a recusa a escolher a terceira mulher, como nos adverte Shakespeare no "Rei Lear", só acarretaria a ruína. É neste sentido que podemos entender a formulação lacaniana, quando, no seminário sobre a ética da psicanálise, nos adverte sobre o perigo de ceder sobre o próprio desejo: fazer trabalhar os próprios significantes mestres implica pôr em causa o desejo e separar-se, ou, em outras palavras, realizar um singular *detour* da vida em direção à morte, protegido da mortificação evocada pela alienação.

Ao longo desta pesquisa, consideramos a passagem da infância à idade adulta como um momento crucial de encontro com o vazio significante, quando o Outro se desencarna das figuras edípicas. É também o momento do reencontro com os significantes-mestres que, no sujeito, responderam, uma vez, pela castração e que, a nosso ver, desafiam o sujeito adolescente a ultrapassar a lei severa e inelutável que remete à destruição (FREUD, [1913]/1969n). Por outro lado, esse mesmo encontro provê o *quantum* de violência necessário à autocriação. Assim, a destrutividade está no fundamento da subjetivação, e ao sujeito adolescente só resta escolher o significante, e a partir dele, criar o novo.

Vejamos agora o que foi possível recolher sobre o tema da escolha, a partir da análise do sujeito Barbie. Já mencionamos, anteriormente, a imensa importância que teve, nessa análise e na transformação do sintoma, o momento em que ela decide levar o cachorro para casa e, deste modo, confrontar o Outro materno em seu saber e sua potência. Ora, o que podemos ressaltar agora é que o cachorro fazia parte dos desejos infantis desde sempre proibidos pela mãe. Deste modo, vemos operar, por trás da escolha de levar o cachorro para casa, a escolha de sua determinação inconsciente, ora traduzida no significante criança. Com efeito, é em torno desse significante que todo o drama familiar desencadeado por seu ato vai

se desenvolver, pois a questão que se coloca é: “serei, como diz minha mãe, criança demais para me responsabilizar por ele?” Deste modo, de um jeito ou de outro, o que a função significante do cachorro vem repetir é a face criança deste sujeito.

Outro fragmento clínico também apresenta a dimensão da escolha ligada aos significantes-mestres. Mostramos como o significante criança sofre, ao longo da análise, um deslizamento em direção ao significante história. Assim, contar histórias é objeto de grande prazer para Barbie, um prazer de criança do qual ela fala com muita vergonha e constrangimento. Se, no início, as histórias obedecem muito fielmente ao que é estabelecido por Freud ([1908]/1969h) sob o nome de romances familiares, com o tempo, elas vão se modificando e o caráter fantasioso das narrativas é gradualmente substituído por histórias cada vez mais plausíveis e verossímeis, como por exemplo ela substitui o ato mágico de voar por equipamentos tecnológicos, produzindo relatos de ficção científica.

Por outro lado, o gosto por inventar histórias vai influenciar outros interesses como os *games* com ambientações e narrativas sofisticadas. O interesse por jogos que, durante muito tempo, Barbie tem dificuldade em assumir, por ser coisa de criança**,** vai representar uma possiblidade de inserção social diversa da inclusão na tribo “Pati”, que não gosta de jogos. Finalmente, supomos que esse deslizamento significante em torno do significante história levará Barbie à escolha vocacional, pois, quando surge o tempo dessa escolha, ela manifesta o desejo de fazer História.

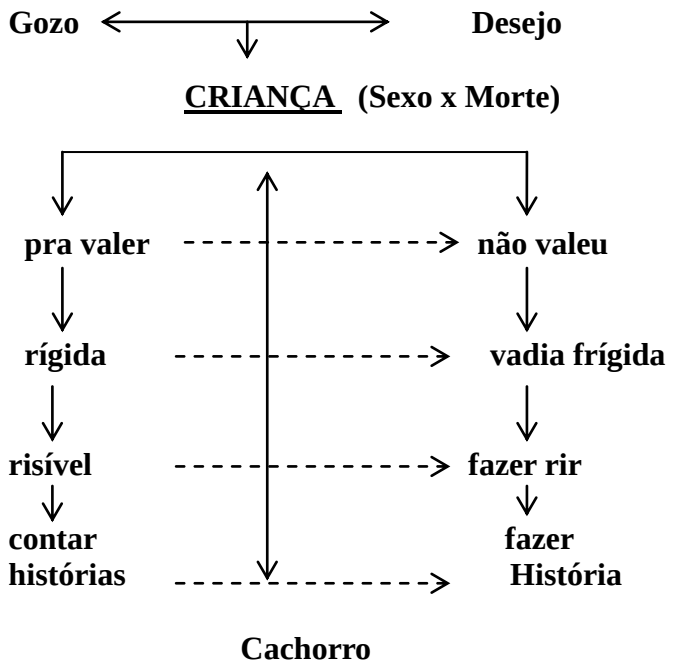
De igual modo, o deslizamento significante que vai do complexo Back (baque-Bach-Bac) ao complexo elétrico (tocar-poste-guitarra-choque) prossegue modulando o discurso, com efeitos sobre as identificações do eu. Enfim, Back decide voltar a estudar. Em lugar de música, quer fazer engenharia elétrica. Vale ressaltar que não importa se ele a realiza ou não. Tais detalhes não devem ser magnificados no curso de uma experiência psicanalítica, porquanto em relação ao desejo, não se trata de satisfazê-lo. O valor de engenharia elétrica, no caso de Back, não é torná-lo um engenheiro elétrico na vida. Nesse plano, engenheiro elétrico é uma demanda que, como qualquer outra, pode ou não ser satisfeita. No que me detenho aqui é em seu valor de significante do sujeito, versão cifrada, inconsciente, do que lhe aconteceu, porque claro está que, tal como se passa com Barbie, ele sequer se dá conta da relação dessa escolha com todos os demais significantes que relacionei aqui, e que surgiram aos pedaços num intervalo de, aproximadamente, cinco anos.

O valor de engenharia elétrica está em ter funcionado como significante-gatilho, a partir do qual Back pôs em ato seu desejo e pôde tomar pé na própria vida. O que importa é o deslizamento para “eu sou engenheiro”, sua invenção e suporte de seu desejo. Ao final, na

esteira do deslizamento significante operado na análise, ‘fazer engenharia’ é um modo cifrado de pôr em ato a herança do pai e gozar do seu sintoma, para além de qualquer inscrição imaginária, seja familiar, seja social.

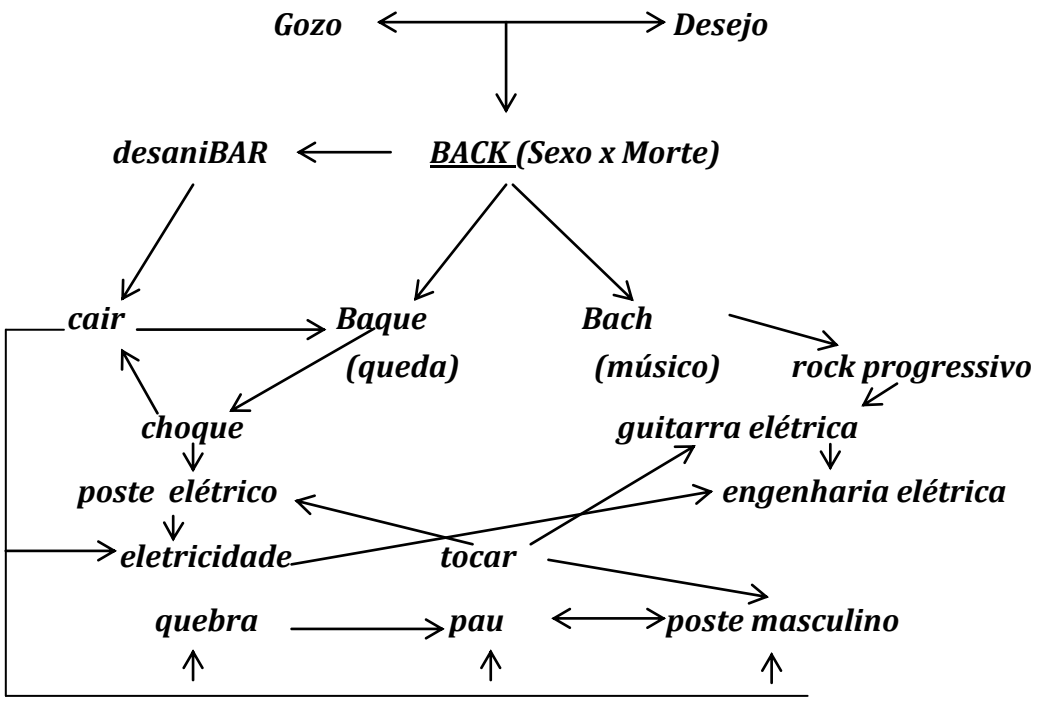
A construção dos casos clínicos nos permitiu sintetizar graficamente o percurso significante realizado ao longo do tratamento analítico dos dois sujeitos de nossa pesquisa:

Figura 2: Rede significante de Barbie



Fonte: Elaboração própria

Figura 3: Rede significante de Back



Fonte: Elaboração própria

Aqui, cabe uma última observação a propósito da escolha. É sabido que da escolha profissional à escolha sexual, o tema escolha é particularmente caro a essa etapa da vida. Por outro lado, muito se tem falado sobre a dificuldade dos sujeitos adolescentes modernos realizarem escolhas, supondo-se que tal dificuldade resida na tentativa de o jovem contemporâneo usufruir de todos os gozos possíveis, em sintonia com a recusa da castração, própria do mundo contemporâneo.

Sem negar, necessariamente, tal influência, gostaríamos de relativizar sua força determinante, com a observação de que talvez a dificuldade tenha raízes diversas. Uma primeira observação, neste sentido consiste em lembrar que, ao contrário das novas gerações, as gerações passadas eram muito pouco ou quase nada convocadas a escolher. Numa sociedade em que o discurso do mestre universal se mantém hegemônico, o desligamento parental se faz por identificação em relação a um modelo cultural substituto. Nesse caso, o espaço para a escolha é extremamente limitado.

No caso das novas gerações, ao contrário, para as quais os ideais propostos à identificação vacilam e o universal cultural se pulveriza em uma miríade de possibilidades, a escolha, mais do que permitida, se faz imposição. Como nos ensina Forbes (2012, p. 31): “Se

antes o mal-estar localizava-se na impossibilidade da realização, hoje ele se manifesta na angústia da escolha." Em outras palavras, se a castração foi, outrora, sustentada pelo ideal do pai, hoje ela tem como fundamento o próprio imperativo da escolha, e uma escolha sem garantias. A este imperativo contemporâneo, a psicanálise virá responder com a escolha da determinação inconsciente, que fundamenta no sintoma a única garantia possível. Isso implica no ato de, a cada passo, se produzir como invenção, sendo este o preço a pagar por sua condição de sujeito.

Por isso, Barbie traz com tanta insistência o tema da garantia. O que garante suas escolhas? Como saber que não vai errar em suas decisões? Como ter certeza de que vai se sair bem? A análise lhe permite produzir sua própria resposta: "Não tem garantia, não é?... E nunca vai ter!" Nesse ponto, adentramos o tema da responsabilidade.

A questão da responsabilidade está implicada na própria origem da psicanálise. Com efeito, quando Freud ([1905]/1969d) pergunta a Dora qual a sua participação na situação da qual se queixava, o que ele estava propondo era algo inteiramente novo: a responsabilidade do sujeito que fala por aquilo de que se queixa. De lá para cá, para além de todas as modificações e acréscimos na teoria e na técnica da psicanálise, este aspecto permanece como um dos seus pilares de sustentação, pelos quais um analista se faz reconhecer.

Falar em responsabilidade quando buscamos avançar na questão da passagem da infância à idade adulta, por menos que se queira, é trilhar uma interface com o campo jurídico. Assim é necessário, antes de tudo, distinguir de que se trata, quando falamos em responsabilidade em psicanálise por distinção da responsabilidade no campo jurídico.

Em seu artigo *Da responsabilidade na psicanálise*, de 1998, Renato Janine Ribeiro esclarece que, do ponto de vista jurídico-penal e, na perspectiva da modernidade, só se pode falar de responsabilidade articulada à ideia de liberdade, ou seja, uma pessoa só pode responder pelo que escolhe, livremente. Isto decorre do fato de que, para essa perspectiva, o sujeito está posto de saída. O sujeito livre é então a causa da responsabilidade.

Considerando que o filhote humano cai no mundo na posição de objeto – a criança como sujeito surge, apenas, por uma suposição do Outro – e que é a partir dessa condição que o sujeito deve advir, o sujeito para a psicanálise é o termo de chegada, o efeito de complexas operações de linguagem. Deste modo, entendemos a passagem da infância à idade adulta como o momento essencial da estrutura em que surge, para esse sujeito, a questão da responsabilidade, a partir de cuja emergência a posição de objeto será, doravante, uma questão de escolha, ainda que uma escolha forçada. Por sua escolha, o sujeito doravante pagará com o gozo – renunciando a ele – ou pelo gozo – acedendo a ele apenas como uma

transgressão geradora de culpa.

Em outras palavras se, entre o gozo absoluto e o desejo se situa a lei, esta se faz representar pelo termo da responsabilidade. Deste modo, podemos situar o intervalo que decorre entre o encontro traumático com o real do sexo e a manifestação do sintoma como o tempo de articulação do sujeito do desejo. Este é o tempo de intervenção do supereu, tempo de uma culpa a ser expiada, de uma dívida a ser paga pela renúncia, somente após o que é possível aceder ao desejo.

Se, como afirma Lacan ([1959-1960]/2008), o real retorna na moral, a culpa que surge pela incidência do supereu constituiria a primeira manifestação de elaboração do real, sob a forma da responsabilização. Quanto a este ponto, retomo a fala de Barbie quando traz a imensa angústia diante do imperativo de escolher o que quer que seja, e ser culpada por uma escolha errada, para a qual não há garantia. Aqui também lembro o sentimento de culpa de Back pela impossibilidade de responder a qualquer um dos apelos maternos e, ao contrário, cair, como o fez seu pai.

Deste modo, acompanhamos a formulação de Ribeiro (1998) quando diz que, na psicanálise, inversamente do que acontece no Direito, caminha-se não do sujeito à responsabilidade, mas da responsabilidade ao sujeito, que se desvela, nos casos clínicos, como sintoma. A responsabilidade está, portanto, no começo, e tem função de causa. Neste sentido, entendemos a formulação lacaniana de que: “[...] por nossa posição de sujeitos, somos sempre responsáveis.” (LACAN, [1966]/1998, p. 873).

Também podemos afirmar que, da responsabilidade quanto ao gozo – uma responsabilidade que tem valor de trauma –, à emergência do sujeito do desejo, este é o desafio que configura a passagem da infância à idade adulta. Trata-se de encontrar um modo singular de tratar o gozo, que se realiza através do sintoma e bem ao largo de todos os discursos sobre a adolescência, com sua carga imaginária e ganho secundário, ainda que esse processo sobrevenha travestido de ‘manifestações sintomáticas’ típicas.

Como resultado desse processo, duas manifestações se apresentam: o sintoma e a sexuação. Nesta pesquisa, nos detivemos na consideração do sintoma, o qual, como vimos, pode ser incapacitante ou não, evidente ou não. De um sintoma incapacitante à possibilidade de que, através de sua elaboração, o sujeito venha assumir como próprio o seu sintoma, este é o caminho para, do ponto de vista psíquico, aceder à liberdade. Pois, como enfatiza Alberti (2009), a única liberdade possível, no entender da psicanálise, é a de escolher a própria determinação inconsciente e se responsabilizar por ela.

Em suma, consideramos a passagem da infância à idade adulta como um momento

capital da vida do sujeito, no qual ele é definitivamente confrontado com a lei que funda a cultura, devendo doravante assumir a responsabilidade por seu gozo ou dito de outra forma, por sua condição de sujeito de desejo. Isso implica no atravessamento da lei em suas dimensões real, simbólica e imaginária. A passagem da infância à idade adulta, com todas as manifestações sintomáticas que exibe na modernidade, é o resultado desse atravessamento, em direção a um ponto de ancoragem de sua garantia. Quanto a isso, é importante assinalar que nada mais fazemos do que considerar a dimensão de responsabilidade do sujeito como o centro da questão colocada nessa etapa da vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho clínico com sujeitos adolescentes indica que a passagem da infância à idade adulta tem sido frequentemente marcada pela dificuldade de emancipar-se da autoridade parental, revelando um aspecto particular da problemática mais ampla da extensão da adolescência na modernidade. Por outro lado, tal dificuldade se faz acompanhar de manifestações sintomáticas variadas, muitas das quais impactam o campo social pelo risco que oferecem ao cumprimento das exigências da vida.

Incluem-se nessa condição ocorrências como uso de drogas, suicídio, violência, transtornos alimentares, que têm em comum o aspecto de configurarem o que se tem chamado de patologias do ato, tanto na vertente das impulsões quanto das compulsões. No sentido inverso, temos assistido ao incremento das depressões e apatias entre adolescentes, no registro das quais se abrigam alterações no plano do desejo e da vontade.

O aporte da teoria psicanalítica nos permitiu situar a problemática central desta pesquisa em torno da noção de lei, na medida em que, para a nossa disciplina, tanto a autoridade quanto o sintoma se articulam a partir desta noção. Enquanto a autoridade se apresenta como veículo da lei, o sintoma, como retorno do recalcado, está encarregado de atualizá-la. Desta conjunção, extraímos o título de nossa pesquisa: *O sujeito adolescente e os impasses frente à lei*.

Para pensar essa questão, foi imperioso recorrer à Freud ([1905]/1969c), quando afirma ser o desligamento da autoridade parental uma das mais importantes e dolorosas realizações psíquicas dessa etapa da vida. Ao lado das formulações sobre a sexualidade, sintetizadas no mesmo artigo, e das observações que faz articulando sintoma, lei e desejo, em vários pontos de sua obra, foram fundamentais, nessa pesquisa, as proposições de Lacan sobre o gozo e suas relações com a Lei. Tal recorte teórico em Freud e Lacan foi essencial para a delimitação de nosso objetivo: examinar, na perspectiva da psicanálise, o processo de desligamento da autoridade parental e os impasses frente à lei em sujeitos adolescentes, articulando-os às manifestações sintomáticas que apresentam, em particular no que se refere à assunção da responsabilidade frente ao gozo e ao desejo.

A questão da responsabilidade, presente em nosso objetivo de pesquisa, remete, por sua vez, à diferença entre as teorizações de Freud e Lacan quanto à inscrição simbólica e formação do laço social. Enquanto a formulação freudiana aposta na submissão ao pai, sob a forma do supereu, e pensa o laço social segundo o modelo dos grupos unidos em torno do líder, a proposição lacaniana da pluralização do Nome-do-Pai segue na direção de maior

responsabilização do sujeito quanto à gestão do gozo, fazendo recair sobre o sintoma singular o peso decisivo da estruturação psíquica. Essa diferença de perspectiva entre os dois autores ecoou uma questão essencial que esteve presente ao longo de toda a nossa investigação: a necessidade de estabelecer uma articulação entre os aspectos estruturais da constituição subjetiva e as contingências contemporâneas relativas tanto às manifestações sintomáticas quanto ao contexto cultural, marcado pelo declínio da imago paterna.

Para responder a tais questões utilizamos o método de construção de caso clínico, no qual buscamos privilegiar a produção significante dos sujeitos pesquisados, fazendo-a dialogar com os conceitos teóricos da psicanálise. Utilizamos em nossa investigação o material clínico de dois sujeitos adolescentes, cujas queixas – depressão e *bullying* – são representativas dos agravos que atingem os jovens contemporâneos. Além disso, nossa escolha incidiu sobre casos que, pela extensão do tratamento, nos permitiram acompanhar a transformação sintomática em conexão com a elaboração significante realizada, a qual pôde ser representada graficamente.

Duas questões surgiram logo à primeira abordagem de nosso tema: que estatuto dar à categoria "adolescente" em nossa pesquisa, considerando que a psicanálise tem como eixo de sua reflexão o sujeito como determinado pela linguagem, para além das ponderações sobre idade. E, como corolário da primeira, que critérios são utilizáveis para delimitar o início e o fim dessa etapa da vida.

No interesse de ampliar essa reflexão, iniciamos por um breve percurso sobre o discurso científico e social sobre a adolescência. Constatamos que cada disciplina define a adolescência segundo critérios particulares ao seu campo de atuação, tendo como resultado que nem sempre as múltiplas definições são compatíveis entre si. Duas características, contudo, são observadas em todas as definições: o reconhecimento da existência da adolescência como categoria destacada da infância e da idade adulta e a noção de que se trata de uma passagem, conquanto os critérios utilizados para sua delimitação ainda sejam objeto de discussão, sobretudo no que tange ao seu fim.

Há, entre os autores considerados, o consenso de que a adolescência é uma invenção moderna, vinculada, portanto, às transformações sociais ocorridas a partir da Idade Moderna. Foi decisivo, para essa concepção, o trabalho de Mead ([1945]/1961), que logrou mostrar que as dificuldades enfrentadas pelo adolescentes, hoje, podem ser referidas as condições culturais da sociedade ocidental contemporânea, noção que tem influenciado largamente a literatura psicanalítica sobre o tema.

O trabalho de Mead ([1945]/1961) também contribuiu para a nossa pesquisa ao

descrever a responsabilidade social das crianças samoanas, por um lado, e, por outro, indicar a integração social dos membros dessas comunidades a partir da puberdade como estando vinculada à obediência em relação a uma lei cultural fundada na partilha dos sexos. Essa observação se mostrou coerente com a noção de responsabilidade que se trata de cernir em nossa própria pesquisa como sendo a responsabilidade quanto ao gozo.

Sobre as balizas que marcam a transição da adolescência, um olhar sobre os rituais de passagem da puberdade, sobretudo em seu aspecto de risco, embasou nossa reflexão sobre o fato de que a eficácia destes rituais parece assentar-se na firme articulação dos três registros que compõem a estrutura: real, simbólico e imaginário, quando comparada ao que, com frequência, ocorre entre nossos jovens, que parecem sofrer de um relativo afrouxamento do nó que mantém unidos os três registros.

Foi possível constatar ainda que o marcado interesse por essa etapa da vida, nas últimas décadas, contribuiu para o desenvolvimento de um discurso científico e social sobre a adolescência. Se, por um lado, tal discurso nos ajuda a melhor compreender os diversos aspectos envolvidos nessa passagem, por outro, exerce forte influência sobre a duração, o modo como essa passagem se realiza, bem como sobre as soluções encontradas para seus impasses, como testemunham os sujeitos de nossa pesquisa (uso de antidepressivos, abandono da análise).

Nesse ponto, a psicanálise pode contribuir com o debate ao chamar a atenção para a singularidade do sujeito, afirmando a importância de permitir-lhe elaborar as questões que se colocam nessa etapa da vida e realizar os remanejamentos subjetivos necessários. Para isso, consideramos imprescindível que a teorização psicanalítica abstenha-se de propor, ela também, um novo discurso sobre a adolescência, que venha conferir-lhe substância como categoria essencialmente destacada da infância e da idade adulta.

Nisso procuramos seguir de perto as elaborações de Freud ([1905]/1969c) e Lacan ([1974]/2003c) sobre o tema, bem como privilegiar, em nossa pesquisa, as contribuições dos autores psicanalíticos (ALBERTI, 2009; PENNOT, 1995; QUINET, 2009) que se colocam advertidos em relação a tal risco. Por esse motivo, optamos por utilizar nesta dissertação as expressões <u>sujeito adolescente</u>, proposta por Alberti (2009), ou <u>sujeito na passagem da infância à idade adulta</u> em lugar de <u>adolescente</u> ou <u>sujeito na adolescência</u>. Pretendemos com isso valorizar a dimensão do sujeito como efeito da enunciação.

Contudo, o qualificativo adolescente acrescido ao sujeito vem sublinhar a importância dessa etapa da vida para a constituição subjetiva, no sentido de que nela algo se inaugura, do mesmo modo como o estágio do espelho ou o Édipo inauguram determinadas aquisições

psíquicas. Nessa perspectiva, acompanhamos a formulação de Pennot (1995), quando afirma que, mais do que uma especificidade, há algo de exemplaridade no sujeito adolescente, apontada em nossa pesquisa como sendo o encontro inaugural com a responsabilidade pelo gozo.

A expressão sujeito na adolescência não seria pertinente à nossa pesquisa na medida em que está fundada na existência da adolescência como categoria, o que, por um lado, não nos permitiria abordar o universal da passagem da infância à idade adulta – na medida em que esta categoria é reconhecida como uma invenção moderna –, e, por outro, incorreríamos no risco de ver o sujeito desaparecer sob uma homogeneização imaginária, em tudo oposta à singularidade valorizada em nossa reflexão.

A análise dos casos Back e Barbie nos permitiu qualificar de modo mais preciso a proposição lacaniana, que vê na passagem da infância à idade adulta um momento capital do encontro com o real do sexo. À diferença do que ocorre na criança, para o sujeito adolescente o caráter traumático desse encontro é potencializado pelo fato de que as figuras parentais – que na infância respondem em grande parte pela gestão do gozo – sofram, no decorrer da segunda infância, um processo de desidealização de longo alcance.

Assim, a passagem da infância à idade adulta representa um tempo em que o Outro se desencarna de seus suportes imaginários (LERUDE, 2009), apresentando-se em toda a sua dimensão de real. Como consequência, a responsabilidade em relação ao gozo se desloca do par parental para o sujeito, que é convocado a inventar uma nova filiação, através do trabalho em torno dos significantes primordiais que lhe deram origem.

Tudo isso foi possível confirmar ao longo de nossa pesquisa. Contudo, a construção dos casos clínicos também conduziu à observação de que, no processo de elaboração simbólica do real, posto em jogo por ocasião da puberdade, há um primeiro tempo de elaboração que se realiza sob a égide do supereu.

Vimos com Freud que o supereu é uma instância crítica que se constitui a partir do recalque do complexo de Édipo, assumindo função de lei que, na estrutura edípica, corresponde ao termo paterno. Na passagem da infância à idade adulta, como consequência da derrocada estrutural das figuras parentais como suportes da lei, o supereu parece sofrer o destino do recalque de que falava Rêgo Barros (2012). Deste modo, as manifestações sintomáticas que nossos sujeitos adolescentes exibem, frequentemente marcadas pelo gozo masoquista, são resultado do retorno do supereu recalcado em toda a sua potência de gozo. Trata-se, aqui, do sujeito mortificado pelo significante ou, em outras palavras, a dimensão real da castração.

Deste modo, as patologias do ato ou as novas formas de sintoma representam, em alguns sujeitos adolescentes, um primeiro tempo de elaboração do encontro com o real do sexo sob a égide do supereu. Esclarece-se, assim, o sentido da depressão que afetou o sujeito Back, e do *bullying* sofrido por Barbie.

No curso dessa dissertação, desenvolvemos a ideia de que é enquanto sentimento de culpa inconsciente que o gozo articula-se à dimensão de responsabilidade com a qual o sujeito adolescente é obrigado a se confrontar. Trata-se, aqui, da face culpada da responsabilidade, em oposição a um modo de responsabilização que, em lugar do paradoxo culpa e castigo, esteja ancorado numa dívida simbólica em relação ao significante mestre que determina o sujeito.

Em outras palavras, faz-se necessário realizar a travessia em direção a uma filiação simbólica que venha substituir o excesso de gozo pela possibilidade de fazer valer o desejo. O que os casos tratados demonstram é que tal filiação se realiza a partir do trabalho significante em torno dos significantes-mestre do sujeito. É a repetição do novo, apenas possível sobre um fundo de ruptura imaginária – a (des) idealização parental –, sendo este o sentido do mito do assassinato do pai.

Verificamos, ao longo da pesquisa, o momento em que a necessidade da estrutura vem convergir com o que é contingente e se apresenta, na modernidade, sob a forma do declínio da imago paterna (LAJONQUIÈRE, 2000). Sem a sustentação da tradição e da figura do mestre como sucedâneo da autoridade parental recusada, a qual teria como finalidade enquadrar a destrutividade inerente ao processo de constituição subjetiva (PENNOT, 1995), essa é potencializada ao ponto do transbordamento.

Como Freud ([1913]/1969n) já havia assinalado em *Totem e Tabu*, a derrocada do pai na cultura não traz a liberação em relação ao gozo, mas, ao contrário, impõe ao sujeito a necessidade de responsabilizar-se pela renúncia.

O exame da produção significante nos casos selecionados indicou que o suporte da lei coincide com o significante-mestre, podendo apresentar-se em sua face simbólica ou real (supereu). Nos casos Back e Barbie, foi possível observar o deslocamento operado entre gozo e desejo como efeito do deslizamento de sentido produzido na análise em torno do mesmo significante extraído do complexo paterno de cada sujeito. É legítimo pensar que os significantes Back e criança conservam a função de cifrar o gozo através de todas as transformações significativas que a análise possibilitou.

Esta observação nos permite retomar a afirmação de Freud ([1905]/1969c) de que o desligamento da autoridade parental é a principal e mais dolorosa tarefa que o sujeito

adolescente deve enfrentar, para significá-la afirmando, por nossa vez, que não há na cena nenhum pai para além daquele que o próprio sujeito pode instituir por seu discurso. Em outras palavras, trata-se de submeter-se à autoridade do significante.

O exame dos casos Barbie e Back confirmaram as proposições freudianas e lacanianas sobre o sintoma, entendido como estrutura psíquica que fixa o gozo resultante da operação de castração. De igual modo, foi possível confirmar a noção do sintoma como uma estrutura organizada pelo significante, e, ao mesmo tempo, estender tal compreensão a manifestações sintomáticas distantes do sintoma neurótico clássico sobre o qual Freud fundou a psicanálise. Com isso, tocamos o aspecto real do significante ou letra.

Nossa investigação nos levou a formular a proposição de que, sob o ponto de vista da psicanálise, a passagem da infância à idade adulta corresponde ao tempo de elaboração de sintoma, com o qual o sujeito enfrenta o encontro com o real do sexo e da morte. Acreditamos haver aí um momento inaugural a ser continuamente atualizado ao longo da vida do sujeito. Nesse sentido, reiteramos nosso acordo com Pennot (1995), quando afirma o caráter de exemplaridade do sujeito adolescente.

De acordo com o percurso realizado ao longo de nossa investigação, o desligamento da autoridade parental realiza-se através da elaboração do sintoma, o qual preserva o significante paterno, sustenta a filiação simbólica e, de igual modo, opera a inscrição simbólica no campo do Outro social. O sintoma, portanto, funciona como o ponto de encaixe no qual articulam-se, no plano simbólico e real, os eixos vertical (filiação) e horizontal (laço social) da subjetividade.

O tema da responsabilidade, presente no objetivo de desta pesquisa, foi compreendido como causa da emergência do sujeito, e, nesse aspecto, os casos clínicos investigados confirmam as disposições da literatura, sendo que, para os sujeitos pesquisados, tratou-se da responsabilidade quanto ao que concerne ao gozo.

Quanto ao tema da escolha, consideramos muito instrutivo o artigo de Freud ([1913]/1969o) sobre os três escrínios, a partir do qual valorizamos nos casos selecionados a repetição dos significantes-mestres da castração (Back e criança). Por outro lado, tal repetição, no contexto do trabalho analítico, esteve no fundamento da escolha profissional (Engenharia Elétrica e História) dos sujeitos pesquisados, pondo em causa o sujeito do desejo.

Reconhecemos o caráter inicial de nossa pesquisa, na qual só foi possível examinar duas manifestações sintomáticas: depressão e *bullying*. Outros sintomas particulares deverão ser abordados em novos estudos. Por outro lado, consideramos que nosso objetivo foi cumprido, na medida em que foi possível acompanhar a articulação estreita que existe entre o

desligamento da autoridade parental e as manifestações sintomáticas apresentadas pelos sujeitos adolescentes, com consequências para a responsabilidade quanto à gestão do gozo. Além disso, esta investigação contribuiu, a nosso ver, para reafirmar a importância de oferecer aos sujeitos adolescentes um espaço de fala no qual seja possível elaborar o encontro com o real do sexo e da morte, articulando gozo, lei e desejo, na direção da responsabilidade pelo próprio destino.

Podemos sintetizar tal articulação afirmando que a passagem da infância à idade adulta implica no atravessamento da lei em suas três dimensões: real, simbólica e imaginária, conquistando a possibilidade de agir no mundo com consequência. Tal atravessamento, como nos adverte Kafka ([1919]/1965) no conto que abre nossa dissertação, depende de um passo singular e de inteira responsabilidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. Primeira edição foi em 1981.

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família.* Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CALLIGARIS, C. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2013. (Série Folha Explica).

CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico:* nova fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DAVID, P. O campo da história e da antropologia. In: DELUZ, A. (Org.). *A crise de adolescência, debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos psiquiatras, pedagogos*. Apresentação: MaudMannonni. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. Cap. 3.

DELUZ, A. O campo da história e da antropologia. In: DELUZ, A. (Org.). *A crise de adolescência, debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos psiquiatras, pedagogos*. Apresentação: MaudMannonni. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. Cap. 3.

EIRE, A. L. Mito y ritual: una aproximación. *Humanitas*, 56, p. 329-364, 2004. Disponível em: < http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas56/13_-__A._Lo_pez_Eire.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2015.

ELIA, L. A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?*Psicologia*. *Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.12, n.3, 1999.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Texto original publicado em 1968.

FARIA, E. (Org.). *Dicionário escolar latino-português.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FERNANDES, A. H. Psicanálise e educação: interfaces e limites .In: MATA, C. et al.(Org.). *Coletânea do Serviço de Psicologia Professor João Ignácio de Mendonça – UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2003. P. 79-86.

FIGUEIREDO, A.C. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*., São Paulo, v. 7, n. 1, p. 75-86, mar. 2004.

FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade*: Psicanálise do século XXI. Barueri: Manole, 2012.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. Texto original publicado em 1895.

FREUD, S. Estudos sobre histeria: caso Katarina. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. Texto original publicado em 1895.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7.*Rio de Janeiro: Imago, 1969c. Texto original publicado em 1905.

FREUD, S. Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: _____. *Obras psicológicas*

completas de Sigmund Freud, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969d. Texto original publicado em 1905.

FREUD, S. O esclarecimento sexual das crianças. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9*. Rio de Janeiro: Imago, 1969e. Texto original publicado em 1907.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9*. Rio de Janeiro: Imago, 1969f. Texto original publicado em 1908.

FREUD, S. *Duas mentiras contadas por crianças*. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9.*Rio de Janeiro: Imago, 1969g. Texto original publicado em 1913.

FREUD, S. Romances familiares. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 10.* Rio de Janeiro: Imago, 1969h.Texto original publicado em 1908.

FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 10.* Rio de Janeiro: Imago, 1969i. Texto original publicado em 1909.

FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 11.* Rio de Janeiro: Imago, 1969j.Texto original publicado em 1910.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 11.* Rio de Janeiro: Imago, 1969k. Texto original de 1908.

FREUD, S. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12.* Rio de Janeiro: Imago, 1969l. Texto original publicado em 1913.

FREUD, S.*A dinâmica da transferência*. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12.* Rio de Janeiro: Imago, 1969m. Texto original publicado em 1912.

FREUD, S. O tema dos três escrínios. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12*. Rio de Janeiro: Imago, 1969n. Texto original publicado em 1913.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13.* Rio de Janeiro: Imago, 1969o. Texto original publicado em 1913.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 13*. Rio de Janeiro: Imago, 1969p. Texto original publicado em 1914.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise, conferência 27. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 16*. Rio de Janeiro: Imago, 1969q. Texto original publicado em 1917.

FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17.* Rio de Janeiro: Imago, 1969r. Texto original publicado em 1918.

FREUD, S. Associações de uma criança de quatro anos. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18*. Rio de Janeiro: Imago, 1969s. Texto original publicado em 1920.

FREUD, S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In:_____.*Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.18*. Rio de Janeiro: Imago, 1969t. Texto original publicado em 1920.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do eu. In: _____. *Obras psicológicas completas*

de Sigmund Freud, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969u. Texto original publicado em 1921.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In:_____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.19*. Rio de Janeiro: Imago, 1969v. Texto original publicado em 1920.

FREUD, S. A organização genital infantil. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.19.* Rio de Janeiro: Imago, 1969w. Texto original publicado em 1923.

FREUD, S. O ego e o Id. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1969x. Texto original publicado em 1923.

FREUD, S.A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19*. Rio de Janeiro: Imago, 1969y. Texto original publicado em 1924.

FREUD, S. [Prefácio a *Juventude Desorientada*, de Aichhorn]. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.19.* Rio de Janeiro: Imago, 1969z. Texto original publicado em 1925.

GROSSMAN, E. A adolescência através dos tempos. *Adolescência Latinoamericana*, v. 1, n. 2, p. 68-74, 1998.

GUIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. 5. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1991. Texto Original de 1990. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.

HERCULANO-HOUZEL, S. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

IRMEN, F. *LangenscheidtsTaschenwörterbuchPortugiesisch*. Munique: Langenscheidt, 1982.

KAFKA, F. Diante da Lei. In: _____. *A colônia penal*. São Paulo: Exposição do Livro, 1965. Texto original publicado em 1919.

KEHL, M. R. . Existe a função fraterna? In: KEHL, M. R. (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. P. 31-42.

KRAMER, M. *Os dez mais bizarros rituais de passagem do mundo*.10 jan.2010. Disponível em: <http://hypescience.com/10-diferentes-ritos-de-passagem-de-todo-o-mundo/>. Acesso em: 22 nov. 2014.

LACAN, J. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987. Texto original publicado em 1980.

LACAN, J. *O seminário, livro 4, a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Texto original publicado em 1956-1957.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Texto original publicado em 1957.

LACAN, J.*O seminário, livro 5, as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Texto original publicado em 1957-1958.

LACAN, J. *O seminário, livro 6, o desejo e sua interpretação*. Tradução da Associação Psicanalítica de Porto Alegre a partir do texto estabelecido pela Association Freudienne Internationale, 2002. Texto original publicado em 1958-1959.

LACAN, J. *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Texto original publicado em 1959-1960.

LACAN, J. *O seminário, livro 10, a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Texto

original publicado em 1962-1963.

LACAN, J.*O seminário, livro 11; os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Caps. XVI e XVII. Texto original publicado em 1964.

LACAN, J. A ciência e a verdade. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Texto original publicado em 1966.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. Texto original publicado em 1938.

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. Texto original publicado em 1969.

LACAN, J. *Prefácio a O despertar da primavera: uma tragédia da juventude*. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003c. Texto original publicado em 1974.

LACAN, J. Televisão. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003d. Texto original de 1974.

LACAN, J. *Le seminaire, livre XXII: RSI*. 1974-1975. Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>. Acesso em: 11 dez. 2015.

LAJONQUIÈRE, L. Psicanálise, modernidade e fraternidade:notas introdutórias. In: KEHL, M. R. (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2000.

LERUDE, M. Mas o que é que constitui então autoridade? In: MELMAN, Charles et al. (Org.). Adolescente, sexo e morte. Porto Alegre: CMC, 2009. (Coleção O Tecelão).

LOPES, R.G. Quem é o sujeito da psicanálise? *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 2008.

MARQUES, M.C. *Da adolescência à vida adulta*: um estudo em representações sociais. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2006.

MEAD, M. *Adolescencia y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidos, 1961. Texto original publicado em 1945.

MELMAN, C. Haveria uma questão particular do pai na adolescência? *Adolescência, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, n.11, 1995. Original publicado em 1987.

NOGUEIRA, L.C. A pesquisa em psicanálise. *Psicol.*, São Paulo: USP, v.15, n.1-2, jan./jun, 2004.

PENNOT, B. A importância da noção de adolescência para uma concepção psicanalítica do sujeito. *Adolescência, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, n.11, 1995.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIES, Philippe, CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*; vol. 5; Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Texto original publicado em 1987.

QUINET, A. Prefácio à segunda edição. In: ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. P. 9-12. Disponível em: <http://www.contracapa.com.br/EsseSujeito.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

RASSIAL, J. J. Entrevista com Jean-Jacques Rassial. *Adolescência, Revista da Associação*

Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre: Artes e Ofícios, n.11, 1995.

RÊGO BARROS, M.R. *Dar corpo ao sintoma no laço social*. 2012. Disponível em: <epb.org.br/wpcontent/uploads/2012/08/Maria_do_Rosario_do_Rego_Barros_Dar_corpo_ao_sintoma_no_laco_social2.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2015.

RIBEIRO, R.J. *Da responsabilidade na psicanálise*. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.renatojanine.pro.br/Cultura/psicanalise.html>. Acesso em: 18 fev. 2015.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: E.P.U., 1993.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970. Original de 1916.

VIGANÒ, C. *O sintoma entre pais e filhos*. Tradução: Vanda de Magalhães Bastos. [19--].

WEDEKIND, F. O. *O despertar da primavera, uma tragédia da juventude.*Tradução de Sheila Ewert, [1891].